ISSN: 1645-4790

4 outubro 2003

missão espiritana

revista das circunscrições espiritanas lusófonas

Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana

BV2300
.H65
M5
no. 4
Out.
2003
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

Título:
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

Director e Sub-Directores:
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Barnabé Sakulenga (Superior Provincial de Angola);
P. Gilberto van Tel (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Alice Areias (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

Conselho de Redacção:
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

Comité de Redacção:
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

Proprietário:
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Direcção, Administração, Assinaturas:
Seminário Torre d' Aguilha
2785-599 S. Domingos de Rana
Tel.: 214 447 530 - Fax: 214 447 539
missaoespiritana@espiritanos.org

Assinatura 2003: Portugal 12€, Outros Países 15€
Edição Avulso: 7€

Design gráfico e capa:
Victor Silva

Composição, paginação e impressão:
Gráfica Povoense, Lda.

ISSN: 1645-4790

Depósito Legal: 181539/02

Tiragem: 500 exs.

BV2300
.H65
M5
no.4
Out. 2003
02134784

sumário

- Editorial 3

- Fontes Espiritanas:
  300 Anos de Vida Espiritana – por GÉRARD VIEIRA 5
  A Congregação do Espírito Santo em Braga
  – por ADÉLIO TORRES NEIVA 31

- Missão Espiritana Hoje:
  Angola – Missão em Situações de Risco
  – por MANUEL GONÇALVES 47

- História e Figuras Espiritanas:
  Distrito Espiritano do Brasil Sudeste (1975-2000)
  – por FRANCISCO FERNANDES CORREIA 67
  Jovens Sem Fronteiras – 20 Anos Solidários na Missão
  – por TONY NEVES 79
  Os Missionários do Espírito Santo em Cabo Verde
  – por MANUEL MARTINS 89
  A Educação Como Missão Espiritana: A Escola Padre Moniz –
  – Cabo Verde
  – por NUNO MIGUEL DA SILVA RODRIGUES 95

- Espiritualidade:
  Caminhar ... Segura pela Mão de Deus
  – por MADALENA BARBOSA VIEIRA 105

- Testemunhos da Missão:
  Testemunhar a Missão de Cristo entre os Pobres
  – por VÍTOR FERROS 113
  JSF – Sopro do Espírito na Igreja – por PAULO VAZ 121

- Biblioteca Espiritana:
  Mensagem de João Paulo II 125
  Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa 128
  Carta Circular da Diocese de Cabo Verde 131
  Jubileu Espiritano em Angola 133
  Conclusão do Jubileu Espiritano em Portugal 135

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

Congregation of the Holy Spirit
USA Eastern Province

editorial

As celebrações jubilares do tricentenário da Congregação do Espírito Santo sob a protecção do Imaculado Coração de Maria tiveram a sua conclusão oficial na Festividade do Pentecostes deste ano 2003. Este número, da revista Missão Espiritana, pretende ser uma homenagem escrita a todos os Espiritanos e seus colaboradores que com a sua vida e suor, o seu sangue e o seu coração, o seu engenho e a sua inteligência, fizeram nestes 300 anos de vida e missão uma história missionária de que a Congregação se sente honrada, apesar das fragilidades, fracassos e erros a que não escaparam alguns dos seus membros.

Conscientes de que a história é inspiradora do presente, percorremos, com o artigo de Gérard Vieira, as grandes etapas desta caminhada, desde os seus juvenis começos com Poullart des Places até aos nossos dias. O artigo de Adélio Torres Neiva recorda-nos a chegada e a gratificante presença da Congregação na cidade de Braga. Mostra-nos de forma clara e inequívoca como a inserção na Igreja local e a atenção à sociedade do tempo, suscitaram novos dinamismos que fizeram crescer a Congregação. É desse crescimento, mas em contexto missionário ad gentes, que fazem eco os artigos de Manuel Martins e Nuno Rodrigues sobre a presença dos Espiritanos em Cabo Verde e o artigo de Francisco Fernandes Correia sobre os 25 anos de existência do distrito espiritano do Brasil Sudeste.

Não se trata de «viajar» pelos Arquivos da Congregação. Trata-se antes de uma oportunidade de reencontrar as fontes espiritanas para programar um novo futuro, sem dúvida, diferente. O artigo de Manuel Gonçalves sobre a Missão em situação de risco, a partir da releitura da sua experiência pessoal em Angola, e a reflexão espiritual que nos apresenta Madalena, da sua própria vivência nesse mesmo contexto difícil, mostram-nos como a força do Espírito tem confundido poderosos e vai conduzindo, por meios frágeis e provisórios, a história daqueles que são ignorados da história e só fazem número nas estatísticas de pobreza, guerra e miséria. Foi assim que, ao longo da história, o Espírito de Deus foi indicando aos Espiritanos como se acercarem dos pobres e serem para eles uma centelha de esperança, em fidelidade criativa aos Fundadores Poullart des Places e Francisco Libermann. Não se trata de um regresso ao passado, trata-se antes de descobrir um passado com futuro ou, como diz um dos articulistas, um regresso ao futuro.

O artigo de Tony Neves, sobre os 20 anos do movimento juvenil de animação missionária - Jovens Sem Fronteiras - mostra-nos como há um novo futuro que se vai escrevendo. O testemunho de Paulo Vaz sobre os Jovens Sem Fronteiras a que dedicou alguns anos da sua juventude e a partilha de

Victor Ferros sobre a sua experiência missionária em Cabo Verde, vêm reforçar a convicção de que há uma esperança à qual a Congregação do Espírito Santo vai dando corpo nas mais diversas situações e continentes: o continente africano, por um lado e o «continente» jovem, por outro. Renovamos o ensejo de fazer eco na nossa revista daquilo que os jovens vivem e reflectem sobre a Missão da Igreja em contexto espiritano.

Os documentos apresentados na secção final são os textos oficiais que o Papa João Paulo II e os bispos de Portugal, Cabo Verde, Angola e S. Tomé e Príncipe publicaram por ocasião da celebração dos 300 anos da Congregação do Espírito Santo. Revelam o apreço da Igreja universal e local pela missão da Congregação, sempre caracterizada por uma profunda comunhão com a Igreja local, mas apontam também no sentido de renovar o entusiasmo e fogo missionário que o Espírito Santo suscita no coração de cada um. É o apelo que fica da celebração dos 300 anos - um novo começo, aberto à novidade que o Espírito suscita para reflectirmos sobre os caminhos com que o futuro nos desafia. A nossa revista Missão Espiritana aceita o desafio e conta também com a reflexão de todos.

José Manuel Sabença

300 anos de vida espiritana[1]

O acto definitivo é assinado a 24 de Agosto de 1848 e a aprovação da Propaganda é dada a 10 de Setembro do mesmo ano: a Sociedade do Sagrado Coração de Maria desaparece e os seus membros são convidados a integrar-se na Congregação do Espírito Santo. Tendo a Propaganda escolhido o P. Monnet como Vigário Apostólico de Madagáscar, muito naturalmente o P. Libermann é eleito 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, a 23 de Novembro de 1848.

27 de Maio de 2003 é o dia exacto do 300º aniversário em que o jovem Poullart des Places, rodeado por alguns estudantes, se consagrou com eles ao Espírito Santo, na Igreja de Saint Etienne des Grès (que já não existe), aos pés da imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso (que actualmente se encontra na casa das Irmãs de S. Tomás de Villeneuve em Neuilly). Deste modo, no Pentecostes de 1703 nascia um Seminário e uma comunidade consagrados ao Espírito Santo sob a invocação da Virgem Imaculada. Em que se tornou este projecto decorridos três séculos?

As biografias das nossas grandes figuras espiritanas, Cláudio Francisco Poullart des Places, Libermann, e os Beatos Tiago Laval e Daniel Brottier, são bem conhecidas. É inútil repeti-las... Tentemos antes salientar algumas fases importantes destes três séculos.

O Seminário do Espírito Santo querido por Poullart des Places[2]

O desejo do fundador é simples: quer fundar um seminário para estudantes pobres que depois aceitariam consagrar a sua vida à evangelização doutros pobres. Desde o princípio tem em vista um seminário «apostólico»

---

* Gérard Vieira, missionário espiritano, exerceu o seu apostolado na Guiné de 1954 a 1967 e no Senegal de 1967 a 1998, onde exerceu a função de superior principal. Actualmente é o responsável dos Arquivos Gerais da Congregação do Espírito Santo, em Chevilly-Larue, França.

[1] Ver também *Mémoire Spiritaine* nº 16, Novembro de 2002.

[2] Joseph Michel, Cssp, *Claude François Pouulart des Places, fondateur de la Congrégation du Saint-Esprit, 1679-1709*, Editions Saint-Paul, Paris,1962. Uma actualização mais recente no nº16 de Joseph Michel, *Mémoire spiritaine*.

e não um seminário para padres diocesanos. Quando se lança nesta fundação, ainda não é padre; tem portanto de continuar ao mesmo tempo os seus estudos eclesiásticos. Porém os candidatos aparecem em grande número. Em 1704, a obra tem já 40 alunos, em 1709 cerca de 70. Desde o início, Cláudio Francisco Poullart des Places tem a convicção de que sozinho não conseguirá formar estes jovens. Daí nasce a ideia de associados, reunidos na *comunidade* do Espírito Santo: eles seriam os formadores dos seminaristas. Os «Espiritanos» propriamente ditos pertencem a esta comunidade, sobretudo como professores e directores: são necessariamente pouco numerosos. No livro - *razão dos membros da Congregação*, só estão ins-critos 62 nomes de 1703 a 1848, ou seja durante 145 anos. Ora o Sagrado Coração de Maria[3] fundado por Libermann conhece o seu 62º membro a 31 de Março de 1846 - Paul Guimet entra nesta data no escolasticado, ou seja, menos de cinco anos depois da fundação da Sociedade dos Missionários do Sagrado Coração de Maria. Vê-se imediatamente: mesmo sendo semelhantes as perspectivas dos dois fundadores, «evangelizar os pobres», os meios postos em prática são muito diferentes. Pelo contrário, os seminaristas que passaram pelo Seminário do Espírito Santo são centenas, em particular sob a direcção do P. Bouic, o terceiro superior, que está à frente do seminário durante cinquenta e três anos[4].

Alguns antigos do Seminário do Espírito Santo

A Revolução Francesa apoderou-se dos arquivos do Seminário. Muitos documentos perderam-se, alguns ficaram nos Arquivos Nacionais. Mas não há mais listas de alunos, por ano, no século XVIII ... Com buscas e leituras ao acaso, alguns nomes reaparecem. A amizade que une Poullart des Places e Grignon de Montfort permite a este último encontrar no Seminário do Espírito Santo muitas ajudas para as suas missões interiores[5] ou para a direcção das suas obras.

A tradição perpetua-se depois da morte de Poullart. Eis por exemplo *«o que diz o Padre Besnard que esteve no Seminário do Espírito Santo antes de se tornar membro da Companhia de Maria e Superior Geral: "O Seminário do Espírito Santo querendo manter com os discípulos do homem de Deus* (Luís Maria Grignon de Montfort) *a relação que ele próprio tinha estabelecido com eles, enviou o P. Croissant, P. Balech... e P. d'Izy"*[6]. *É a partir de 1734 que estes três jovens padres chegaram a Saint-Laurent, depois do contrato oral feito entre Luís*

[3] Ordenado padre a 18.09.1841, o P. Libermann abre a sua casa de la Neuville, nos arredores de Amiens, em 27 de Setembro, 9 dias depois.

[4] P. Bouic sucede ao P. Garnier em Março de 1710. Este último portanto só esteve à frente do Seminário durante seis meses.

[5] H. Koren, *Les Spiritains. Trois siècles d'histoire religieuse et missionaire*, Paris, Beauchesne, 1982, p. 30-32.

[6] P. Besnard, *Vie de Louis-Marie Grignon de Montfort*, 1770, nº 254-255. Extracto duma comunicação do Irmão Bernard Guesdon, arquivista, em Roma, dos Irmãos de S. Gabriel (04.10.2002). O que se segue vem igualmente dele.

Maria e Poullart des Places e, a seguir a ele, com o Padre Bouic. Eles portanto deixaram o Seminário sem o deixar de coração. É o Padre Mulot, sucessor de Luís Maria, que os acolheu. O Padre José Maria Corentin Croissant entrou em Saint-Laurent em 1734 e o Padre Servais Balch (ou Baleq) em 1739. Este nasceu em Brélès na Finisterra, a 06.11.1709. Foi capelão do Hospital de S. Luís, em La Rochelle, de 1740 a 1754, depois superior das "Escolas Caritativas" de La Rochelle, de 1754 a 1789. Morreu nesta cidade a 17 de Janeiro de 1789».

O P. Balch cumpria assim as vontades testamentárias do Padre de Montfort que queria consagrar alguns dos seus Irmãos a fundar "Escolas Caritativas", portanto escolas para os pobres. Um outro antigo do Seminário, o P. Duchêne, depois de ter estado preso durante a Revolução, torna-se, em 1810, superior dos missionários do Espírito Santo, isto é, dos Monfortinos[7]. Um grande número de padres saídos do «Espírito Santo» partirão para a Ásia e América do Norte (trataremos disso um pouco mais à frente). É claro: o seminário serve de «viveiro» para as dioceses ou as congregações religiosas. Mas acontece que mesmo alguns investigadores não evitam a confusão entre «antigos do Seminário do Espírito Santo» e «Espiritanos». O P. Bourgade, por exemplo, torna-se, à saída do seminário, missionário na Reunião, em 1839, depois capelão da marinha. Não é «espiritano» no sentido estrito[8].

O P. Luís Bouic e o reconhecimento legal do seminário

O Seminário vai funcionar sem aprovação oficial nem do rei nem do bispo. Contudo eles o conhecem bem, pois que um e outro o subsidiam. Poullart des Places morre a 02 de Outubro de 1709. O seu sucessor, P. Garnier apenas lhe sobrevive alguns meses, até Março de 1710. O que vai obrigar o **P. Bouic**, o terceiro superior, a procurar um reconhecimento canónico e jurídico, é um legado de 44000 libras[9] que o Padre Lebaigue, padre de Saint-Médard, faz ao seminário, em 1723. No seguimento de diversos processos, o P. Bouic será levado a renunciar a este legado, mas continuará a fazer diligências para obter o reconhecimento legal do seu seminário. Isto leva à concessão das primeiras cartas régias de Luís XV, a 02 de Maio de 1726[10]. Estas reconhecem o carácter único da orientação deste seminário. Manifestam-se múltiplas oposições, sobretudo jansenistas, que retardam até 1734 o registo destas cartas pelo Parlamento. P. Bouic não esperou o fim

---

[7] Cf., P. Koren, *Aventuriers de la Mission*, Paris, Karthala, 2002, p. 116.

[8] O P. Albert David cita alguns antigos do seminário que se põem à disposição de Grignon de Montfort, em *Les Missionaires du Saint Esprit*, p. 16 com as notas 2 e 3.

[9] Uma libra dos anos 1720-1730 vale 42 F de 1996 (segundo o QUID). 44.000 libras representam portanto 1.848.000 francos franceses, 184.800.000 fr. fra. ou ainda 281.725,78 euros: uma soma considerável.

[10] Estas cartas são confirmadas por outras três (17 de Dezembro de 1726, Julho de 1727, 14 de Abril de 1733). *Notes et Documents relatifs à l'histoire de la Congrégation du Saint Esprit sous la garde de l'Immaculé Cœur de la B. V. Marie* (NDH), 1703-1914, Paris, Casa Mãe, 1917, pp. 3, 7, 10 e 15.

destas negociações para comprar, em 1731 um terreno na esquina da rua des postes[11] e do campo de vinhas sem saída, onde actualmente se encontra a Casa mãe. É igualmente em 1734, a 02 de Fevereiro, que Mgr de Vintimille, arcebispo de Paris, aprova as *Regras Latinas* da Congregação[12]. Graças à perseverança do P. Bouic, depois de dez anos de lutas, a Congregação tem no futuro existência legal.

A Comunidade do Espírito Santo torna-se Congregação missionária

As primeiras obras exteriores, aceites pelo P. Bouic, consistem ainda na direcção de seminários: em Meaux, depois em Verdun[13]. É o Padre de "Isle-Dieu"[14], capelão-mor do rei para as colónias, que vai fazer sair de França a Congregação. Vários padres, formados no Seminário do Espírito Santo e recrutados por ele, tinham partido em missão para o **Canadá**, primeiro para o seminário de Québec, depois para um trabalho de primeira evangelização ou de acompanhamento pastoral dos colonos franceses e dos Índios na Acádia[15]. O Padre de «l'Isle-Dieu» tem-nos em grande consideração. Estes padres, como Le Loutre[16] ou Maillard, por solidariedade com os Acadianos, estão muitas vezes implicados na guerra franco-inglesa do século XVIII[17], bem como na «grande perturbação» como se chamava nessa época, o exílio e a deportação dos Franceses do Canadá. Alguns acadianos refugiam-se então nas ilhas Saint Pierre-et-Miquelon, em 1763[18]. O padre de l'Isle-Dieu que servia de intermediário entre o rei e a Propaganda, sugere que se confiem estas ilhas à Congregação. Isso acontece de facto em 1765 e o P. Becquet, sucessor do P. Bouic, é encarregado em 1766, de propor um Prefeito

---

[11] Actual «30 rua Lhomond».

[12] Poullart des Places tinha escrito somente os *Regulamentos* relativos ao seminário e aos seminaristas.

[13] Também, no princípio do século XIX, M. Germain Baradère, membro da *Comunidade do Espírito Santo*, dirigirá o seminário de Tardes. É o irmão de Henrique Baradère, Prefeito apostólico de S. Luís, no Senegal.

[14] Este nome vem-lhe da abadia que ele tinha recebido em «comenda», isto é, em benefício eclesiástico. Chamava-se Pedro de la Rue (1688-1779). O bispo de Québec tinha-o nomeado seu vigário geral em França, sobretudo com o fim de recrutar padres para o Canadá.

[15] H. Koren, *op. cit.*, pp.52 a 119. Mais recente, cf., H. Koren, *Aventuriers de la mission. Les Spiritains en Acadie et en Amérique du Nord, 1732-1839*, Paris, Khartala, 2002. Coll. Mémoire d'Eglises, H. Koren, 1962, Duquesne University Press, Pittsburg, USA. Entre estes padres enviados para o Canadá, um companheiro de Poullart des Places, M. Allenou de la Ville-Angevin, in, H. Koren, *Les aventuriers de la mission*, *op. Cit.* pp. 118-123. Ver também, Albert David, *Les missionaires du Séminaire du Saint-Esprit à Québec et en Acadie au XVIII siècle*, Société d'Histoire du Canada, Paris, 1926.

[16] Além das obras citadas, ver também, *Archives Cssp* Chevilly-Larue, 2D 19.la, fonds Albert David. Este mesmo fonds possui numerosos documentos sobre S. Pierre et Miquelon (2d 19.2--3).

[17] É preciso lembrar-se que nessa época, Inglês era sinónimo de Protestante.

[18] Depois do tratado de Paris que assinala o fim do império colonial francês.

Apostólico. Depois envia-lhe padres do seminário. É o primeiro território confiado à Congregação. A partir deste momento, o P. Becquet assina as suas cartas para Roma "Superior Geral da Congregação do Espírito Santo"[19].

É o mesmo padre de l'Isle-Dieu que intervém a favor da Guiana. Os Jesuítas evangelizavam a parte Nordeste da América do Sul. Mas a sua congregação é suprimida em 1764. O padre intervém então junto da Propaganda, em carta de 05 de Junho de 1769: depois de ter tratado de diversos assuntos, faz o elogio dos padres enviados para Saint Pierre-et-Miquelon: "Temos aí duas excelentes pessoas para Missionários, o primeiro, P. Becquet[20], Prefeito Apostólico de S. Pierre é um homem instruído, íntegro e firme, mas prudente e sábio, moderado quando é preciso...O segundo, Mgr Paradis, Vice-Prefeito de Miquelon, é uma pessoa cheia de boas maneiras e de piedade, mas cuja força e saúde infelizmente não correspondem ao seu zelo, à sua solicitude e actividade por todas as boas obras".

É então que ele volta à questão da Guiana: "Confesso-lhe, Monsenhor, que tenho imensa alegria e consolação por ver confiar a missão de Cayenne ao Seminário do Espírito Santo onde durante 38 anos fui responsável, como vigário geral de todas as missões francesas e cuidadoso da vasta e imensa diocese de Québec na América Setentrional, só fiz passar pessoas distintas e formadas no Seminário do Espírito Santo e que todas ultrapassaram sempre as minhas esperanças sem que nunca nenhuma fosse desmentida"[21].

"Confesso-lhe, Monsenhor, que tenho imensa alegria e consolação por ver confiar a missão de Cayenne ao Seminário do Espírito Santo

Roma e o rei de França escolhem então o Seminário do Espírito Santo para os substituir[22]. P. Becquet aceita e compromete-se a fornecer padres, tanto quanto possível formados no Seminário. À morte do padre de l'Isle-Dieu, em 1779, aos 91 anos, o superior do seminário torna-se ele mesmo o intermediário oficial entre o rei e a Propaganda, particularmente, no que diz respeito, à nomeação dos Prefeitos Apostólicos e ao envio dos missionários.

Outros padres, antigos alunos do Seminário partem para as missões do Extremo Oriente. Nesta época eles são obrigados, para isso, a passar pelo intermediário das Missões Estrangeiras de Paris (MEP)[23] que tinham o monopólio dos transportes gratuitos nos barcos do rei que partiam para a Ásia[24]. Muitos espiritanos enviados sob a sua protecção, são considerados

[19] *NDH*, p. 19.

[20] Este P. Becquet é parente de François Becquet, superior da Congregação do Espírito Santo.

[21] Carta manuscrita (por um secretário), assinada pelo padre de l'Isle-Dieu em 05.06.1769,*Arquivos da Propaganda, cartas do Canadá*, folhas 250 a 254, Roma. Nesta mesma carta, o padre de l'Isle-Dieu propõe já substituir os Prefeitos Apostólicos por bispos «in partibus», para reforçar a autoridade dos chefes de missão. O P. Libermann realizará esta petição em 1850!, para as Antilhas e Reunião.

[22] Isso faz-se oficialmente pelas cartas régias de Julho de 1777 (*NDH*), pp. 19-20.

[23] H. Koren, op .cit., pp. 44-51.

[24] Os primeiros padres partidos para a América do Norte tiveram de passar pelo mesmo caminho. Mas os M.E.P. não quiseram confirmar o "ordenado" e não os inscreveram nas suas listas, contrariamente aos candidatos para a Ásia: H:KOREN, *Aventuriers de la mission*, pp. 18-19,25, 11ss. A. DAVID, *Les Missionnaires du Séminaire du Saint Esprit à Québec et en Acadie au XVIII siècle*, Société d'Histoire du Canada, Paris, 1926. O padre de l'Isle-Dieu, a partir de 1752, dirige-se directamente ao Seminário do Espírito Santo. (A. DAVID op.cit. p. 32).

agora como «Missões Estrangeiras». Na primeira parte do século XVIII, "entre os seis bispos enviados pelas Missões Estrangeiras para o Extremo Oriente, quatro eram Espiritanos"[25], Urbain Lefèbvre. Edme Betat no Cambodja[26], Luís Devaux[27] em Tonquim, Jean Maigrot na China.

Congregação do Espírito Santo vê-se encarregada do Senegal

Na África a Congregação do Espírito Santo vê-se encarregada do Senegal de maneira bastante inesperada. Os PP. Dominique Déglicourt e Jacques Bertout tinham embarcado no Havre, a 24 de Abril de 1778, no barco à vela *Le Marin*, com destino a Cayenne. Mas o barco encalha em Arguin, em frente à costa da Mauritânia; os sobreviventes (entre os quais dois padres) conseguem alcançar a praia e são feitos prisioneiros pelos Mouros. Vendidos aos Ingleses que então ocupam S. Luís, exercem o seu ministério durante algumas horas[28] antes de embarcar para a Inglaterra. Libertados por um corsário francês na Mancha, são interrogados, em Paris, pelo Ministro da Marinha, o que talvez o leva a organizar uma expedição para retomar o Senegal. Bertout, doente, fica na França. Déglicourt parte, imaginando ir para a Guiana. Durante a viagem toma conhecimento do verdadeiro destino do barco. A tomada de S. Luís faz-se sem derramamento de sangue, a 29 de Janeiro de 1779. O P. Déglicourt começa logo o seu ministério, com alguns problemas porque os poderes que tinha recebido eram válidos para Cayenne mas não para a África! O Superior do Seminário, P. Becquet, alcança-lhe o título de Prefeito Apostólico. Ele próprio nunca assina este título... mas reclamará ao Ministério os complementos de vencimento devidos à sua posição! Em 1781, no seu regresso a França, trabalha como professor no Seminário do Espírito Santo e depois no de Meaux. P. Bertout vai desempenhar um papel essencial, como sexto Superior Geral da Congregação do Espírito Santo.

A partir de 1779, o Seminário do Espírito Santo está encarregado de fornecer os Prefeitos e os padres necessários para o Senegal[29]. Até 1852 suceder-se-ão treze Prefeitos. Não pertencem necessariamente à comunidade ou Congregação do Espírito Santo mas dependem do seu superior. É o caso, também dos primeiros padres senegaleses, Boilat, Fridoil e Moussa

---

[25] H. Koren, op.cit. pp. 44-45. Vários outros bispos de origem espiritana serão ainda nomeados depois. Cf., os trabalhos de Catherine Marin, particularmente dois artigos: *"Du Séminaire du Saint-Esprit à la mission de Cochinchine"*, Edme Bénétat (1713-1761), *Mémoire Spiritaine*, nº 1, 1995/1, pp. 41-59; *«Du Saint-Esprit aux Missions Étrangères de Paris»*, Monseigneur Guillaume Piguel (1722-1771), vigário apostólico de Cochinchina, *Mémoire Spiritaine*, nº 11, 2000/1, pp. 12-29. Cf., *Aventuriers de la Mission*, op. cit., p.11.

[26] Cf., Catherine Marin, em *Mémoire Spiritaine* nº 1, p. 41ss.

[27] Cf., H. Koren, *Aventuriers de la mission*, op.cit., p.115.

[28] O governador inglês concede-lhes o direito de baptizar e confessar mas não de celebrar a missa. Deglicourt e Bertout são ambos membros associados da Congregação. Estas poucas horas passadas em S. Luís permitem-lhes ver as grandes necessidades da população católica. O mais recente estudo, André Zysberg, *«Rude croisière pour deux missionnaires au siècle des»*, *Histoires d'Archives*. Recolha de artigos oferecidos a Lucie Favier pelos seus colegas e amigos, Paris, Sociedade dos amigos dos Arquivos de França, 1997, pp. 345-368.

[29] Na realidade, para S. Luís e Gorée, as duas administrações francesas.

que terminaram os seus estudos no Espírito Santo. Entre estes Prefeitos destacamos o P. Baradère que trabalha em S. Luís entre 1820 e 1822. Conheceu a Madre Javouhey[30] e é talvez dele que a Madre herdou a paixão dum seminário para seminaristas negros. Baradère desejava que eles fossem formados na sua terra[31]. Antes de enviar para França os jovens seminaristas, Ana Maria Javouhey tinha em vista fundar um seminário em Dagana, ao lado do rio... A partir de 1852 até aos nossos dias (em 2003), o Prefeito e depois o bispo de S. Luís será sempre um espiritano.

A Revolução francesa e as suas consequências

Com a Revolução francesa, a Congregação está ameaçada de desaparecer: a 02 de Novembro de 1789, são confiscados todos os bens eclesiásticos. Mas sobretudo, a 18 de Agosto de 1792, a Assembleia legislativa suprime as congregações, especialmente a do Espírito Santo. Os imóveis são confiscados. Contudo, no plano religioso, a comunidade conserva a sua existência canónica enquanto tiver um superior e membros vivos[32]! P. Jacques Bertout, sobrinho do P. Duflos, vai assegurar-lhe a sobrevivência. Refugiado na Inglaterra durante os anos difíceis e sangrentos da Revolução, volta para França em princípios de 1802, revê o P. Duflos, o superior da congregação[33] e pensa em reorganizá-la.

É Napoleão que nesse tempo dirige os destinos da França. Com a sua preocupação de «racionalizar» as coisas, decreta que haverá apenas uma congregação para as missões estrangeiras. De facto, são os Lazaristas que ficam privilegiados. No entanto Bertout continua os seus encontros com os outros superiores de congregações e também com os novos governantes da França, em particular o Sr. Portalis, ministro do Culto. Obtém deste modo o restabelecimento do Seminário do Espírito Santo pelo decreto imperial de 23 de Março de 1805[34]. Este decreto diz expressamente que o seminário deve ter em vista as missões. Uma parte dos bens é-lhe entregue, mas o imóvel da rua des Postes tinha sido alugado a M. Pierre Angar, e depois vendido à viúva Mme Angar[35] em 1796. Esta, muito atenciosa para com os padres, alojava, durante estes duros anos da revolução, o P. Duflos e alguns

---

[30] Cf., Geneviève Lecuir-Nemo, *Anne-Marie Javouhey, Fondatrice de la congrégation des soeurs de Saint-Joseph de Cluny (1779-1851)*, Paris, Karthala, 2001, (Coll. Mémoire d'Eglises).

[31] Baradère tinha um irmão, Eléonore Germain, inscrito entre os 62 espiritanos. Será superior do Seminário de Tarbes. Para as ideias de M. Baradère, ver a sua carta de 25.05.1821 ao superior do Espírito Santo, *Archives CSSp*, 311, 3c nº 38.

[32] Jean-Marie Duflos sucedeu a Becquet a 06 de Novembro de 1788. Depois dos acontecimentos de 1792, só ficam com ele em Paris três professores do Seminário.

[33] M. Duflos, paralítico e quase a voltar a ser criança, não está em condições de governar, e ainda menos de restaurar a congregação. Morre a 28 de Fevereiro de 1805.

[34] Le 2 germinal an XIII, *NDH*, pp.25-26.

[35] Eles tinham um filho padre, André, vigário em Paris, massacrado com muitos outros nas prisões de Carmes em 1792 e beatificado depois como confessor da fé mártir. Cf., *Archives CSSp, dossier la Croix Valmer* 2 G 12.1a4; Jean.

dos seus confrades. Em Abril de 1805, Bertout torna-se membro do *Conselho Superior das Colónias*. Este Conselho tinha sido fundado pelo Cardeal Fesch, capelão-mor do imperador, arcebispo de Lyon e encarregado das missões do ultramar. Em Outubro de 1808, o P. Bertout abre, numa casa alugada[36], um pequeno *colégio preparatório para as missões*. As suas pacientes negociações são de novo postas em cheque em Setembro de 1809, quando Napoleão é excomungado pelo Papa Pio VII[37]. O imperador irrita-se e suprime todas estas medidas tomadas em favor dos diferentes institutos reconhecidos. Mas este decreto não parece ter tido efeito real[38]. Depois da queda do imperador[39], Luís XVIII, por decreto de 03 de Fevereiro de 1816, dá novamente à Congregação do Espírito Santo a sua existência legal e a personalidade civil[40]. Ao mesmo tempo ela é reintegrada, teoricamente, na sua antiga casa da rua des Postes: devia entender-se com a Universidade visto os edifícios estarem então ocupados pela Escola Normal. Em 1817, depois de muitas peripécias e apesar da oposição do Ministro dos Cultos, o P. Bertout consegue recuperar aos herdeiros de Mme Angar os antigos lugares do Seminário do Espírito Santo[41]. O acordo é feito diante do notário a 13 de Setembro. Este acordo é ratificado por decreto real de 21 de Dezembro de 1819. Este determina que a Congregação está especialmente encarregada de fornecer os padres necessários para o serviço paroquial nas colónias[42]. A Universidade custa a ceder para deixar os lugares. Contudo é assunto arrumado em 1822: a reinstalação da obra faz-se a 08 de Dezembro, na presença de Mgr de Quélen, arcebispo de Paris[43]. A 07 de Fevereiro de 1824, a Congregação recebe o reconhecimento de Roma: para o futuro, depende da Sagrada Congregação da Propaganda para tudo o que diz respeito às missões. P. Bertout agia em tudo como verdadeiro superior; ele só será eleito canonicamente a 16 de Julho de 1826, pelos 7 membros que restavam da Congregação. Sem esperar ter um título especial, salvou a Congregação, material e legalmente.

A 07 de Fevereiro de 1824, a Congregação recebe o reconhecimento de Roma

No entanto o número dos seus membros é tão pequeno que a própria existência da Congregação está em perigo. Além disso, a vinda de Luís Filipe, depois da revolução de Julho de 1830, arrasta a supressão de todos os subsídios. Bertout morre a 10 de Dezembro de 1832. Sucede-lhe o P. Amable Fourdinier e pensa em associar à Congregação os padres do clero colo-

---

[36] No nº 33 rua do Cherche-Midi. M. Bertout mora na rua do Bac.

[37] As tropas de Napoleão haviam invadido os Estados Pontifícios!

[38] *NDH*, p.27: "Este decreto, promulgado *ab irato*, [...] é olhado como ilegal".

[39] Depois da sua derrota em Waterloo, Napoleão vai para o exílio na ilha de Sta Helena e a realeza é restabelecida em França.

[40] *NDH*, pp.29-31.

[41] *NDH*, pp.31-33

[42] O Ministro da Marinha e o do Interior financiam o essencial da compra, com um subsídio de 106.000 Frs.

[43] De momento é o seminário menor que é mudado. De facto, isso é tornado possível a seguir ao decreto de Luís XVIII (06 de Setembro de 1822): este, na sequência de diversos incidentes, suprime a Escola Normal.

nial, mas estes, na sua grande maioria, não aceitam o projecto. À morte de Fourdinier, a 05 de Janeiro de 1845, Nicolas Wernet sucede-lhe transitoriamente, por alguns meses. Depois dele, o P Alexandre Leguay retoma sob outra forma a ideia de valorizar a Congregação. Imagina duas categorias de membros: os membros propriamente ditos, que põem em comum uma parte dos seus bens e os associados que têm apenas um laço espiritual com a Congregação. Prevê igualmente uma orientação única para as missões, dependendo então a Congregação do Espírito Santo unicamente da Congregação da Propaganda. Estas novas disposições são aprovadas por Roma a 21 de Fevereiro de 1848. De facto, o problema do pessoal da Congregação só será resolvido verdadeiramente pela união com a Sociedade do Sagrado Coração de Maria[44].

Francisco Libermann e a Sociedade do Sagrado Coração de Maria

Francisco Libermann, sendo apenas seminarista, entra em cena em 1840, quando parte para Roma, contra toda a prudência humana, levado por uma intuição interior ou antes pela luz do Espírito[45]. A 11 de Março apresenta um memorando à Propaganda, onde expõe o projecto da «Obra dos Negros»[46] e da Sociedade que poderia realizá-lo[47]. A Propaganda é favorável ao projecto, mas para que ele se concretize, é necessário que Libermann seja sacerdote. As coisas, depois, encadeiam-se muito depressa, até a ordenação sacerdotal, a 27 de Setembro de 1841, pelo bispo de Amiens, graças à benevolência de Mgr Collier que o encardina no seu Vicariato Apostólico da ilha Maurícia; a abertura do Noviciado dos Missionários do Santíssimo Coração de Maria, a 27 de Setembro de 1841, e a partida dos primeiros missionários. Depois de 1841, Libermann envia o P. Tiago[48] Laval para a ilha

A 11 de Março apresenta um memorando à Propaganda, onde expõe o projecto da «Obra dos Negros» e da Sociedade que poderia realizá-lo

[44] Sobre este período, cf., NDH, pp.39-46.

[45] Paul Colon e Paule Brasseur, *Libermann, 1802-1852. Une pensée et une mystique missionnaires*, Cerf, Paris, 1988. Nesta obra, que reúne várias contribuições, encontrar-se-á uma excelente «crónica biográfica», pp. 89 a 129. Para uma apresentação mais desenvolvida do itinerário de Libermann, ver *Mémoire Spiritaine* n.º 16 a contribuição de Paul Coulon, "Le chemin de Libermann: de l'Exode d'Israel à la kénose du serviteur (1802-1852)" pp. 67-76. Igualmente, para o desenvolvimento das iniciativas missionárias de Libermann, ver, neste mesmo número, o artigo do P. Adolfo Cabon, "De Saverne às ilhas longínquas e à África: a obra missionária de Libermann", pp. 77-102.

[46] À partida deste projecto, dois seminaristas de S. Sulpício: Frederico Levavasseur, originário da ilha Bourbon (a Reunião) e Eugênio Tisserant, de S. Domingos (Haiti), que solicitaram os conselhos e a ajuda de Libermann.

[47] *«Petit Mémoire sur les Missions étrangères»*, Coulon e Brasseur, op. cit., pp. 197-205. Nesta Memória, é determinado: "Para a escolha do lugar da Missão: Temo-nos fixado em dois lugares. [...] S. Domingos (e) a ilha Bourbon". Consequentemente, as circunstâncias conduzirão ao envio de missionários do Sagrado Coração de Maria para as costas de África. Por ocasião da sua estadia em Roma, Libermann redige também a *Regra Provisória dos Missionários do Santíssimo Coração de Maria* (Coulon e Brasseur, op. cit., pp. 206-209).

[48] Joseph Michel, CSSp, *Le Père Jacques Laval, le saint de l'île Maurice, 1803-1864*, Beauchesne, Paris, 4ª edição, 1990. Tiago Laval foi beatificado a 29 de Abril de 1979.

Maurícia, sem que este tenha tido tempo de fazer o Noviciado. Mgr Collier consegue levá-lo com ele embora não seja Inglês. É-lhe concedido ocupar-se dos escravos libertos. Sabe-se com que sucesso ele desempenhou esta tarefa. O seu túmulo é actualmente um lugar de peregrinação não só para os cristãos em missão. Frederico Levavasseur[49] regressa à ilha Bourbon (a Reunião) em Fevereiro de 1842 e Eugênio Tisserant vai para o Haiti em 1843.

No mesmo ano, Mgr Edward Barron (de origem irlandesa, Vigário Gral da diocese de Filadélfia, Estados Unidos), que acaba de ser nomeado Vigário Apostólico das Duas Guinés[50], vai a Nossa Senhora das Vitórias e, por intermédio do P. Desgenettes, encontra o P. Libermann. Consegue dele os sete primeiros padres do Sagrado Coração de Maria destinados à África. Juntam-se-lhes três jovens de Bordéus aos quais se dará o nome de «Irmãos». A 13 de Setembro de 1843 deixam a França no navio *Deux Clémentines*. Esta primeira viagem termina numa catástrofe. Em seis meses, sete deles encontraram a morte, entre os quais cinco do Sagrado Coração. Dois outros vão entrar precipitadamente, um Americano, P. Kelly, o primeiro companheiro de Mgr Barron, e um Libermaniano, P. Maurice que se fará Jesuíta e será missionário nos Estados Unidos. Os únicos sobreviventes, o P. Bessieux e Gregório Sey (que será o Ir. Gregório), chegam finalmente a Libreville a 29 de Setembro de 1844, e aí fundam a missão «Santa Maria do Gabão». Em La Neuville, pensam que também eles morreram e por eles celebram as missas rituais dos defuntos... Todos os noviços se apresentam como voluntários para os substituir.

Os únicos sobreviventes, o P. Bessieux e Gregório Sey (que será o Ir. Gregório), chegam finalmente a Libreville a 29 de Setembro de 1844

Desanimado com este fracasso, Mgr Barron vai a Roma, pede a sua demissão e sugere que o Vicariato das Duas Guinés seja confiado à Congregação do Sagrado Coração de Maria, o que acontece em 1846. Mas sem esperar, dois grupos de três voltam a partir e desta vez têm autorização para parar na Goreia. Os primeiros chegam lá a 26 de Julho de 1845. Mas era sem contar com o juridismo do P. Leguay, Superior do Espírito Santo. Como os «Libermanistas» não se tinham entendido com ele, dá ordens para lhes recusar a jurisdição! A única solução era então estabelecer-se fora das colónias francesas. Consegue-se um terreno na península de Cabo Verde perto duma aldeola chamada Ddakarou. As tropas francesas só se estabelecerão aí dez anos mais tarde. É celebrada uma primeira missa por ocasião da colocação da primeira pedra da residência, a 15 de Fevereiro de 1846. Entretanto, o novo Prefeito Apostólico das Duas Guinés, o P. Tisserant, expulso do Haiti e reencaminhado para a África, morre antes mesmo de chegar à sua missão, vítima do naufrágio do *Papin*, a 07 de Dezembro de 1845. O P.

---

[49] Frederico Levavasseur escrevia o seu nome numa só palavra. Na Congregação – *Notes et Documents* do P. Cabon e biografia de Mgr Le Roy, tornou-se comum escrevê-lo em duas palavras.

[50] O Vigário Apostólico das Duas Guinés abrange então toda a costa oeste da África, do Senegal ao sul de Angola.

[51] A Sabóia - que nessa época não era francesa – nada tinha que ver com as rivalidades coloniais do momento.

Libermann escolhe então um Saboiano para o substituir[51], Mgr Truffet. Este chega à Goreia a 05 de Maio de 1847, a Dacar a 08... e aí morre a 23 de Novembro, vítima do seu idealismo e do seu desconhecimento da África[52]. Ao contrário, o seu pensamento missionário, em perfeita harmonia com o de Libermann, manifestou-se em termos proféticos[53].

O ano de 1848 é duma grande importância para a Congregação. Dois novos bispos são nomeados para as Duas Guinés, Mgr Bessieux e Mgr Kobès. O P. Libermann dizia: se morrer um, ao menos o outro poderá fazer face à situação! Em Paris, o P. Leguay pede a demissão a 29 de Fevereiro e, a partir de 02 de Março, é substituído pelo P. Alexandre Monnet. Este tinha trabalhado na ilha Bourbon, ao serviço dos Negros, com o P. Levavasseur. O seu olhar sobre os filhos de Libermann é completamente diferente.

As negociações são então retomadas[54] em vista da união das duas congregações. O P. João Baptista Loevenbruck, muito conhecido nos meios romanos, é enviado a Roma para negociar esta união. O acto definitivo é assinado a 24 de Agosto de 1848 e a aprovação da Propaganda é dada a 10 de Setembro do mesmo ano[55]: a Sociedade do Sagrado Coração de Maria desaparece e os seus membros são convidados a integrar-se na Congregação do Espírito Santo. Tendo a Propaganda escolhido o P. Monnet como Vigário Apostólico de Madagáscar, muito naturalmente o P. Libermann é eleito 11º Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria, a 23 de Novembro de 1848[56]. Na realidade, esta solução regula todos os problemas de jurisdição e leva ao Espírito Santo numerosos membros e bem formados para a missão. Por outro lado, os missionários do Sagrado Coração de Maria, congregação não reconhecida até então, encontram uma existência legal, conservando totalmente a sua maneira de viver a vida re-

a Sociedade do Sagrado Coração de Maria desaparece e os seus membros são convidados a integrar-se na Congregação do Espírito Santo

---

[52] Logo que o P. Libermann teve conhecimento desta morte e das suas circunstâncias, dará ordens ao superior de Dacar, o P. Arragon, para mudar o regime alimentar!

[53] Ver Coulon e Brasseur, op.cit., pp. 401-546.

[54] Iniciadas três anos antes, no tempo do P. Fourdinier, não tinham chegado a bom termo. Cf., *NDH*, p. 43. A 15 de Julho de 1845, o P. Libermann tinha enviado um memorando ao Ministério da Marinha lembrando esta união das duas congregações. Este projecto tinha sido acolhido favoravelmente.

[55] No entanto a cláusula da «pobreza» e a supressão da segunda ordem não tendo sido assinaladas na resposta da Propaganda, levam o P. Libermann a ir a Roma e escreve à Propaganda a 04 de Novembro de 1848. Tudo será regulado segundo os seus desejos por uma carta da Propaganda, com data de 10 de Julho de 1850.

[56] Arquivos CSSp., Chevilly-Laruue, 1 C 1.1a: *Registo das deliberações do Conselho Geral da Congregação do Espírito Santo*. Michel LEGRAN, "Uma união de congregações no século XIX: o Espírito Santo e o Sagrado coração de Maria". Coulon e Brasseur, op.cit., pp. 695-727. Uma versão mais desenvolvida foi dada em três artigos de Michel Legran: *"O Espírito Santo e o Sagrado Coração de Maria: preliminares para uma união de congregações"*, *Mémoire Spiritaine*, nº 7, 1998/1 pp.7-27; *"O Espírito Santo e o Sagrado Coração de Maria: uma união de congregações no século XIX. O resultado"*, *Mémoire Spiritaine*, nº 8, 1998/2, pp. 7-30; *"O Espírito Santo e o Sagrado Coração de Maria: depois da união, uma fidelidade mal entendida"*, *Mémoire Spiritaine*, nº 12, 2002/2, pp. 34-55.

ligiosa. No entanto entre eles vários terão dificuldade em aceitar este desaparecimento do seu Instituto e a tendência será considerar o P. Libermann como o primeiro superior duma nova sociedade[57]. A Congregação assim reforçada conserva evidentemente o «seminário colonial» e fica encarregada das «colónias francesas», isto é, de S. Pierre et Miquelon, Guiana, Martínica, Guadalupe[58], ilha da Reunião e das duas administrações do Senegal.

Um grosso dossier espera o novo responsável, é a criação dos bispados em todas estas colónias. O P. Libermann conduzirá a bom termo esta negociação com o governo francês e também com a Propaganda e os primeiros bispos serão nomeados em 1850, para Fort-de-France, Basse Terre e Saint-Denis. O compromisso nas ilhas vai trazer algumas dificuldades entre a Casa Mãe e os bispos das Duas Guinés. Mesmo durante a viagem a caminho do Senegal, em fins de Fevereiro de 1849, Mgr Bessieux e Mgr Kobès escrevem uma carta ao P. Libermann e metem-na no correio em Cádis, Espanha. Ela é sem dúvida o resultado de longas horas de inactividade no barco! Os dois bispos pedem ao superior que este lhes reserve todo o pessoal[59], portanto que abandone as antigas colónias. No mesmo sentido, quereriam que a casa de Bordéus fosse fechada[60] mas quando o P. Libermann, contra vontade, propõe este encerramento ao arcebispo de Bordéus, isso fez tanto barulho que o projecto é abandonado. Os conselheiros do Superior, o P. Levavasseur e o P. Schwindenhammer, não estão nada de acordo com esta maneira de ver dos bispos da África. Teria sido limitar a congregação ao que fazia antigamente o seminário do Espírito Santo. Todavia a grande parte do pessoal será enviada, nos primeiros anos, para o Vicariato das Duas Guinés, sobretudo depois do fracasso da missão da Austrália (1845-1848)[61].

grande parte do pessoal será enviada, nos primeiros anos, para o Vicariato das Duas Guinés

A Congregação do Espírito Santo em França na segunda metade do século XIX

Antes de morrer, a 02 de Fevereiro de 1852, o P. Libermann tinha manifestado o desejo de ter o P. Inácio Schwindenhammer como sucessor. Este,

---

[57] Assim o P. Eschba intitula a sua biografia: *O R.P Libermann, primeiro Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria*, Tours, Mame, 1874.

[58] Cf., A síntese mais recente sobre a história religiosa desta região: Philippe Delisle, *Histoire religieuse des Antilles et de la Guyane française. Des chrétientés sous les tropiques? 1815-1911*, Paris, Kartala, 2000, (Coll. Mémoire d'Eglises). Do mesmo autor ver também: *Renouveau missionnaire et société esclavagiste. La Martinique: 1815-1848*, Paris, Publisud, 1997.

[59] Os dois bispos contudo levavam com eles quatro padres (Clément, Poussot, Duby, Luiset), dois diáconos (Lairé e Peureux), três Irmãos (Louis, Jules e Amand), bem como seis religiosas de Castres! *Notes et Documents* t.11, pp. 83 e 627.

[60] A casa de Bordéus tinha sido aberta em Março de 1847, a solicitação de M. Germainville. Cf., Georges-Henri Thibault, *"Homem empreendedor de obras, amigo do P. Libermann, M. Germainville (1806-1881)" Mémoire Spiritaine*, nº 6, 1999/2, pp. 119-142.

[61] Cf., Thomas O'Malley, *Tales without reasion. Forgotten Heroes of the Apostolate in 1840s Australia*, Dublin, Columba Press, 2001.

eleito a 10 de Fevereiro de 1853, é sem dúvida um dos superiores mais contestados, na história da Congregação. A primeira censura que lhe fazem alguns dos seus confrades da época, é passar muito tempo na direcção espiritual de pessoas piedosas ou de religiosas. Os fins do século XIX e princípios do século XX são períodos ricos em fenómenos místicos (talvez por reacção ao racionalismo da época!) e o P. Schwindenhammer parece ter-se encontrado à vontade neste ambiente. Ele exigia também de cada membro da Congregação uma carta periódica de direcção, mesmo àqueles que se encontravam longe. Estabelecerá bastante depressa uma administração muito centralizada: para a mínima coisa era preciso dirigir-se a ele, e, em qualquer caso, prestar-lhe contas. Pelo facto mesmo, desenvolveu consideravelmente os arquivos espiritanos, porque tudo era numerado e conservado: é o lado positivo das coisas! Com as religiosas, irá bastante longe nos projectos de união, particularmente com as Irmãs de S. José de Cluny. Na linha dos primeiros superiores do Espírito Santo, aceita para a Congregação, em 1853, a criação e a direcção do Seminário Francês de Roma. Desde Poullart des Places, os Espiritanos tinham sempre rejeitado o galicanismo e o jansenismo. Eles pareciam portanto doutrinalmente seguros[62]. É o P. Lannurien que é encarregado desta fundação. Ao mesmo tempo torna-se Procurador da Congregação junto da Santa Sé. A Congregação deve também ao P. Schwindenhammer as Novas Regras e Constituições, compreendendo a vida religiosa integral, a admissão dos Irmãos e a adopção dum hábito próprio. Estas Regras são aprovadas pela Propaganda a 06 de Maio de 1855[63].

O P. Schwindenhammer vai investir muito em França nos colégios, orfanatos, prisões para crianças[64]. Estes estabelecimentos eram muitas vezes criados por um padre diocesano querendo remediar a uma verdadeira miséria. Com o desenvolvimento da obra, ele não conseguia mais acompanhá-la e procurava então uma congregação que pudesse encarregar-se dela; mas alguns queriam ficar seu director ou superior. Por esse motivo, em várias circunstâncias surgiram problemas, particularmente financeiros.

Em 1853 desejando implantar-se na Bretanha e sob proposta de Jean-Marie de la Mennais, os Espiritanos aceitam o colégio de Ploërmel. É um sucesso mas os Irmãos da Instrução cristã têm medo de ser absorvidos pelos Espiritanos e, no ano seguinte, a experiência terminou[65]. O P. Collin, director do colégio e os seus confrades (quatro padres e seis irmãos) desempenham então, em 1854, diversas funções no colégio de Gourin (Morbithan), onde o P. Maupied, seu fundador, permanece como superior. Este dá a entender aos espiritanos a possibilidade de adquirir a abadia de Lan-

[62] Contudo haverá, setenta anos mais tarde, a crise da Acção francesa. Cf., Jacques Prevotat, *Les catholiques et l'Action française. Histoire d'une condamnation. 1899-1939*, Paris, Fayard, 2001, (em particular pp. 478-480).

[63] Cf., *NDH*, pp. 77-78.

[64] Jean Ernoult, "*Os lugares espiritanos em França*", *em Histoire de la Province spiritaine de France*, Congregação do Espírito Santo, Paris, Karthala, 2000. p. 335.

[65] Cf., ibidem, p. 21 e ss.

gonnet, a alguns quilómetros de lá. O P. Levavasseur é encarregado das negociações e, em Junho de 1858, o assunto é encerrado: seminaristas menores estudando no colégio de Gourin, filósofos, jovens alunos do seminário das colónias, todos mudam para Langonnet. Em Setembro de 1855, a «Colónia agrícola de Saint-Ilan» é confiada à Congregação do Espírito Santo. É uma prisão para crianças, fundada por M. de Clésieux e dirigida pelos Irmãos Leonistas; estes aceitam integrar-se na Congregação do Espírito Santo[66]. Evidentemente estas escolas exigiam muito pessoal: pelo fim do século, Saint-Ilan absorvia seis Padres e trinta e quatro Irmãos[67].

Em 1856, a Congregação aceita a oferta da propriedade familiar duma religiosa Visitantina de Riom, Irmã Marie-Emmanuelle Andraud, e funda em Cellule, de acordo com ela, um orfanato, um noviciado de Irmãos e uma escola que será transformada em Seminário Menor[68]. Em Julho de 1863, o P. Schwindenhammer compra Chevilly (na actual Val de Marne) para aí instalar o noviciado e escolasticado. Ele próprio aí reside algum tempo, no «castelo», e aí se realizam algumas vezes as reuniões do Conselho Geral. A partir da Páscoa de 1864, 50 escolásticos ocupam as antigas coudelarias. Também trazem, para um ossário, depois para a capela construída para isso, os restos mortais do P. Libermann.

Em 1866, o P. Schwindenhammer aceita encarregar-se de um bairro operário em Toulon, com escola, patronato, capelania de marinheiros

Durante 60 anos, as construções continuam. Em 1866, o P. Schwindenhammer aceita encarregar-se de um bairro operário em Toulon, com escola, patronato, capelania de marinheiros. No pessoal espiritano encontravam-se dois Irmãos e um empregado de origem alemã, o que ocasiona crise e encerramento por ocasião da guerra de 1870. Seguir-se-á um processo, ganho pela Congregação, mas a situação permanece difícil, devido a um município anti-clerical, e Toulon é abandonado em 1876. Entretanto, é-nos oferecida, em 1874, em Beauvais, a direcção da arquiconfraria de S. José, bem como a capelania do pensionato dos Irmãos das Escolas Cristãs. Ao lado destas obras, o P. Amet Limbour começa, a 15 de Outubro de 1875, a escola dos Clérigos de S. José. A obra, com o seu desenvolvimento, provoca invejas, mal-entendidos com o bispo do lugar. Os Espiritanos deixam então Beauvais para Seyssinet e aí fundam, em 1889, o Instituto do Espírito Santo. É lá que o P. Chauffour funda uma nova confraria de S. José. O primeiro número de *Lys de St Joseph* aparece em Dezembro de 1889. Em 1875, os Espiritanos tomam a direcção do colégio de Langogne, até 1883. Em 1876, é a vez de Merville que se manterá até às famosas leis de 1903[69]. Durante um ano escolar (1876-77), uma equipa espiritana assegura igualmente o andamento da escola de Gravelines, perto de Dunkerque mas o P. Ott, seu di-

---

[66] Cf., Edouard Loisy, *Saint-Ilan, 1843-1993, 150 anos ao serviço dos jovens*, Saint-Brieuc, Les Presses Bretonnes, 1993.

[67] Mas há mais: no 1º de Janeiro de 1873,o superior de Langonnet apresentará uma lista de 54 Irmãos para Saint Michel, a colónia penitenciária de Langonnet. Arquivos CSSp, Chevilly, 2G 20.4b1.

[68] Arquivos CSSp de Chevilly, Cellule, 2G 10.4b1.

[69] Cf., René Massiot, *Merville et son collège spiritain*, Merville, 1996. (Recensão em *Mémoire spiritaine nº 4*, 1996/2, p. 155).

rector, apercebe-se bastante cedo que não há aí nenhum futuro para a Congregação. O Conselho geral tinha aceitado a oferta para agradar ao Cardeal arcebispo de Cambrai[70], mas sem verificar suficientemente as informações dadas. Em 1878, pede-se à Congregação para tirar duma situação difícil o orfanato de Mesnières[71]. Até às leis da laicização, será uma obra importante que contará (em 1891) uma escola profissional com 110 alunos, 70 escolásticos menores, 300 pensionistas da primária, acompanhados por três Padres e trinta e dois Irmãos. Em 1880, a Congregação encarrega-se do colégio de Rambervilliers, nos Vosgos, até 1888. Nesta data, o pessoal espiritano é transferido para Epinal, cidade mais importante. A ideia era ter um colégio próximo da Alsácia, então ocupada pela Alemanha.

Depois da morte do P. Schwindenhammer (06 de Março de 1881), sucede-lhe o P. Levavasseur apenas por alguns meses[72]. Em Agosto de 1882, o P. Ambroise Emonet torna-se o 14º Superior Geral, até que a doença o obriga a demitir-se, a 17 de Outubro de 1895[73]. Ao longo dos seus anos de superiorato, a Congregação encarrega-se ainda de alguns estabelecimentos: Grand-Quevilly (Seine-Maritime) é aceite em 1882, Saint-Mauron (no Norte) em 1884, Douvaine e Saint Joseph du Lac (Haute-Savoie), ao lado do Leman, em 1885 (até 1897), a obra de «Gethsémani» em Carol de Baulou (Ariège)[74]. Grignon-Orly (actual Val-de-Marne) é adquirido em 1886 para ser aí o noviciado. Em 1887, os Espiritanos comprometem-se com um estabelecimento em Castelnaudary, oferecido pelo P. Le Camus. Alcançam aí muitos sucessos escolares mas tendo de enfrentar longos processos, deixam a região em 1896. De 1891 a 1896, é tentada uma fundação em Drognens, na Suíça. De 1892 até ao fim do século, o orfanato de Orgeville (no Eure) é dirigido pelos Espiritanos.

No entanto, o P. Emonet, que tinha sido Prefeito Apostólico da Guiana, dá um novo impulso ao apostolado missionário espiritano, principalmente nas missões da África. À solidez da organização dada pelo P. Schwindenhammer, era preciso "acrescentar a extensão: este foi o trabalho do R. P. Émonet"[75]. É ele que lança os seus missionários para o interior do continente africano, em «regiões inexploradas ou mal exploradas». O P. Émonet foi também o fundador, em 1884, da revista que, com o actual título *Pentecôte sur le Monde*, aparece ainda nos nossos dias. Embora continuasse a política dos seus predecessores, "mostrou-se muito liberal para delegar a sua autoridade. Quase duplicou o pessoal nas missões e mesmo o triplicou na África"[76].

Mgr Alexandre Le Roy torna-se Superior Geral em 1896. É o primeiro

[70] Mgr Régnier (1850 a 1881). Ele é nomeado Cardeal a 22.12.1873.

[71] No actual Sena marítimo.

[72] O P. Levavasseur morre a 16 de Janeiro de 1882.

[73] O P. Grizard, vigário geral, convoca então um capítulo geral onde será eleito Mgr Le Roy.

[74] Os Espiritanos só estiveram presentes em «Gethsémani» um ano (1885-1886).

[75] Cf., Philippe Keffer, *Annales Apostoliques*, Agosto de 1898, p. 30, em *Mémoire spiritaine* nº 16, p. 24.

[76] H. Koren, op. cit., p. 357.

bispo missionário escolhido para superior da Congregação. Tem a experiência da África (no Kilimanjaro e no Gabão) e a sua intenção é diminuir o número de estabelecimentos e obras onde os espiritanos estão comprometidos na França. No entanto, em 1898, adquire uma propriedade em Perroton, no sul de Bordéus, para dela fazer um sanatório espiritano. Como muitas outras, esta casa será fechada em 1904. A 14 de Novembro de 1899, é comprado o antigo quartel da guarda de Saverne[77]. É o P. Auguste Lorber, antigo missionário na Serra Leoa e primeiro Prefeito apostólico da Guiné, que é o seu primeiro superior. Em Setembro de 1900, a escola apostólica começa com 32 alunos. No mesmo ano, na Bélgica, é instalada uma escola apostólica em Lierre[78]. Era preciso, em todas as regiões da França e nos arredores, procurar vocações[79]. Sempre em 1900 o Conselho Geral decide a criação duma procuradoria em Marselha, tendo em vista sobretudo a partida dos missionários para a África ou Madagáscar. Enfim, em 1901, a Congregação aceita retomar a obra fundada pelo P. Abram em Misserghin. Ela integra ao mesmo tempo a maior parte dos Irmãos de Nossa Senhora da Anunciação, a que pertence o famoso Irmão Marie-Clément Rodier, o inventor da Clementina.

As missões espiritanas na África na segunda metade do século XIX.

Apesar da orientação destas obras escolares estar dirigida para o recrutamento de vocações espiritanas, pode-se imaginar entretanto as recriminações dos missionários da África, diante destes investimentos e do número de pessoas retidas na Europa[80]. As missões, contudo, não são abandonadas, mas ficam caras em dinheiro e vidas humanas: entre os 108 missionários enviados para a África de 1843 a 1862, portanto em 20 anos, 42 morreram, 37 foram obrigados a ir para países temperados, sobretudo por razões de saúde. A evangelização avança, mas lentamente.

A evangelização avança, mas lentamente

À medida que as missões se desenvolvem, aparecem novos vicariatos: a Serra Leoa é confiada primeiro, em 1859, aos missionários de Lyon (SMA). Mgr de Marion-Brésilac ele próprio vai para lá com alguns membros da sua nova sociedade, mas toda a equipa morre nas semanas seguintes. Os Espiritanos são obrigados a retomar este território, enquanto que os SMA, sob proposta do P. Schwindenhammer, se verão outorgar por Roma à região do Dahomey (actual Benin), depois o que actualmente se chama Costa do Marfim. Até então os Espiritanos de passagem para o Gabão passavam pelos portos. Em Grand Bassam, foram feitas duas tentativas de missão estável,

[77] Esta implantação na Alsácia, então ligada à Alemanha, é uma etapa para este país.

[78] Para todos estes estabelecimentos, arquivos de Chevilly, dossiers 2G 3.1à 2G 40.1.

[79] Esta política de desenvolvimento escolar será seguida igualmente nas novas províncias da Europa, como veremos mais tarde.

[80] Em Março de 1885, a Congregação conta 706 membros professos e 619 jovens em formação: 17 casas na Europa com 135 Padres e 237 Irmãos; 35 casas na África com 96 Padres e 62 Irmãos; 14 casas no Oceano Índico contando 41 Padres e 13 Irmãos; 15 estabelecimentos na América com 86 Padres e 36 Irmãos.

entre 1843 e 1852: aí estão sepultados dois espiritanos, os PP. Audebert e Lairé!

Em 1863, as Duas Guinés são divididas em duas: Mgr Kobès é o responsável da Senegâmbia, Mgr Bessieux do Gabão. A evangelização da Guiné começa em 1875 a partir da Serra Leoa, por dois Alsacianos, o P. Gommenginger Charles (que partirá de seguida a evangelizar a África de Leste) e o P. Muller, fundador de Boffa. Da Guiné partirá o primeiro Prefeito Apostólico do Baixo Niger (Nigéria actual), o P. Joseph Lutz. A Prefeitura é criada um pouco mais tarde, em 1889. Antes, em 1861, o Conselho Geral decide a fundação duma comunidade espiritana em Chandernagor, na Índia, na Prefeitura Apostólica de Pondichéry[81] depois uma segunda comunidade nesta última cidade. Os Espiritanos estão sobretudo comprometidos em obras escolares. Quando a hierarquia é estabelecida na Índia, em 1886, é proposto aos Espiritanos, não só conservar as comunidades existentes, mas tomar além disso um campo de acção em Bengala. Tendo as escolas sido laicizadas em 1887, o Conselho Geral decide retirar o seu pessoal com grande pena de toda a população[82]. O Conselho queria favorecer as missões da África Central então em plena expansão. Com o andar do tempo pode-se lamentar esta decisão, quando se pensa, por exemplo, que as Irmãs de S. José de Cluny têm actualmente quatro províncias na índia!

Nesta segunda metade do século XIX, a missão desenvolve-se consideravelmente no sul do equador

Nesta segunda metade do século XIX, a missão desenvolve-se consideravelmente no sul do equador. Mgr Bessieux continua a trabalhar no Gabão. Aí morre a 30 de Abril de 1876. Mas um missionário vai mudar os costumes e, como se diria agora, «avançar ao largo». Trata-se do P. Duparquet. É um Normando com vistas proféticas, que estudou em Sées depois em Roma. Entra no Noviciado do Gard em 1854, é ordenado no ano seguinte e enviado, a seu pedido, para Dacar em 1855. Consegue em pouco tempo pôr em andamento uma escola que nunca tinha tido muito sucesso. Mas ele não concorda com os métodos de Mgr Kobès que queria criar uma missão em cada 50 kms, sem ter suficientemente em conta as condições salubres dos lugares nem a segurança dos missionários, ainda menos do seu número. A maior parte das missões fundadas no Senegal, exceptuando Dacar, devem ser abandonadas muito em breve. Para Duparquet, vale mais organizar missões importantes que subsistam por elas mesmas e aí desenvolver as escolas para criar o mais rapidamente possível um clero africano[83]. Depois dele, padres africanos serão os únicos capazes de aguentar o clima! Ele queria sobretudo que não se ficasse só nas regiões islamizadas da África de Oeste mas que se procurasse mais longe: as Duas Guinés são tão extensas! Pode haver aí populações mais abertas ao Evangelho.

O P. Duparquet tem a sorte de ser apreciado pelo P. Schwindenhammer. Este envia-o para o Gabão onde o Padre lança com sucesso uma nova escola secundária. As suas ideias bastante revolucionárias não agradam a toda

[81] BG.t.2, pp.278-279; a decisão do Conselho Geral data de 8 de Setembro de 1861.

[82] BG. T.14, nº 22, Novembro de 1888, pp. 740-749.

[83] Sobre este último ponto, Mgr Kobès e ele estão muito de acordo!

a gente: é reenviado para França em 1857, o que lhe permite refazer a saúde. Em Saint-Ilan, depois em Langonnet ocupa-se no ensino mas, ao mesmo tempo, documenta-se muito seriamente sobre o Congo e Angola. Está persuadido que se pode retomar a evangelização das missões portuguesas. O Superior Geral autoriza-o a fazer uma viagem de informação a Portugal em 1860, depois é enviado novamente para o Gabão em 1862. Não por muito tempo. Em Abril de 1863 é de novo mandado embora, volta a ensinar em Langonnet, continua as suas investigações sobre o Antigo Congo Português e, finalmente, obtém uma decisão favorável: o P. Schwindenhammer encarrega-o de fazer um relatório para Roma, ao Cardeal Barnabo, sobre a retomada desta antiga missão deixada pelos Capuchinhos depois de trinta anos.

Em Setembro de 1865, a Prefeitura do Congo (Português) é efectivamente confiada aos Espiritanos

Em Setembro de 1865, a Prefeitura do Congo (Português) é efectivamente confiada aos Espiritanos. O P. Schwindenhammer recebe o título de Prefeito Apostólico[84] e nomeia o P. Poussot, vice-prefeito. O P. Duparquet continua em Moçâmedes, em Angola, onde queria fundar um seminário. Os primeiros missionários (o P. Poussot e o P. Espitalié) rejeitam aprender o português e são bastante mal acolhidos em Angola: ficam bloqueados na costa, em Ambriz. Na Assembleia Portuguesa das Cortes, onde se reivindica o «direito de padroado», o governo interpela-se sobre esta presença de missionários franceses em território português. Duparquet vai então a Lisboa, faz amigos na alta sociedade e com o seu apoio volta para Angola. Começa então a sua primeira viagem exploratória – que será seguida de muitas outras – para o interior da África. Diante da oposição do governo local, Duparquet volta a Portugal em Maio de 1867, encontra os ministros e consegue a aprovação para o seu projecto de seminário-colégio, mas com a condição de ter professores Portugueses. Consegue então fundar em Portugal uma casa de formação em Santarém, junta postulantes, encontra-se novamente com o P. Hippolyte Carrie (o futuro Vigário Apostólico do Loango) depois em 1868, com o P. Joseph Eigenmann. Depois de um algum tempo em Gibraltar, a casa é estabelecida em Braga, em 1872. Duparquet está assim na origem da Província de Portugal. Ele mesmo é nomeado para a Prefeitura Apostólica do Zanzibar. Esta Prefeitura era devida à iniciativa de Mgr Maupoint (bispo de S. Dinis na Reunião) que em 1860 tinha enviado aí três padres, entre eles, o P. Fava[85]. Desde 1862 apela-se aos Espiritanos. Depois da morte de Mgr Maupoint, a Prefeitura é-lhes plenamente confiada, com o P. Antoine Horner como vice-prefeito, em 1872. (Muitos alsacianos estarão entre os primeiros missionários desta África de Leste: os dois Gommenginger, Augusto e Carlos, o P. Baur, mais tarde o P. Allgeyer). O P. Duparquet não se entende muito bem com o P. Horner e faz sempre planos para o Congo, onde a primeira tentativa de evangelização terminou num fracasso.

---

[84] Será o caso para várias circunscrições: na prática, o responsável é o «vice-prefeito».

[85] Nascido a 10.02.1826 em Pas de Calais, tornar-se-á Vigário Apostólico da Martínica a 25.01.1871, depois bispo de Grenoble a 03.08.1875. Ficará sempre amigo dos Espiritanos.

[86] O P. Schwindenhammer conserva o título de Prefeito Apostólico (sempre a centralização!)

Em Junho de 1873, torna-se vice-prefeito de Lândana[86] (no enclave de Cabinda), organiza a missão, abre escolas, faz vir um médico para lutar contra as doenças tropicais (e pelo facto mesmo contra os feiticeiros), planta a todo o custo ao ponto da Prefeitura se bastar a ela mesma: chegar à autosuficiência é um dos seus princípios. Ao mesmo tempo pede ao P. Carrie para compor um catecismo e um vocabulário em língua «fiote», que são impressos lá. Retoma as antigas missões ao longo do estuário do Congo: Santo António, Boma, Nemlao, Lucula, apesar do clima de tensão da época, pois que os países europeus procuram colocar-se o melhor possível tendo em vista a «partilha» da África. A Prefeitura, uma vez bem organizada, é deixada pelo P. Duparquet nas mãos do P. Carrie em 1877[87] e retoma as suas viagens mais ao sul. Sobe a partir do Cabo, torna-se vice-prefeito duma circunscrição a criar algures na África austral: isso dará origem à Cimbebásia e a diferentes missões em Angola. Bem visto pelas autoridades portuguesas e angolanas, apoiado pelo Superior Geral, continua no entanto a seguir as negociações do Congo, obtém de Roma a criação em 1890, do vicariato apostólico de Brazaville (que vai até Oubangui) confiado a Mgr Prosper Augouard. Isso suscita a ira de Mgr Lavigerie que se fez outorgar a jurisdição sobre todo o interior da África[88], mas o Congo e por consequência o Oubangui, ficam confiados à Congregação do Espírito Santo. Com o congresso de Berlim em 1885, o nacionalismo vem ao de cima e os missionários franceses deverão deixar a região da embocadura do Congo que fará parte do *Estado livre do Congo*. Em vinte e cinco anos, pela sua actividade, directivas, relações, diplomacia, o P. Duparquet abriu à evangelização imensas regiões ao sul do equador[89].

Criação de "províncias" espiritanas na Europa e na América

A extensão da Congregação faz-se também na Europa. Já em 1841, o P. Libermann pensava numa missão em Estrasburgo que poderia irradiar também para a Alemanha. Sem ele saber, M. de Brandt, um dos seus antigos noviços de Rennes, faz diligências junto do bispo de Amiens de quem é secretário: o bispo está pronto a ordená-lo e é encontrada uma casa em La Neuville, perto de Amiens, para a congregação nascente. O P. Libermann aceita e pelo facto mesmo renuncia à Alemanha, mas escreve: "isso causa-me imensa pena"[90].

A província da Alemanha desenvolver-se-á mais tarde, graças ao P. Ar-

---

[87] Em 1886, será criado o vicariato apostólico do Loango com Mgr Hippolyte Carrie como titular. Os Espiritanos no entanto continuam o seu trabalho na prefeitura de Lândana-Cabinda.

[88] Cf., Henri Koren, *"O Cardeal Lavigerie e as missões espiritanas no coração da África"*, em *Mémoire spiritaine* nº 8, 1998/2, pp. 30-49; Cf., Henri Littner, *"O Cardeal Lavigerie, o P. Duparquet e as missões do Congo"*, *Mémoire spiritaine*, nº 11, 2000/1, pp. 73-85.

[89] Uma boa nota biográfica do P. Duparquet – com alguns erros de datas – encontra-se no *Dicionário de história e de geografia eclesiásticas*, fasc. 82, Letouzey, Paris, 1960, cols. 1122 a 1129.

[90] Libermann a Schwindenhammer, la Neuville, 9 de Maio de 1842, ND, t.3, p. 192. Ver também, no mesmo tomo, pp. 64-65, a carta de 10.12.1841.

mando Acker. Antes dele, em Novembro de 1863, o P. Schwindenhammer tinha aceitado a direcção duma casa de repouso para padres idosos, em Kaiserswerth, o que permitia uma implantação na Alemanha[91]. O P. Locher toma a sua direcção. Em 1864, são fundadas duas outras comunidades, em Marienthal e Marienstadt e o P. Joseph Strub, regressado de Dacar, torna-se vice-provincial da Alemanha[92]. Três implantações em dois anos, seria um bom augúrio para o futuro. Mas elas não resistirão ao "Kulturkampf" de Bismark, sobretudo às leis de Maio de 1873-1875. Os Espiritanos, identificados com os Jesuítas, devem deixar o país. Será preciso esperar 1894 para que a lei contra os Jesuítas não seja mais aplicada aos Espiritanos e 1895 para que o P. Acker se instale em Knechsteden[93].

Quando tudo está comprometido na Alemanha, tudo se consolida em Portugal. O P. Duparquet tinha dado o primeiro impulso; o P. Eigenmann desenvolve as casas de formação: Braga em 1872, Porto em 1886, Sintra no mesmo ano[94]. Em 1887, Portugal torna-se vice-província.

Mas a primeira fundação europeia fora da França é a de Blanchard's-town[95], na Irlanda, onde os Espiritanos abrem um pequeno escolasticado em 1859. É o P. Jules Leman que dele é encarregado, ajudado por Jerónimo Schwindenhammer. Pensa-se que este país muito cristão dará muitas vocações. Efectivamente, no ano seguinte, é preciso transferir a comunidade para Blackrock e ajuntar um colégio ao escolasticado[96]. Em 1864, o Conselho Geral aceita a fundação em Rockwell, dum seminário e duma nova comunidade. No tempo do P. Emonet, far-se-á uma outra implantação em Rathmines, nos arredores de Dublin, a 08 de Setembro de 1890.

Na América

Nos Estados Unidos tinham sido feitos alguns contactos já no século XVIII, pelos Acadianos. Por ocasião da revolução francesa, vários padres expulsos da Guiana vêm estabelecer-se, pelos anos de 1795, em Baltimore e em Nova Jersey[97]. Em 1841 é feito um pedido oficial pelo arcebispo de Cincinnati. Depois da fusão, numerosas propostas chegam ao Conselho Geral.

A expulsão dos Espiritanos da Alemanha dá ao P. Schwindenhammer a

---

[91] *BG*, t.4, 1863-64, nº 28-30, pp. 75-78.

[92] *BG*, t.4, p. 222: decisão do Conselho Geral de 29 de Setembro de 1864.

[93] Cf. Joseph-Theodor Rath: *"O regresso dos Espiritanos à Alemanha"*, *Mémoire spiritaine*, nº 1, 1995/1, pp. 83-105.

[94] Em Sintra, abrem-se o noviciado dos Irmãos e uma escola agrícola «colonial» subsidiadas pelo Estado, a partir de 1889, *NDH*, p. 93.

[95] *BG*, t.2, p. 8.

[96] *BG*, t.2, primeiro trimestre 1862. H. Koren, op. cit., p.317. Cf., Séan Farragher, *"O Padre Jules Leman e a fundação do colégio de Blackrock na Irlanda,"*em *Mémoire spiritaine*, nº 5, 1997/1, pp.37-62.

[97] H. Koren, op. cit., p. 331ss e *"Aventuriers de la mission"*, p. 127 e ss em *Informações Espiritanas*, Roma, nº 128, Setembro-Outubro 1999.

possibilidade de responder aos apelos, a partir de 1873. A vice-província dos Estados Unidos é erecta em 1875, com o P. Strub como responsável. Depois de várias tentativas mais ou menos bem sucedidas, os Espiritanos fundam em Pittsburg, em 1878, um colégio que se tornará em 1911, a Universidade de Duquesne[98].

De 1885 a 1897, no tempo do P. Emonet, a Congregação assegura a direcção do seminário menor 'Santa Maria de Belém', no Brasil, novo campo de acção que em breve se vai estender, com a fundação de várias missões e, em 1910, no tempo de Mgr Le Roy, com a criação da Prefeitura Apostólica do Tefé, na Amazónia. Uma tentativa, realizada no Peru, com o colégio de Lima, só durará seis anos[99].

O generalato de Mgr Le Roy (1854-1938)

Este desenvolvimento fora da França continuará sob a direcção de Mgr Le Roy, Superior Geral de 1896 a 1926[100]. Os acontecimentos favorecê-lo-ão. Já nos fins do século XIX a França tinha conhecido as arremetidas da febre anticlerical. Esta torna-se virulenta ao virar do século. Em 1901 o governo francês prepara uma lei sobre as associações e congregações. Pela primeira vez, a 16 de Janeiro de 1901, o Conselho de Estado, emite uma informação suspensiva no que se relaciona com «os padres do Espírito Santo». Um mês mais tarde, a 14 de Fevereiro, depois do estudo dos estatutos, o mesmo Conselho emite a informação de que "a Associação do Espírito Santo deixou de existir, e que a dos Missionários do Sagrado Coração de Maria, que tomou o seu nome, não é uma Congregação religiosa legalmente autorizada"[101], mas um novo Instituto fundado pelo P. Libermann[102]. Momentos de angústia.

Mgr Le Roy põe-se então a estudar as fontes, com a ajuda do P. Barillec, seu arquivista. Descobre que conhecia mal a história da sua Congregação; os textos são formais: a congregação do Sagrado Coração de Maria deixou de existir quando se uniu à Congregação do Espírito Santo. Escreve então um memorando de trinta páginas dirigido ao ministério das colónias que transmite ao Conselho de Estado. Este, coisa inaudita, volta à sua decisão precedente, sem dúvida depois de uma intervenção de Waldeck-

---

[98] Aí se realizou, em 2001, de 24.06 a 07.07, o Conselho Geral Alargado da Congregação.

[99] 1892-1898.

[100] Bernard Ducol, *«Mgr Alexandre Le Roy»* em *Histoire du Christianisme magazine*, nº 7, Maio de 2001, pp.124-129. Cf., os dois números temáticos de *Mémoire spiritaine* nos quais Mgr Le Roy está presente em vários artigos: *"Do monte Kilimanjaro ao rio Congo"*. Nº 11, 200/1 e *«Approches des cultures africaines de Mgr Le Roy à aujourd'hui»* nº 12, 2002/2.

[101] *NDH*, pp.96-97.

[102] É o que pensavam e mesmo escreviam muitos espiritanos. Assim o P. Lejeune, Prefeito Apostólico do Baixo Niger (sul da actual Nigéria), felicita Mgr Le Roy por ter sido bastante hábil para fazer reconhecer a congregação e acrescenta: "Talvez mesmo, não fosse ela (aprovada), se o julgamos segundo o que nos diziam outrora no noviciado da reunião das duas congregações" carta de 15 de Outubro de 1901, arquivos CSSp, Chevilly, 1111.3.2

Rousseau, o primeiro ministro, que compreendia a importância da Congregação nas colónias.

A 01 de Agosto, o Conselho de Estado é de opinião "que a Associação do Espírito Santo pode ser considerada como uma congregação religiosa legalmente autorizada"[103]. Isso salvaguardava o essencial. Mas a proibição de ensinar feita aos religiosos[104] vai levar à perda da maior parte das nossas escolas na França. Para salvar algumas, se não se encontrarem padres diocesanos para assegurar o que vier, vários Padres e Irmãos aceitarão ser secularizados[105]. Epinal, Beauvais, Merville, Mesnières, Pierreton, Saint-Ilan, Cellule, Orly, Misseghin, Seyssinet, St Michel em Priziac são abandonados pela força das coisas[106]. Restam-nos em França: a Casa Mãe, Chevilly onde se juntam noviciado e escolasticado, Langonnet como casa de repouso e as duas procuradorias de Bordéus e Marselha. As crianças de Merville e de Cellule são então transferidas para Susa na Itália e para Gentinnes na Bélgica. Neufgrange (em zona alemã nessa época) torna-se noviciado em 1904. No mesmo ano abre-se Friburgo na Suíça e S. Alexandre, no Canadá, em 1905.

A guerra de 1914-1918 permitirá uma reconciliação dos Franceses e, nos anos seguintes, é tolerada a abertura de escolas apostólicas. Por seu lado, o P. Brottier[107], capelão militar durante a guerra, contribuiu para esta evolução, criando o movimento dos "Antigos combatentes" com muitos aderentes, sob a divisa *Unidos como na frente*. Quando, em 1923, o arcebispo de Paris pede à Congregação do Espírito Santo para se encarregar da Obra dos Órfãos aprendizes d'Auteuil[108], Mgr Le Roy confia esta tarefa ao P. Brottier e este saberá assegurar o seu desenvolvimento e o seu futuro. Mgr Le Roy é então em França «uma pessoa importante», tanto aos olhos da Igreja de França como no plano cientifico onde os seus conhecimentos em etnografia, botânica, geografia são conhecidos nos meios especializados.

O período Le Roy conheceu ainda outras provas: a erupção do Monte Pelé, na Martínica, faz desaparecer, em 1902, 14 Espiritanos (e quase três

---

[103] *NDH*, p.101. Michel Legran, CSSp, *Uma união de congregação no século XIX: o Espírito Santo e o Sagrado Coração de Maria*, tese apresentada e defendida a 26 de Maio de 1965, pp. 209-213 /SL.A 3.1) editada no essencial nos três artigos de *Mémoire spiritaine* citados na nota 56. Henri Gore, *Um grande missionário, Mgr Alexandre Le Roy*, Paris, 1952, pp.151-167. A informação do Conselho de Estado é homologada por um decreto com data de 20.11.1903, assinada pelo Presidente Loubet e pelo «paisinho Combes». Os estatutos são também aprovados, em 18 de Outubro de 1901, por Portugal, que segue uma evolução semelhante à da França, *NDH*, p.101.

[104] Lei de 07 de Julho de 1904: ela proíbe toda a forma de ensino aos «congregacionistas» na França e será estendida às "colónias", o que obrigará os Irmãos de Ploërmel a deixar S. Luís e Conakry.

[105] Quer dizer, para os padres, passarem para o clero diocesano.

[106] *NDH*, p. 102.

[107] A biografia mais recente do P. Brottier, Alphonse Gilbert, *En confiance*, Paris, Edições Les Arcades d'Auteuil, 1990, e a história da obra de Auteuil, cf., Mathias Gardet e Alain Vilbrod, *Os órfãos aprendizes d'Auteuil, História duma obra*, Paris, Belin, 2000.

[108] Obra fundada em 1886 pelo P. Roussel.

vezes mais religiosas!). Em Portugal, a revolução de 1910 leva ao encerramento momentâneo das casas espiritanas e a expulsão de todos os estrangeiros. De 1914 a 1918, 124 Espiritanos morrerão, durante a primeira guerra mundial. O naufrágio de *L'Afrique*, a 12 de Fevereiro de 1920, provoca a morte de Mgr Jacinto Jalabert e de 18 confrades que o acompanhavam[109]. Na África, muitas missões tiveram de ser fechadas durante a primeira guerra mundial. A evangelização estará por vezes comprometida, por exemplo nos países onde o Islão ganha rapidamente terreno.

o reconhecimento da heroicidade das virtudes do P. Libermann que lhe dá o título de «Venerável», a 19 de Junho de 1910

Há no entanto momentos mais felizes, particularmente o reconhecimento da heroicidade das virtudes do P. Libermann que lhe dá o título de «Venerável», a 19 de Junho de 1910. Igualmente, desenvolvem-se as províncias: a da Polónia nasce a partir dos espiritanos polacos da América. Começa pobremente em 1922 e em 1926 é vice-província. Portugal renasce em 1919. A Irlanda continua a desenvolver-se. Em 1911, um antigo aluno dos Espiritanos, de Valéra, conduz o país à independência. A primeira fundação nos Países Baixos data de 1904. Depois de um tempo de união com a Bélgica, a Província da Holanda é erecta a 25 de Junho de 1931. A Bélgica sofreu muito com a guerra, mas as fundações recomeçam em 1921. Gentinnes, Lierre, que, nos começos, dependiam da França, passam à nova província. Superior durante trinta e seis anos, o P. Albert Sébire viu assim a fundação de dez comunidades e de duas províncias. Canadá, Suíça, Alemanha, Estados Unidos desenvolvem-se e enviam pessoal para as missões. Na África, os espiritanos regressam ao Congo Belga: a Prefeitura Apostólica do Baixo Katanga é criada em 1911. Nos Camarões, os Espiritanos substituem os Palotinos alemães expulsos pela guerra. E pouco depois, é a «explosão catecumenal». Mgr Shanahan, na Nigéria, mereceria também uma menção especial[110]. Foi o primeiro a ter a ideia de convidar padres diocesanos para dar alguns anos da sua vida às missões[111] e funda na Irlanda, para compensar a falta de religiosas, a Congregação das Irmãs do Santo Rosário.

Entre as duas guerras e até aos nossos dias

O período entre as duas guerras, o tempo de Mgr Le Hunsec[112], vê desenvolverem-se consideravelmente as diferentes missões, com todo o seu aparelho escolar e sanitário. O desenvolvimento económico e humano é já uma preocupação constante. Mgr Le Hunsec, durante o seu primeiro mandato, mantém-se um pouco à sombra do seu antecessor, Mgr Le Roy –

[109] É tomando conhecimento disso que um catequista de Poponguine, no Senegal, dá ao seu filho o nome de Jacinto. Esta criança será mais tarde o Cardeal Thiandoum.

[110] Cf., Luke Mbefo, *"Mgr Joseph Shanahan (1871-1943). Um missionário que amava os africanos"*, em *Mémoire spiritaine*, nº 3, 1996/1, pp. 74-93.

[111] É o que se chamará mais tarde - padres «Fidei Donum», do nome da encíclica do Papa Pio XII, em 1957.

[112] Mgr Le Roy demitiu-se por razões de saúde, em 1926. O seu sucessor, Mgr Le Hunsec, será Superior Geral até 1950. Cf., *BG* (nota biográfica), t.44, nº 689, Janeiro-Fevereiro 1955, pp. 35-58.

que continua a escrever as informações do mês no Boletim Geral. Durante o seu segundo mandato, de 1938 a 1950, é a guerra que o impedirá de dar tudo o que pode. Morando em Paris, na zona ocupada, Mgr Le Hunsec é levado a delegar a maior parte dos seus poderes nos superiores de províncias ou de distritos. Para conservar uma ligação com eles, escreve muitas circulares, ao mesmo tempo para dar as informações de que dispõe e para encorajar os espiritanos mais ou menos isolados por causa dos conflitos. Mantém também uma imensa correspondência, por meio de numerosas cartas cheias da sua bela caligrafia. Esforça-se também por salvar a unidade da Congregação. Com o regresso da paz, a partir de 1945, as partidas para as missões poderão retomar-se progressivamente.

os primeiros padres do Senegal foram ordenados em 1840, o primeiro espiritano senegalês professa em 1857

É sobretudo depois da guerra que o clero africano começa a desenvolver-se, mas muito lentamente ainda. Todavia, os primeiros padres do Senegal foram ordenados em 1840, o primeiro espiritano senegalês professa em 1857[113]! Mas entre as duas guerras, as ordenações são raras. O primeiro Guineense, o Padre Pathé, só é ordenado em 1939, em Conakry! É verdade que a primeira geração de cristãos não dá nunca muitos padres. Parece também que este período, que viu aumentar a colaboração entre a administração e os missionários (mas é muito variável segundo os lugares e as pessoas que os ocupam), viu também crescer o espírito colonial (e, para alguns, colonialista!). Será preciso esperar 1954 para que o P. Joseph Michel ouse falar do *dever da descolonização*[114]. Pelos anos 1950-1960, o desenvolvimento das missões permite no entanto, através de toda a África, a criação de igrejas locais com uma hierarquia autóctone, talvez um tanto depressa. O papel das congregações missionárias é com isso evidentemente modificado: elas não serão mais as primeiras responsáveis da missão[115].

o desenvolvimento das missões permite no entanto, através de toda a África, a criação de igrejas locais com uma hierarquia autóctone

Relativamente à Congregação, os dois superioratos do P. Griffin e de Mgr Lefebvre correspondem a uma crise interior: os superiores têm «o pé nos travões». O P. Francisco Griffin, de nacionalidade irlandesa é conselheiro geral em 1934, depois de ter sido professor de seminário e missionário na África de Leste. É eleito por doze anos em 1950, para estar à frente da Congregação. Os seus vinte e oito anos passados na Casa Mãe, sem dúvida o fizeram acompanhar a evolução do mundo. Excelente religioso, à maneira antiga, pensava que era preciso conservar à letra a tradição recebida[116]. No fim do seu mandato, com o seu conselho, põe tudo em acção para que Mgr Lefèbvre lhe suceda em 1962. As reacções negativas destes dois superiores parecem provir dum grande receio diante das grandes mutações que começam, tanto no plano social como eclesial, sobretudo a partir da aber-

[113] O Padre Jean Lacombe é da Goreia, a mãe é fula, da Gâmbia. Jean Lacombe é padre em 1852.

[114] A maior parte do nº 4 de *Memoire spiritaine*, 1996/2, foi dedicada a *"Joseph Michel (1912--1996), historiador espiritano"*. O seu célebre texto sobre *"O dever da descolonização"* é aí publicado, com introdução e apresentação, pp. 131-154.

[115] A criação em 1955 de arcebispados e bispados, em lugar de vicariatos apostólicos é, para as congregações missionárias, uma data mais decisiva que a das independências políticas.

[116] Seán Farragher, *Irish Spiritans Remembered*, (nota biográfica), nº 527, 1999.

tura do Concílio Vaticano II. Isso vê-se através da correspondência oficial. Outra mudança importante: a transferência da casa Generalícia para Roma é decidida no Capítulo Geral de 1962. O risco era fazer perder à Congregação a sua situação legal em França. São precisos vários anos de negociações para se chegar ao reconhecimento legal da *Província de França autónoma*[117]. Alguns duros golpes acontecem ainda na África: o drama de Kongolo, a 01 de Janeiro de 1962, a crise do Biafra[118] a partir de 1966-67, com a partida de todos os missionários irlandeses, a expulsão de todos os missionários (Irmãs, Irmãos, Padres) da Guiné Conakry, no fim de Maio de 1967. E mesmo agora, num país ou noutro, os missionários podem ser chamados a conhecer situações perigosas e mesmo a dar a sua vida.

Eleito em 1968, o P. Lécuyer dá uma visão teológica ao Instituto. Dois capítulos sucessivos, em 1968 e 1969, trabalham no «aggiornamento» da Congregação, segundo os princípios do Vaticano II. É o tempo, depois de Maio de 1968, duma grande crise da vida sacerdotal e religiosa, o tempo também dos «projectos pessoais». O P. Lécuyer procura agir da melhor maneira, mas parece estar mais à vontade nos seus estudos patrísticos do que na administração.

O seu sucessor, o P. Timmermans inaugura, em 1974, um governo descentralizado (talvez demasiado na opinião de alguns). A equipa generalícia tem as suas ideias, é jovem, pode percorrer o mundo ao encontro de todos os espiritanos. Deste modo a esperança vai renascer, alimentada por numerosas reuniões: capítulos gerais de 1974, 1980, 1986, preparados por conselhos gerais alargados em 1976, 1978 e 1982. Um estudo sobre o funcionamento da Congregação é efectuado por um Instituto especializado de Washington, em 1979[119]. É um período de intensas reflexões, em particular no que diz respeito à Regra de Vida. Esta é elaborada no Capítulo de 1986 e confiada, para o seu acabamento, à nova equipa dirigida pelo P. Hass. É aprovada por Roma a 07 de Junho de 1987. Durante o mandato do P. Hass (1986-1992), várias preocupações retêm a atenção do Conselho Geral: o desenvolvimento das jovens províncias (particularmente na África) e das fundações[120], a presença dos leigos na Congregação do Espírito Santo, a justiça e paz, as novas formas de missão, a animação do nosso grande grupo através do mundo, etc. Em Itaici, em 1992, é tomada a opção duma maior abertura para a Ásia. Esta existia já: a missão na Austrália data do P. Libermann! Mas faz-se um progressivo alargamento do nosso horizonte: Paquistão, Filipinas, Taïwan e regresso à Austrália... O futuro da missão está sem dúvida na Ásia! Recentemente, na Europa, uma primeira paróquia italiana foi confiada à Congregação nos arredores de Roma. As tentativas an-

O futuro da missão está sem dúvida na Ásia!

[117] Jean Ernoult, op. cit.,p. 226; J.O., nº 58 de 9-10 de Março de 1970.

[118] Esta guerra civil arrasta

[119] Arquivos CSSp, Chevilly-Larue, 10 B 1.4.

[120] Uma fundação, em linguagem espiritana, é a situação intermédia duma circunscrição, entre distrito e província. É preciso que se realizem certas condições para aceder ao estatuto de província.

teriores tinham todas fracassado!

Seria preciso dizer igualmente uma palavra sobre todas as congregações religiosas femininas fundadas pelos Espiritanos. Elas são muito numerosas para serem todas citadas. Eis as primeiras: Filhas de Maria, fundadas na Reunião em 1849 pelo P. Levavasseur; Filhas do Sagrado Coração de Maria queridas por Mgr Kobès em Dacar, em 1858; Irmãs Servas do Sagrado Coração de Maria começadas em Paris pelo P. Delaplace em 1860; Irmãzinhas de Nossa Senhora da Guiné, nascidas sob a protecção de Mgr Lerouge em 1919. Evidentemente, ninguém esquecerá o papel de Mgr Le Roy junto das Espiritanas.

Nos nossos dias, as vocações espiritanas nascem numerosas nos antigos países de primeira evangelização

Nos nossos dias, as vocações espiritanas nascem numerosas nos antigos países de primeira evangelização. Donde a política das fundações que dão origem, pouco a pouco, a novas províncias. As antigas províncias, com a crise das vocações, têm no entanto bastantes recursos para as ajudar nos primeiros passos e lhes permitir tomar em mão a missão. Mas se quisermos ser honestos, não precisamos resignar-nos com a ausência de vocações missionárias na Europa, do mesmo modo que é necessário manter a opção pelo estrangeiro. Com certeza que o P. Libermann já dava capelães às obras sociais de M. Germainville, ocupava-se dos pequenos Saboianos de Paris, ajudava a obra dos militares. O seu sucessor aceitará orfanatos um pouco por toda a parte, na França e nas ilhas. Mas para o P. Libermann, a maior parte dos confrades devia partir para a África, para as Antilhas, para a Austrália, para a América; não o deveremos esquecer. Os grandes aniversários que vivemos oferecem-nos a oportunidade de reencontrar as nossas fontes para um novo futuro, sem dúvida diferente: a Congregação, vimo-lo, conheceu muitas dificuldades e muitas mutações em 300 anos!

Os grandes aniversários que vivemos oferecem-nos a oportunidade de reencontrar as nossas fontes para um novo futuro

Gérard Vieira

(Tradução: P. Domingos Neiva CSSp)

a congregação do espírito santo em braga

Efectivamente a Congregação do Espírito Santo em Portugal não se concebe sem Braga. Não foi em Braga que começámos, mas foi em Braga que nascemos. As experiências anteriores – dois anos em Santarém e um ano em Gibraltar não vingaram.
Esta exposição será assim quase uma viagem de saudade e gratidão por ruas e percursos que em parte até já não existem, mas que marcaram os Espiritanos e que fazem parte da nossa memória e do património histórico e espiritual desta cidade. Braga é para os Espiritanos não só o berço em que a Congregação nasceu como a cultura que a moldou e o rosto que a impôs e caracterizou. Aqui sentimos a amizade do clero com quem nos sentimos irmanados e de religiosos e religiosas com quem partilhamos o mesmo ideal.

Introdução

Depois de amanhã, festa do Pentecostes, será o encerramento solene dos 300 anos de história da Congregação do Espírito Santo. Durante todo este ano jubilar procuramos reflectir sobre a história e a missão que herdamos dos nossos fundadores e os caminhos de futuro com que ela nos desafia. Mais que uma visita aos nossos arquivos, quisemos que estas comemorações fossem sobretudo uma peregrinação à fonte donde nascemos, a fim de purificarmos a nossa memória, reavivarmos a nossa inspiração original e aprendermos de novo a sonhar.

---

* Adélio Torres Neiva, missionário espiritano, licenciado em Teologia e História, exerceu vários cargos na Província, sendo professor e 2º Assistente Provincial. De 1974 a 1980 foi Conselheiro Geral, em Roma. Director da revista Encontro, tem-se dedicado a vários trabalhos de carácter histórico.

depois dos escombros de 1910 em que todas as casas espiritanas foram tomadas pelo Governo, será ainda Braga que nos dará a mão e nos ajudará a recuperar as nossas próprias raízes

Mas desde a primeira hora nos pareceu que sem uma visita a Braga, esta peregrinação ficaria por concluir. Efectivamente a Congregação do Espírito Santo em Portugal não se concebe sem Braga. Braga é nossa marca de origem. Não foi em Braga que começámos, mas foi em Braga que nascemos. As experiências anteriores – dois anos em Santarém e um ano em Gibraltar não vingaram. E Braga foi verdadeiramente a cidade mãe que nos acolheu e acarinhou, a ponto de ela se tornar parte integrante da nossa história. E quando depois dos escombros de 1910 em que todas as casas espiritanas foram tomadas pelo Governo, será ainda Braga que nos dará a mão e nos ajudará a recuperar as nossas próprias raízes.

Esta exposição será assim quase uma viagem de saudade e gratidão por ruas e percursos que em parte até já não existem, mas que marcaram os Espiritanos e que fazem parte da nossa memória e do património histórico e espiritual desta cidade.

Foi já em Braga que a 7 de Dezembro de 1977, no salão nobre da Biblioteca Municipal, com a presença do Sr. Arcebispo Primaz, dos Srs. Governador Civil e Presidente da Câmara e demais autoridades religiosas e civis, celebrámos o primeiro centenário da Congregação do Espírito Santo em Portugal. Aqui voltamos hoje de novo, como romeiros de 300 anos, para dizer a Braga a nossa gratidão.

1. A fundação da Congregação do Espírito Santo em Portugal

Segundo se deduz de algumas cartas de Mons. Jean Bessieux, bispo do Gabão e do P.Lannurien, secretário geral da Congregação do Espírito Santo, já desde 1851 que o P. Libermann, fundador dos Espiritanos, pensava em fundar uma casa em Portugal em vista das missões portuguesas da Guiné, S. Tomé e Angola. Chegou mesmo a pensar enviar a Portugal o P. Lannurien, com Mons. Bessieux, então em França. Mais que qualquer outra congregação, os Espiritanos estavam indicados para a missão de Angola, primeiro porque esta missão se enquadrava bem dentro dos objectivos da congregação que era missão entre os mais abandonados, em especial a conversão dos negros e depois porque as missões já confiadas pela Santa Sé aos Espiritanos no Vicariato Apostólico da Senegâmbia e das Duas Guinés, confinavam com as colónias portuguesas. Com efeito, quase todas as colónias da África Ocidental estavam encravadas neste Vicariato Apostólico. De resto, os missionários espiritanos tinham já uma longa experiência destas missões, pois há cerca de 20 anos que as evangelizavam.

Desde então, este projecto foi várias vezes retomado sem nunca ter sido implementado. Nele se veio a empenhar particularmente o P. Carlos Aubert Duparquet, sertanejo e botânico distinto, dinâmico empreendedor e grande apaixonado por Portugal. Conseguiu que esse projecto viesse a ser concretizado com a entrega da antiga Prefeitura do Congo aos Espiritanos em 1865. De facto, no ano seguinte, 1866 chegavam a Angola os primeiros Missionários do Espírito Santo... Mas a sua condição de estrangeiros e a sua aparente interferência em território do Padroado, bem como a preparação

improvisada desta expedição, não permitiram consolidar esta presença. A Prefeitura do Congo estava em território português e a presença de missionários estrangeiros nesse território foi considerada abusiva.

As dificuldades políticas encontradas depressa fizeram compreender a Duparquet que só com missionários portugueses seria possível lançar a missão de Angola. Era indispensável começar pela fundação de uma casa em Portugal, onde se formassem os futuros missionários para esse território. E foi nesse sentido que encetou uma série de diligências que levaram a essa fundação.

Depois de alguma hesitação, o local escolhido para esta fundação caiu em Santarém, pela sua proximidade da capital e pelas facilidades de estudo que o seminário patriarcal, situado nessa cidade, facultava. Por decreto de 31 de Agosto de 1867, o Conselho Geral da Congregação decretava a fundação canónica da Congregação em Portugal: uma comunidade em Santarém a que se deu o nome de *Seminário do Congo*. Foi a 3 de Novembro de 1867, que em casa do Dr. Velhinho, na Rua de S. Lázaro, actual Rua de Pedro de Santarém, numa pequena sala, diante do quadro de Nossa Senhora das Vitórias, tão querida aos Espiritanos, foi inaugurada a primeira comunidade da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

Pioneiro como era, o P. Duparquet, no ano seguinte, deixava Santarém a caminho do Congo Francês e para lhe suceder foi escolhido o P. José Gebbat Eigenmann, um espiritano suíço dotado de invulgar cultura e raro espírito criativo, que viria a ser o verdadeiro fundador da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

Entretanto, as dificuldades, sobretudo políticas, com os missionários estrangeiros em Angola multiplicavam-se tornando extremamente difícil a sua presença naquela colónia. Por coincidência surgiu um pedido de Mons. Grimley, vigário apostólico do Cabo da Boa Esperança, a solicitar a presença dos Espiritanos naquele território. Era um projecto bastante tentador: não se previam dificuldades políticas, o clima era saudável, e Roma recomendava-o.

Com este projecto em vista a Congregação decidiu abandonar, ou pelo menos suspender, a missão do Congo e assumir a do Cabo da Boa Esperança. Assim sendo, o Seminário do Congo em Santarém deixou de ter razão de ser. De resto, a falta de recursos, o pouco resultado no recrutamento dos alunos e as dificuldades e entraves de toda a espécie que em Portugal se levantavam contra o estabelecimento das congregações religiosas, facilitaram a decisão: o seminário foi fechado e a experiência espiritana dada por encerrada.

2. Braga, berço da Congregação do Espírito Santo em Portugal

Antes de deixar Santarém, a conselho dos padres desta cidade e de outras pessoas amigas da Congregação, pensou-se em fazer uma tentativa no norte de Portugal, pelos lados de Braga, considerada a mais favorável ao recrutamento das vocações eclesiásticas e religiosas. Mas aconteceu que o

Vigário Apostólico de Gibraltar, Mons. Scandella em Março de 1869 veio encontrar-se com o Superior Geral dos Espiritanos no Seminário Francês de Roma, para lhe oferecer a direcção de um colégio que tinha fundado no seu vicariato, o Colégio de S. Bernardo, e convidava a Congregação do Espírito Santo a aceitar a direcção desse colégio. Era uma obra que poderia substituir a de Santarém, pois além de possibilitar o recrutamento de vocações, seria uma porta para a congregação em Espanha, onde a perseguição religiosa tinha fechado todos os colégios dos religiosos. O colégio foi aceite, seguindo para aí os alunos de Santarém. Mas aconteceu que o isolamento de Gibraltar não atraía os alunos e o colégio acabou por não servir os objectivos vocacionais que a Congregação se propunha. E no ano seguinte, 1872, o P. Eigenmann devolvia o colégio ao bispo, abandonando mais uma vez um projecto que não chegou a nascer.

Antes porém, de regressar a França, o P. Eigenmann recebeu a incumbência de explorar uma última vez a situação em Lisboa, nas províncias do norte de Portugal e Espanha em ordem a uma possível fundação da Congregação.

As informações que recolhia diziam-lhe que as províncias do Norte de Portugal, Douro e Minho e parte da Beira, eram as regiões mais fecundas de vocações eclesiásticas e aí não faltariam com certeza candidatos para as missões.

Foi com essa esperança que o P. Eigenmann partiu para o norte. Em Guimarães quis visitar particularmente o Colégio de Santa Quitéria, em Margaride, Felgueiras, dirigido pelos Padres Lazaristas, que ele conhecia de Lisboa.

O director do colégio, o P. Varet, convidou-o a passar ali alguns dias. Em conversa com ele e com mais dois professores, como o P. Eigenmann lhes falasse do motivo que o levara ao norte do país, eles por sua vez confiaram-lhe um projecto com que há muito sonhavam, mas que só uma congregação religiosa poderia implementar. Eles e vários padres de Braga desejavam vivamente que se criasse em Braga uma casa que pudesse acolher, sob a orientação de uma Regra de Vida e uma direcção religiosa, os alunos externos do seminário e do liceu, que vagueavam à deriva pela cidade. E pediram ao P. Eigenmann para tentar realizar esta obra, dando-lhe cartas de recomendação para amigos de Braga.

Era uma proposta que correspondia perfeitamente ao pensamento da Casa Mãe dos Espiritanos. De facto foi um projecto semelhante que levou o seu primeiro fundador Poullart des Places a criar o seminário do Espírito Santo em 1703 e foi o mesmo projecto que esteve na origem da fundação de um seminário francês em Roma, logo após a morte de Libermann. Era portanto uma proposta tipicamente espiritana.

Em Braga o P. Eigenmann começou por visitar os padres a quem estava recomendado e que lhe deixaram a melhor impressão. Um deles pô-lo em contacto com o arcebispo D. José de Azevedo e Moura, já velhinho, que o acolheu com toda a simpatia. Braga, segundo Eigenmann escreveu ao Superior Geral, era uma cidade com uns 30 mil habitantes, a Roma Por-

tuguesa, onde abundavam os templos e os conventos abandonados por causa da extinção das Ordens Religiosas. As vocações eclesiásticas eram ainda numerosas, se bem que em diminuição. A província do Minho apresentava muito mais condições de recrutamento vocacional que Lisboa ou Santarém. Também aqui a animosidade do Governo contra as Ordens Religiosas não era tão grande.

A cidade contava com cerca de 1500 estudantes, mas só 500 pertenciam ao seminário, que se encontrava no Campo da Vinha, hoje Praça Conde Agrolongo, perto da igreja do Pópulo. Os restantes viviam em pensões e casas particulares. Há muito que os padres lastimavam ver tantos alunos que deviam chegar ao sacerdócio, perder a sua vocação ou então abandonar-se a uma vida viciosa na cidade; mesmo entre os alunos havia um bom número que desejava um colégio-pensionato, se o houvesse. O bem que se lhes poderia fazer com uma boa direcção seria imenso.

As despesas da instalação não seriam grandes, pois estes estudantes levariam os seus leitos e outros instrumentos de uso pessoal. Com esta obra, o recrutamento das vocações deveria ser fácil.

De facto, a situação do seminário de Braga não era brilhante nesta época. Pouco depois da sua chegada do concílio de Trento, D. Frei Bartolomeu dos Mártires tratou logo de pôr em execução a determinação dos Padres conciliares respeitante à fundação dos seminários, criando no Campo da Vinha, o seu seminário conciliar. Mas depois, pouco a pouco, o seminário deixou de ser prioridade. D. Frei Caetano Brandão, que governou a diocese de 1790 a 1805 escreveu que depois de D. Frei Bartolomeu dos Mártires,"não tivera o seminário diocesano, prelado algum que olhasse por ele".

Em 1880 o arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa transferira o seminário para edifício mais condigno e vasto, que o antigo não tinha igreja nem capela, nem terreno para recreio dos alunos e era atravessado por uma vala de esgoto que estava nas proximidades de um quartel militar, vizinhança pouco de invejar para uma casa de formação sacerdotal. A transferência fez-se para o antigo convento das Ursulinas a que D. João Crisóstomo deu o nome de S. Pedro e S. Paulo.

Para começar, escreve o P. Eigenmann ao Superior Geral, não pensava numa obra grandiosa, um colégio seminário ou uma quinta, mas uma obra muito humilde, com o mínimo de pessoal e pouca despesa, um ponto de partida apenas para lançar a Congregação e fazer promoção vocacional.

O problema mais difícil era conseguir uma casa. Depois de muitas pesquisas, de percorrer quase todas as ruas da cidade, o P. Eigenmann, apoiado pelo Superior Geral, acabou por optar por uma casa, situada na Rua de S. Geraldo, hoje Rua da Regeneração, pertencente ao Conde de Vasconcelos. A rua era uma das mais tranquilas da cidade, habitada por boas famílias. O único defeito da casa era o de não ser suficientemente grande, mas serviria para começar. Cercada por um muro, a casa tinha um pátio, água potável que se tirava por uma nora, um jardim de flores e uma horta com frutos e legumes. Em frente ficava o convento das Franciscanas da Imaculada Conceição, com uma igreja bastante grande. Como só tinha uma

professa, quando ela falecesse seria fácil adquirir o convento por bom preço.

Como a casa se situava na Rua de S. Geraldo e como este Santo era muito popular na cidade, achou-se por bem tomá-lo como padroeiro da casa, até para não dar muito nas vistas e não suscitar susceptibilidades nos meios anti-religiosos, então bastante afinados em Portugal.

A Obra incluía duas categorias de alunos: os mais avançados que frequentariam o Seminário ou o liceu e os principiantes, a quem se daria instrução primária no próprio colégio. Tratava-se de lançar a primeira pedra para uma obra mais sólida: um futuro colégio sem que isso desse nas vistas. As aulas em casa seriam uma protecção e uma defesa para os alunos e uma garantia para o futuro da casa. De resto, havia em Braga um número considerável de alunos da província a preparar-se para o exame de instrução primária que não podiam frequentar ainda nem o liceu nem o seminário. Eram sobretudo estas crianças que precisavam de ser acolhidas numa boa casa de educação; seriam elas o melhor elemento para lançar as bases de um futuro colégio.

Tendo em conta todas estas informações do P. Eigenmann, o Conselho Geral da Congregação, na sua sessão de 26 de Agosto de 1872, aprovou a nova fundação:

"Tendo em conta as deliberações anteriores do Conselho, com data de 23 de Outubro de 1871 e 5 de Fevereiro de 1872, que emitiu um parecer favorável para se procurar em Espanha ou Portugal, uma obra mais vantajosa para nós que Gibraltar, autorizando para isso o P Eigenmann;

Tendo em conta as cartas deste padre de 25, 27 e 29 de Julho e 8 e 15 de Agosto, em que anunciava que depois de muitas pesquisas e dificuldades, tinha encontrado em Braga, Portugal, uma casa que parecia ser de particular conveniência para nós, ou seja, um externato para os alunos do seminário e do liceu, a que se juntaria, quando as circunstâncias permitissem, um internato mais numeroso:

Considerando 1º que esta obra se pode começar facilmente sem grandes despesas e com pouco pessoal;

Considerando 2º que esta obra é de natureza a fazer muito bem entre os numerosos estudantes de Braga, dos quais a maior parte estão abandonados e entregues a eles mesmos e que uma obra destas é vivamente desejada por vários eclesiásticos zelosos e piedosos que para este efeito oferecem a sua colaboração;

Considerando 3º que esta Obra, é além disso um meio dos mais indicados para recrutar vocações para a Congregação e para as nossas missões, especialmente para as do Congo, que é para nós o principal da fundação que procuramos criar na Península;

O Conselho, por unanimidade, é favorável a que se tome esta casa de educação em Braga, para substituir as de Gibraltar e Santarém, que se tinha precedentemente" (ACGSSp. Boite 462. A Brásio pp. 232-233).

O decreto desta fundação é datado de 26 de Agosto de 1872.

Mas mal constou que o P. Eigenmann se ia instalar em Braga, a imprensa jacobina, nomeadamente o *Diário Popular* não demorou em lançar contra os

Espiritanos o seu primeiro aviso. "Chegou a Braga um indivíduo que quer fundar aí um colégio de Jesuítas. Não perderá o seu tempo em Braga, berço da reacção, onde toda a gente suspira na pegada do senhor D. Miguel II e da honorável Companhia de Jesus".

Felizmente, dois jornais católicos responderam imediatamente a este irónico despropósito.

Por sua vez, o locatário da casa, o Sr. Capela, não estava disposto a deixá-la e o P. Eigenmann optou por uma outra casa, a casa do Sr. Magalhães na mesma rua; hoje não é possível saber onde era a casa que os primeiros espiritanos ocuparam. Mas esta casa era de tal maneira desfavorável que, passado um mês, um dos seus amigos mais influentes conseguiu outra, na Rua do Carvalhal, nº 36, edifício brasonado dos Condes de Azevedo, onde depois veio a morar a Família Braga da Cruz. Ali se instalaram a 8 de Outubro de 1872 o P. Eigenmann, acompanhado do primeiro espiritano português, o P. Policarpo dos Santos, mais três Irmãos Auxiliares.

3. O Colégio do Espírito Santo

Este Colégio de S. Geraldo, da Rua do Carvalhal, nº36, foi, pode dizer-se, a casa-berço dos Espiritanos em Braga. A finalidade desta casa, no pensamento inicial do P. Eigenmann e da Casa Generalícia da Congregação, embora admitindo também alunos internos, era assistir moral e espiritualmente a população escolar do liceu e sobretudo a do seminário, que vivia fora de portas.

Assim, ao princípio o colégio só excepcionalmente admitia alunos internos, mas como as famílias não vissem com bons olhos esta abertura ao exterior e recusassem enviar os seus alunos enquanto não tivessem aulas em casa, pois conheciam os perigos a que os alunos se expunham no liceu e no seminário, o colégio pouco a pouco foi passando a internato, só admitindo alunos externos excepcionalmente. Nestas novas bases, que se afastavam um pouco do projecto inicial, o Colégio de S. Geraldo tomou o nome definitivo que o havia de celebrizar, de *Colégio do Espírito Santo*.

O Doutor Luiz Maria da Silva Ramos, professor de Moral do seminário bracarense, lente de teologia da Universidade de Coimbra, mestre no púlpito e jornalista, deu com a responsabilidade do seu nome, a cobertura legal ao colégio. O Colégio do Espírito Santo pôde assim singrar sem problemas. Foi um sacerdote que ficou nos Anais da Congregação do Espírito Santo como um dos seus primeiros e mais insignes amigos e benfeitores.

A imprensa maçónica de Lisboa e Porto e "o Liberal" de Braga não deixaram passar despercebida a fundação do Colégio do Espírito Santo

A imprensa maçónica de Lisboa e Porto e *"o Liberal"* de Braga não deixaram passar despercebida a fundação do Colégio do Espírito Santo. Segundo eles, "uma fornada de Jesuítas expulsos da Alemanha por Bismark, nada menos de sete, tinham vindo refugiar-se em Braga: dois franceses, dois ingleses, um russo, um suíço e um escocês". Mas não faltou quem logo os defendesse e a verdade é que os padres tinham encontrado o melhor acolhimento e dedicação por parte de vários eclesiásticos e a simpatia geral da população.

Com o aumento crescente da população do colégio foi necessário procurar outra casa. Encontrou-a o P. Eigenmann na Quinta das Hortas, próximo da estação do Caminho de Ferro, na Travessa da Cónega, hoje Rua dos Irmãos Robys onde está o convento das Irmãs da Visitação. Ficava fora de Braga, a 5 minutos da cidade, com as vantagens da cidade e os encantos do campo: tranquilidade, ar puro e belas vistas. O Colégio do Espírito Santo aí se instalou em Outubro de 1873, com 60 alunos.

Mas a Casa das Hortas não tinha capela, o que não permitia uma liturgia condigna nem ter o Santíssimo em casa e o espaço era cada vez mais insuficiente para o desenvolvimento que a obra estava a tomar. Em 1875 os alunos eram já 127, o que era um número invejável para os colégios em Portugal. Foi preciso adaptar salas e encontrar novos espaços para a sua população sempre crescente. Para este sucesso contribuíram vários factores: a fama que o colégio adquiriu com o bom resultado dos exames, a disciplina e bom espírito que aí reinava e a alegria que transbordava da vida do colégio.

Mas a falta de espaço reservado, a disposição dos apartamentos, a vizinhança incómoda dos caseiros que tinham direito de passagem pelo pátio e a falta de capela, tornavam urgente a compra de um terreno próprio e uma construção de raiz.

O terreno à venda apareceu finalmente na Rua de S. Vicente, nº 20, com a frente para o Largo das Infias, na parte norte da cidade, com uma magnífica vista sobre o Cávado. Foi sábado, 12 de Agosto de 1876, que o P. Eigenmann foi avisado da venda desta propriedade pelo pároco da paróquia, o amigo P. Couto. Imediatamente Eigenmann procurou colher informações, um pouco em segredo, junto do pai de um dos alunos do colégio, até porque o proprietário João Manuel Pereira, era um brasileiro pouco simpático para com as obras religiosas. Aliás um outro pretendente se tinha já apresentado, mas por não ter podido pagar no tempo exigido, teve que retirar a sua candidatura. Então o P. Eigenmann, logo que recebeu a aprovação da Casa Mãe, comprou por escritura de 20 de Novembro de 1876 a chamada «Quinta de S.Vicente», na freguesia de S. Victor, que, por prudência jurídica, ficava em nome de três espiritanos todos eles estrangeiros: PP. José Eigenmann (suíço) Thomaz Hossenlop e João Alexandre Rulhe (franceses).

Foi a 21 de Junho de 1877 que se benzeu e lançou e a primeira pedra do colégio que hoje ainda existe com o nome de Liceu Sá de Miranda

Foi a 21 de Junho de 1877 que se benzeu e lançou e a primeira pedra do colégio que hoje ainda existe com o nome de Liceu Sá de Miranda; esta pedra ficou colocada sob a soleira da porta grande, virada para a cidade, tendo a construção sido confiada ao mestre Pontes, de Palmeira.

Foi uma obra construída pouco a pouco, tendo ao princípio uma parte do colégio continuado a funcionar na antiga Casa das Hortas. Além da ala principal do edifício que veio a ter os quatro pisos que hoje tem, construiu-se uma enfermaria, toda a ala da Rua de Santa Margarida, destinada à instrução primária, aos laboratórios de física e química, história natural, ginásio gimno-desportivo, telégrafo, pluviómetro, espaços de recreio, etc. A frequência escolar foi crescendo à medida que o nome do colégio se ia im-

pondo, tanto pelas condições pedagógicas como pela formação que aí se ministrava, como sobretudo pelos resultados excelentes que os alunos conseguiam nos exames do liceu. O Colégio começou com 80 alunos e chegou a 420 em 1910, que seria o número mais elevado até aí conseguido; a média anual dos alunos oscilava entre os 360 e 390.

A 9 de Julho de 1905 resolveu a direcção do colégio oferecer a Nossa Senhora uma coroa de prata dourada

Os brilhantes resultados conseguidos nos exames oficiais fizeram do Colégio do Espírito Santo um dos mais conceituados em todo o país.

Este colégio marcou gerações de estudantes e durante muito tempo foi um ponto de referência para a cidade. Todos os anos os alunos iam em peregrinação ao Sameiro, cujo templo se construiu nessa altura. A 9 de Julho de 1905 resolveu a direcção do colégio oferecer a Nossa Senhora uma coroa de prata dourada, cópia fiel da que lhe foi oferecida em ouro no ano anterior, por ocasião das festas jubilares. Esta coroa de prata foi oferecida pelos alunos e elaborada pelo artista bracarense Manuel Casimiro da Costa, o mesmo que tinha confeccionado a coroa de ouro. Na coroa figurava o brasão do Colégio do Espírito Santo.

Também o segundo sino do carrilhão do Sameiro, que pesava 35 arrobas, foi oferecido pelos directores e alunos do colégio do Espírito Santo.

Em 1900 foi solenemente benzida pelo Arcebispo de Braga D. Manuel Baptista da Cunha uma estátua monumental de Nossa Senhora de Lurdes, de ferro fundido, com 1,75 m de altura e colocada na esplanada fronteira ao edifício principal do colégio; hoje essa estátua encontra-se na Avenida das Tílias no seminário do Fraião, oferta da família que a adquiriu, a quando do leilão do espólio do colégio em 1910.

Ao fim de 30 anos, um bom número de antigos alunos ocupavam lugares de grande relevo tanto na Igreja como na sociedade civil: uns foram deputados, outros governadores civis, outros professores universitários, diplomatas, funcionários do Governo, médicos, juízes, advogados, jornalistas e empresários. Lembremos apenas alguns nomes mais significativos: o bispo de Leiria D. José Correia da Silva, o bacharel Henrique Cardoso de Meneses, governador civil de Santarém, o Visconde de Paço Nespereira, governador civil de Braga, Dr. Francisco José da Silva Basto, lente catedrático da universidade de Coimbra, Dr. Luís Marins Meneses, Cônsul em Marselha, o Dr. Manuel Monteiro, embaixador no Egipto, Dr. Alberto Pinheiro Torres, deputado da nação, Capitão Monteiro Pinto, D. José Queiroz de Lencastre, o barão de S. Lázaro...seria uma lista sem fim.

No dia seguinte ao do assassinato de D. Carlos e do príncipe herdeiro, a primeira voz a levantar-se no parlamento, protestando contra esse crime, em nome da religião e da civilização, foi o deputado Alberto Pinheiro Torres, antigo aluno do colégio, o único que teve a coragem de se apresentar aos eleitores como católico.

Mais tarde, quando o jornal A *Palavra*, o único jornal que defendia os interesses da Igreja, esteve na iminência de suspender a sua publicação por falta de meios, foram três antigos alunos do colégio, que se lançaram, numa nova empresa para evitar a morte deste jornal.

Em Coimbra, no meio da população turbulenta da universidade, foram

Ao estabelecer-se em Braga, a Congregação do Espírito Santo tinha como fim principal o recrutamento das vocações para a evangelização das colónias portuguesas de África: os colégios apareceram como alfobre de vocações e fonte de recursos para as casas de formação dos aspirantes

ainda dois antigos alunos do colégio do Espírito Santo, Ivo Cunha Barbosa e D. José Queirós de Lencastre, que tiveram a coragem de fundar um *Círculo Católico da Democracia Cristã*, a que chegaram a associar-se mais de 300 colegas, que muita influência viriam a ter na vertente social do nosso país.

Ao lado do colégio funcionou quase desde o princípio um Seminário Apostólico, para aspirantes espiritanos, tanto clérigos como irmãos auxiliares. Foi ali que desabrocharam as primeiras vocações espiritanas em Portugal.

Pode dizer-se que este Colégio foi a Casa Mãe da Congregação do Espírito Santo em Portugal. Daqui irradiaram as outras casas da Congregação:

- O colégio de Santa Maria em 1886 em Gaia, transferido par o Porto em 1887;
- A Escola Agrícola Colonial em 1887, para a formação de Irmãos Auxiliares para as missões;
- O colégio Instituto Fisher nos Açores, em 1892;
- A Procuradoria das Missões em Lisboa no mesmo ano – 1892;
- O Seminário Apostólico da Formiga em Ermezinde em 1894;
- O seminário maior de Carnide para o Curso teológico em 1907.

Aqui se fez a primeira profissão religiosa espiritana em Portugal: a do Irmão Rodrigues em 1878.

Aqui se celebrou a primeira Tomada de Hábito, na festa do Pentecostes de 1881.

Aqui foram ordenados os primeiros cinco sacerdotes da Congregação em Portugal em 1883.

Daqui partiram em 1881 os primeiros missionários para a missão de Angola: os Irmãos Gerard e Rodrigues e os PP. Wunemburger e José Maria Antunes, que foram fundar a missão da Huíla em 1881.

Ao estabelecer-se em Braga, a Congregação do Espírito Santo tinha como fim principal o recrutamento das vocações para a evangelização das colónias portuguesas de África: os colégios apareceram como alfobre de vocações e fonte de recursos para as casas de formação dos aspirantes. O colégio de Braga nunca esqueceria esta finalidade: no decorrer de toda a sua existência procurou subsidiar primeiro o Noviciado dos Irmãos, mais tarde transferido para Sintra e depois o Escolasticado Menor que lhe estava anexo, mesmo depois da sua transferência para o Colégio da Formiga.

Após 38 anos de existência, o Colégio do Espírito Santo atingiu o seu apogeu: e foi em plena fase de desenvolvimento que a Revolução de 1910 o suprimiu, mau grado o recurso interposto para o Tribunal Internacional de Haia. O sucesso dos seus alunos, a orientação prática do seu «Curso Comercial», o impulso vigoroso dado à educação da juventude, haviam atraído a estima e a confiança de Braga inteira. O renome que o colégio ganhou não só em Portugal como no Brasil, as suas óptimas construções, levantadas pouco a pouco só com os recursos do colégio, eram uma das glórias da cidade.

Em 1910, logo que foi promulgado o decreto que extinguia as congregações religiosas, confiscava os seus bens e expulsava do território português

todos os seus membros estrangeiros, o director do colégio, o P. Blériot, apelou para o Cônsul da França, protestando contra a confiscação de um imóvel, cujos proprietários legais eram franceses. Pediu também uma audiência com o Governador Civil de Braga, que por sinal, era um dos antigos alunos do colégio. Este escreveu ao Ministro da Justiça em favor do colégio e a pedido de muitas famílias e uma delegação de 300 pessoas que queriam a todo o custo salvar o colégio em nome dos interesses superiores da cidade, deslocou-se a Lisboa, na tentativa de evitar o pior. Mas tudo o que se conseguiu foi que os PP Blériot, director do colégio e Girollet, co-proprietário, pudessem prolongar a sua estada em Portugal, por mais algum tempo. Todos os outros membros da comunidade, padres e Irmãos, deviam partir imediatamente, os estrangeiros para atravessar a fronteira e os portugueses ou se secularizavam, ou se dispersavam ou se exilavam. Ainda se tentou entregar o colégio a um grupo de leigos, mas nem isso foi consentido. A 28 de Outubro, o colégio foi selado e a casa posta sob custódia militar. Foi com mágoa incontida que os 36 espiritanos que aí traballhavam: 20 padres e 16 irmãos lhe disseram o seu adeus.

A 1 de Novembro, o P. Blériot celebrava a última missa na capela do colégio, consumia as sagradas espécies, após o que o oratório foi também selado. Ao outro dia, Festa dos Fiéis defuntos, os dois padres foram ao cemitério pedir a bênção e despedir-se dos confrades que ali repousavam. A 2 de Novembro o guarda recebia a última chave da última porta do colégio.

em 1919 os Espiritanos do exílio pensaram ser chegado o momento de regressar a Portugal e restaurar a Congregação neste país

4. Braga e a restauração da Congregação do Espírito Santo em Portugal

Oito anos depois, em 1919, passada a efervescência da crise e recuperada uma certa cobertura legal, os Espiritanos do exílio pensaram ser chegado o momento de regressar a Portugal e restaurar a Congregação neste país. Disso foi incumbido, pelo Superior Geral da Congregação, o P. Moisés Alves de Pinho, futuro arcebispo de Angola e Congo e então exilado em Paris. O Superior Geral incumbira-o de «com ou sem autorização» das autoridades, lançasse ombros à obra.

Braga vai voltar a ser ponto de partida, berço da restauração da província

De novo, Braga vai voltar a ser ponto de partida, berço da restauração da província como o tinha sido a quando do seu nascimento. Era efectivamente em Braga que a congregação gozava de mais simpatia. E vão ser sobretudo os antigos alunos do colégio que serão o grande ponto de apoio desta restauração.

Tinha o colégio nos seus tempos antigos alugado uma propriedade agrícola, na Rua Bento Miguel, nº 18, conhecida pelos Espiritanos como «Quinta do Charqueiro», para colheita de fruta e animais domésticos. Aquando da Revolução de 1910, esta propriedade foi esquecida, tendo lá ficado apenas o Irmão Francisco Faria que guardava a propriedade. Sempre esperançado que os padres haveriam de voltar, lá ficou este tempo todo, guardando tudo o que podia defender da pilhagem, sobretudo roupas, alfaias de culto, paramentos e livros.

ida para o Fraião em 1929

Foi com a sua ajuda que o P. Alves de Pinho começou a procurar em Braga uma casa para lançar de novo as raízes da Congregação. Como nada se conseguisse nem em Braga nem nos arredores, o P. Pinho acabou por aproveitar as instalações daquele pardieiro para começar, partilhando os espaços com o pessoal doméstico da quinta. Foi o nosso segundo berço, talvez ainda mais pobre que o da Rua das Hortas, 47 anos antes.

Quando se soube deste regresso, os antigos alunos do colégio, nomeadamente D. José de Lencastre, Dr. Pinheiro Torres, capitão Monteiro Pinto, Dr. Jerónimo Louro, logo apareceram a oferecer os seus préstimos à Congregação.

Ali viveu a nova comunidade, com alguns aspirantes que se foram recolhendo, durante um ano. Ao fim de um ano como ficasse vago o Colégio de S. Tomás, na Rua Visconde de Pindela, os Espiritanos alugaram este colégio para o transformar numa Escola Apostólica. Ali pelo menos haveria espaço para 50 ou 60 aspirantes. Os aspirantes a Irmãos continuariam na Escola Apostólica de Formação para Irmãos Auxiliares, no Charqueiro, da Rua Bento Miguel e os seminaristas seriam instalados no Colégio de S. Tomás, da Rua Visconde de Pindela.

Foi nestas duas casas que viveram os Espiritanos durante oito anos, até à ida para o Fraião em 1929. A média de frequência dos aspirantes a Irmãos na Escola Apostólica de Formação para Irmãos foi de umas trinta pessoas. Para o Colégio de S. Tomás vieram os seminaristas do exílio, então estudando em Zamora.

Do espólio do antigo colégio do Espírito Santo, o colégio de S. Tomás recebeu o quadro de Nossa Senhora de África, que ficou instalado na sala de visitas e uma comissão de Antigos Alunos ofereceu uma estátua de Nossa Senhora, também do antigo colégio e que um aluno tinha comprado.

O ano lectivo de 1921-1922 começou com 49 alunos, tendo nessa data o antigo aluno Capitão Monteiro Pinto começado a dar gratuitamente aulas de físico-químicas e matemática, trabalho que faria, duas vezes por semana durante 43 anos, até que as suas forças lhe faltaram, o Dr. Jerónimo Louro com a assistência médica e as suas aulas de medicina e higiene, D. José de Lencastre que amiúde visitava o seminário, os Drs. António Valença e Delfina Velença, grandes beneméritos da Obra, além de vários sacerdotes nossos amigos.

Como o Colégio do Espírito Santo antes da República também este colégio de S. Tomás foi o embrião e ponto de partida para difusão da Congregação em Portugal, nesta nova fase da sua história.

Daqui se partiu para a fundação de três novos seminários: o de Teologia em Viana do Castelo, o de ensino inicial em Godim, Régua, e o do ensino médio no Fraião.

5. O Seminário do Fraião

Ao fim de oito anos de vida o Colégio de S. Tomás era já insuficiente para albergar todos os aspirantes espiritanos. Mantinha-se a ideia da per-

manência em Braga ou nos arredores. Mas urgia passar de casas de renda para uma propriedade que fosse pertença da Congregação em que se pudessem instalar as duas obras de base para formação dos missionários: seminário para o ensino médio e Escola Agrícola e Profissional para Irmãos Auxiliares, o que seria de grande apoio económico para o seminário.

Todo o ano lectivo de 1926-1927 se passou em pesquisas: visitou-se a quinta do Ramalhão em Sintra, a quinta da Costa em Guimarães e outras propriedades em Aveiro, Porto e sobretudo arredores de Braga. Foi nessa altura que chegou ao conhecimento dos Espiritanos que ia ser posta à venda a antiga Quinta do Visconde do Fraião, nos arredores da cidade. A chamada Quinta de Valbom, no Fraião, por morte do Visconde fora repartida por seus dois filhos e uma filha, casada com o Dr. Álvaro Ferreira da Silva, lente em Coimbra. À praça só ia o Valbom de Baixo, que incluía o solar do Visconde do Fraião e ocupava dois terços da quinta e que pertencia aos dois filhos. Mas o Dr. Álvaro só vendia a quinta com a condição de se lhe comprar também o Monte Redondo, que era precisamente o lugar mais indicado para a construção de um seminário. Finalmente comprou-se também o Valbom de Cima.

A escritura da venda foi feita a 10 de Maio de 1927 e a 3 de Dezembro chegava da comunidade da Rua Bento Miguel a primeira leva, que ficou instalada na antiga residência dos viscondes do Fraião. A 5 de Dezembro de 1927 começou a terraplanagem do Monte Redondo para a construção do novo edifício e a 29 de Janeiro de 1928 o arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos que desde a primeira hora nos acolheu com particular estima e carinho, benzia a primeira pedra do pavilhão norte do Seminário do Fraião, pedra essa que ficou sob a soleira da porta central que olha para a cidade. Curioso notar ter sido o mesmo prelado a benzer a primeira pedra do Seminário Conciliar a 8 de Dezembro desse ano de 28, cerimónia a que assistiu toda a comunidade do Fraião.

Ainda durante o ano de 1928 começaram a surgir os edifícios dos actuais pavilhões das oficinas e central. O primeiro serviria de base de apoio à construção em curso da Escola Profissional para Irmãos Auxiliares e o segundo seria a sede da Obra dos Irmãos. Finalmente em 1935 seria solenemente benzido o pavilhão sul, por outro arcebispo, também ele grande amigo dos Espiritanos – D. António Bento Martins Júnior. Desde então o edifício ficou já com a actual configuração, embora o claustro e a capela só fossem construídos mais tarde.

A transferência da comunidade da Rua Bento Miguel foi a 27 de Fevereiro de 1929 e a 29 de Julho passavam para o Fraião os seminaristas do Colégio de S. Tomás. A Casa da Rua Bento Miguel fora entretanto demolida.

A casa solarenga dos Viscondes do Fraião nunca foi abandonada. A pedido do episcopado, começou por servir de casa de retiro para regeneração de sacerdotes. Muito ampliada, foi desde 1934 sede do noviciado, primeiro para clérigos durante sete anos e a partir de 1950 para irmãos auxiliares. Algo remodelada e muito beneficiada, desde 1971 passou a servir para os

alunos do curso propedêutico que frequentavam a Faculdade de Filosofia de Braga e depois Centro de Animação Missionária. No ano 2001, depois de profundamente remodelada, a Casa do Visconde também conhecida por Espadanido foi cedida por um período de 50 anos à Associação de Solidariedade Social de S. Tiago do Fraião para Lar de Terceira Idade, Centro de Dia, apoio domiciliário, infantário e ATL.

O seminário, lá no alto, onde chegaram a funcionar simultaneamente todos os cursos de preparação para o sacerdócio desde o segundo ano do ensino secundário até ao terceiro de Filosofia, foi sempre fundamentalmente uma grande escola do chamado curso liceal. Em atitude precursora e por muitos considerada na altura revolucionária, obteve, no fim da década de quarenta alvará de estabelecimento de ensino secundário particular. As vicissitudes a que o seminário esteve sujeito dependeram muito das múltiplas conveniências e necessidades da Congregação, sobretudo por via das alterações que o plano de estudos foi sofrendo através dos tempos, a nível oficial. Desde as suas origens por aqui passaram alguns milhares de alunos, dos quais cerca de 200 foram ordenados sacerdotes e enviados em missão.

Ao lado do seminário funcionou também a Escola Profissional e Agrícola, onde chegaram a leccionar professores da Escola Agrícola de Braga. Ali floresceram oficinas de tipografia, carpintaria, serralharia, sapataria e alfaiataria que formaram inúmeras gerações de missionários leigos para as missões de Angola. Ali se formaram cerca de 250 irmãos auxiliares para as missões. Por outro lado, alguns Irmãos mais novos frequentaram cursos da escola Técnica e na escola de Enfermagem com boa qualificação profissional.

Devido ao plano urbanístico da Câmara de Braga para o Vale de Lamações, a partir de 1993, a casa do Fraião sofreu profundas remodelações, inserindo-se nela um Centro de Animação Missionária e de Espiritualidade e dando-se uma nova configuração a toda a quinta.

A 22 de Março de 1980, por proposta do Cónego Costa Lopes, da Comissão de Toponímia da Cidade de Braga foi dado o nome do P. José Eigenmann, o fundador do Colégio do Espírito Santo, a uma rua de Nogueira, perto da Capela do Espírito Santo.

Braga é para os Espiritanos não só o berço em que a Congregação nasceu como a cultura que a moldou e o rosto que a impôs e caracterizou

Conclusão

Braga é para os Espiritanos não só o berço em que a Congregação nasceu como a cultura que a moldou e o rosto que a impôs e caracterizou. Todos os Espiritanos passaram por Braga e aqui viveram a sua fase educacional, mais permeável a influências e a valores. A beleza da cidade, abrigada pelas paisagens únicas do Bom Jesus e do Sameiro, as suas festas e os seus ritos, as suas procissões e as suas igrejas, os seus foros e os seus areópagos marcaram indelevelmente a juventude espiritana que por aqui passou.

Em Braga ganhou marcas o nosso património espiritual, as nossas devoções e as nossas tradições. Aqui aprendemos a devoção ao Espírito Santo e ao Imaculado Coração de Maria, a devoção a S. José e ao Sagrado Coração de Jesus, ao Menino Jesus de Praga e a S. Miguel, padroeiro da

Coração de Jesus, ao Menino Jesus de Praga e a S. Miguel, padroeiro da Província, outras referências que marcam a espiritualidade espiritana. Ao monte do Sameiro nos habituámos subir no início de cada ano, a pedir a bênção à Senhora e pela sua sombra nos sentimos envolvidos e amparados.

Foi aqui que a Congregação do Espírito Santo ganhou raízes afectivas e aprendeu a ser estimada e querida pelas suas autoridades e pelas suas gentes. Os nossos primeiros amigos, de que nunca mais nos separaríamos, foi Braga quem no-los deu.

Foi aqui que durante dezenas de anos, os antigos alunos dos nossos colégios, enquanto a vida lhes permitiu, se reuniam para avivar uma amizade que vinha dos bancos da escola e queriam manter sempre viva e estimulante.

Foi aqui que conhecemos benfeitores e amigos a que a nossa história e a nossa missão espiritana ficou indelevelmente unida: médicos, advogados, engenheiros e gente simples: benfeitores cuja dedicação e carinho guardamos como nosso património mais precioso.

Mais que em qualquer outra parte aqui sentimos o carinho dos seus arcebispos que sempre nos têm acompanhado e que estiveram presentes nos momentos mais marcantes da nossa história: D. José de Azevedo Moura, D. Manuel Baptista da Cunha, D. Manuel Vieira de Matos, D. António Bento Martins Júnior, D. Francisco Maria da Silva, D. Eurico Dias Nogueira e D. Jorge Ortiga. Aqui sentimos a amizade do clero com quem nos sentimos irmanados e de religiosos e religiosas com quem partilhamos o mesmo ideal.

É por isso que não podíamos fechar este centenário sem uma romagem de gratidão à cidade-mãe, que foi o berço da nossa história.

Pe. Adélio Torres Neiva

angola
missão em situações de risco

Com os olhos postos em Angola, citava-se o tema de «Missão em situações de risco». Visto deste lado e assim vivido, o «risco» pode tornar-se ocasião de crescimento das comunidades e das pessoas. Foi o que se passou em Angola a nível da eclesialidade, nas circunstâncias de aperto marxista à Igreja até 1991.
Vou basear-me na minha experiência pastoral, como pároco e missionário em Malanje na viragem e primeiros anos da independência; e, de meados de 1977 a 1982, como colaborador em paróquias do Huambo, quando uma equipa de que fiz parte reabriu, organizou e relançou o Seminário Interdiocesano do centro do país.

Quando o Conselho Geral dos Espiritanos preparava o Capítulo Geral de 1992, previsto para Itaici, no Brasil, os seus membros optaram por um Capítulo de avaliação de experiências que chamaram «significativas», donde se pudessem extrair linhas de acção para o futuro. Mais do que elaboração de textos (tentação de todas as Magnas Assembleias de Religiosos), interessava um auto-exame do ser e agir do Instituto, olhando àquilo que parecesse estar mais na linha da sua originalidade missionária. De facto, o Capítulo de Itaici rodou quase todo à volta de um pequeno elenco de «experiências significativas», ou consideradas como tais.

Na preparação do Capítulo, o primeiro elenco de temas somava mais de duas dezenas de experiências. Entre elas e com os olhos postos em Angola, citava-se o tema de «Missão em situações de risco». Nas selecções que pro-

* Manuel Gonçalves, missionário espiritano, trabalhou em Angola desde 1973 até 2003, com um intervalo de 10 anos, que passou em Portugal como Formador e em Roma como Conselheiro Geral. Em Angola exerceu os cargos de pároco da Missão de Malanje, Professor do Seminário de Cristo Rei do Huambo, Secretário da CEAST, Secretário Nacional da Pastoral, membro da Comissão Instaladora da Universidade Católica de Angola e, depois, seu Administrador e Professor.

gressivamente se foram realizando, a experiência do «risco angolano» quase vingou; acabou por não passar na escolha final, perante outras experiências que beneficiavam de maior suporte documental e especial apadrinhamento.

No entanto, na experiência eclesial de Angola independente, sobretudo entre 1975 e 1980, encontram-se dados que podem ser orientadores para situações futuras que, considerada a dialéctica humana, por certo acontecerão algures, elas ou outras semelhantes. A pergunta a fazer seria: em situações de risco, físico ou pastoral, como aquelas que então se viveram em Angola, que é importante, positiva ou negativamente, para os missionários, a Igreja, o povo em geral?

O negativo do «risco» é que este pode virar desastre

Visto positivamente, o «risco» pode conotar um apelo de recomeço com algo de novo ou de diferente

Tomo a palavra «risco» em sentido amplo e na sua dupla dimensão de positividade e negatividade. O negativo do «risco» é que este pode virar desastre – a nível físico (a perda da vida ou de estruturas materiais importantes), ou a nível social e pastoral (a limitação drástica ou a recusa da liberdade, ou seja a perda de todo o testemunho e acção, para lá do testemunho silencioso de vida).

Visto positivamente, o «risco» pode conotar um apelo de recomeço com algo de novo ou de diferente, respondendo à urgência dos factos e superando a hipótese da negatividade. Visto deste lado e assim vivido, o «risco» pode tornar-se ocasião de crescimento das comunidades e das pessoas. Foi o que se passou em Angola a nível da eclesialidade, nas circunstâncias de aperto marxista à Igreja até 1991.

Vou basear-me na minha experiência pastoral, como pároco e missionário em Malanje na viragem e primeiros anos da independência; e, de meados de 1977 a 1982, como colaborador em paróquias do Huambo, quando uma equipa de que fiz parte reabriu, organizou e relançou o Seminário Interdiocesano do centro do país.

Porque as julgo mais importantes, selecciono quatro situações que, em níveis diferentes, me parecem de certo risco e como que paradigmáticas: o risco pastoral causado pela desorientação e pânico que afectaram a quase totalidade dos europeus, e por arrastamento de bastantes missionários, na caminhada desordenada do país para a independência (havia sintomas de guerra civil e de marxização); o risco que foi para a Igreja a tentativa socio-ideológica do Governo por marxizar as mentalidades e a organização da sociedade, privilegiando para tal a juventude, marginalizando os cristãos, fazendo recear uma eventual expulsão dos missionários estrangeiros; o risco trazido pela inesperada irrupção, após a independência, de práticas tradicionais rejeitáveis, antes consideradas extintas (fazendo recear que a evangelização tivesse passado ao lado de certos valores culturais), num contexto em que alguns consideravam a fé cristã como justificativo ideológico da invasão colonial; o risco físico de viver em meio a uma guerra entre irmãos, com perigo de ser conotado com uma das partes por «dá cá aquela palha».

Pela natureza do tema, a exposição será principalmente narrativa, com um «respaldo», ora implícito ora claro, de eclesiologia prática. Alguma bibliografia complementar será indicada no fim. Mas noto desde já que um

livro que permite acompanhar e na prática documentar tudo o que será dito, é a colecção de todos os Documentos da Conferência Episcopal de Angola desde 1974 até 1996, editada em 1997 pelo seu Secretariado Pastoral[1].

1. A desorientação e pânico de 1975

Esta desorientação, provocada pelo inesperado dos acontecimentos e (acho ter dados para o afirmar) pela acção intencional dos militares portugueses, ao menos no seu topo, atingiu a quase totalidade da população de origem europeia, imigrada ou de 2ª e 3ª geração local. A sua saída precipitada provocou uma enorme desorganização a nível da vida e estrutura eclesial. Explico.

Antes da independência, a face da Igreja em Angola era bi-cultural e bi-color, com os contornos não muito acentuados entre um e outro lado

Antes da independência, a face da Igreja em Angola era bi-cultural e bi-color, com os contornos não muito acentuados entre um e outro lado. Nesta «sinfonia» quase afinada, a tónica pastoral era dada principalmente pelos cristãos de origem europeia, a muitos dos quais os Cursos de Cristandade revitalizaram a fé a partir da década de 1960. A Pastoral urbana era de tipo europeu, onde a língua, o simbolismo religioso, o canto da cultura africana tinham pouco ou nenhum lugar. A Pastoral rural tinha expressão muito mais africana, sobretudo no centro e sul do país. Entre o povo kimbundu, no corredor Luanda-Malanje, a juventude e as pessoas de meia idade só se expressavam em português e denotavam certa «mestiçagem» cultural; o seu jeito de viver e expressar a fé aproximava-se mais que no resto do país da prática europeia, mantendo-se africana.

Entre um e outro lado, culturalmente e do ponto de vista religioso, moviam-se os angolanos natos dos arredores e subúrbios do asfalto citadino. Quanto à Missão de Malanje, a igreja central era local de referência para todos, esbatendo-se a diferença principalmente entre Pastoral urbana e Pastoral sub-urbana. Porém, era nítida a distinção entre estas e a Pastoral rural. Um defeito da organização missionária acentuava a diferença: eram quase estanques, entre os «padres da cidade» e os «missionários de aldeia», a responsabilidade e as actividades pastorais. Isso quer dizer que existia na área dessa Província «uma só Igreja» com duas classes de eclesialidade, cada uma delas de costas mais ou menos viradas para a outra.

Muitos dos europeus e mestiços haviam começado a sair já antes das «confusões»; mas o grosso do êxodo e o ponto alto da desorientação (muitos pensavam regressar passada a borrasca – fiquei com mais de 40 chaves de casa na mão) tiveram lugar entre Junho e Agosto de 1975, quando os dois maiores Partidos se envolveram em confronto armado; o Movimento marxista, com a ajuda da tropa portuguesa, acabou por ficar senhor da situação.

A «meia-Igreja» de carácter europeu desapareceu, levada pelas circunstâncias

A saída da população citadina e parte da dos subúrbios significou uma viragem completa da situação eclesial. A «meia-Igreja» de carácter europeu desapareceu, levada pelas circunstâncias, e ficou o que restava da outra «meia-Igreja», entregue a si, no meio de relativa desorganização eclesiástica, devendo fazer face à tentativa marxista de identificar Igreja e colonialismo.

[1] *Angola entre a guerra e a paz, Documentos Episcopais –1974-1996*, Edição CEAST, 1997.

A pouca assistência religiosa que teria sido possível em circunstâncias normais, era agora impedida ou dificultada pela insegurança física que já se espalhara por todo centro-norte de Angola.

Devo acrescentar que o pânico referido alastrou de Ndalatando e Malanje para a população europeia do centro e sul do país, quando os militares portugueses levaram o povo europeu e mestiço que não retirara de Malanje, em «procissão» de carros que levou quase três dias, para o Bié e Huambo, onde os confrontos eram ainda só uma ameaça.

Nesta emergência de radical mudança sociológica e de viragem pastoral, que se revelou importante para a Igreja e a Missão?

1.1 – A ambivalência das circunstâncias:

Acabou por ser providencial em Malanje, na «pre-independência» , uma situação de «abundância» de sacerdotes, «negativa por excesso», que intervinham na Pastoral da paróquia central. O pároco nomeado chegara dois anos antes, mas raramente tinha lugar para presidir a uma das três eucaristias dominicais: outros sacerdotes, e o bispo, tinham lugar ocupado antes dele. Restava-lhe a catequese, a logística pastoral, a preparação de sacramentos, pois até os Grupos de Pastoral laical dependiam de outros orientadores.

A solução que achou foi de dedicar-se aos bairros sub-urbanos, criando comunidade com as pessoas e vivendo perto dos seus problemas. Resultou daí, na hora própria, uma dupla vantagem: saber de antemão o que estava planeado acontecer; e, após a saída dos europeus, refazer a comunidade paroquial com as pessoas, que ele conhecia, que se mudavam dos bairros para o vazio da cidade.

«não, que os missionários não são brancos»

Antes da guerra, as crianças vinham ter com o pároco para dizer: "senhor padre, guarde comida e lenha para um mês, que vai haver muita guerra e os brancos vão fugir como «pulgas» (sic)"[2]. - À objecção de que, saindo os brancos, deveriam partir também os missionários, respondiam: «não, que os missionários não são brancos». - De designação da cor, o adjectivo passara a um sentido sociológico, abrangendo só comerciantes e funcionários.

Enfim, começada a guerra, quando a tropa portuguesa andou de casa em casa a instar com os europeus para que se concentrassem no perímetro do quartel (serão depois levados para o sul), os missionários de Malanje recusaram sair de casa – «à vossa responsabilidade», disseram os soldados, e nós concordámos. Para além do seu apego à Missão, indesmentível, os missionários tinham a certeza de que o povo que ficava os queria. Sabia-se pelas crianças que um dos mais velhos, frequentemente agressivo com as pessoas,

[2] É um dos motivos por que afirmo que a saída em pânico dos europeus fora planeada: o povo dos arredores de Malanje sabia dois meses antes o que ia acontecer e, naturalmente, guardava segredo.

devia partir. Os outros podiam ficar descansados, desde que tivessem cuidado em não se envolver na contenda nem se expusessem à chuva dos tiros[3]. Pena foi que dois missionários, um deles o grande homem da Missão rural, tenham sido afectados pelo ambiente que se gerara na cidade.

A reestruturação da comunidade eclesial foi lenta. A cidade começou por ser saqueada, e só uns três meses mais tarde o povo dos bairros, nosso conhecido, se decidiu a vir preencher o espaço vazio que fora dos europeus. O ambiente era ainda de medo, e o Partido marxista, senhor da situação, intensificava a pressão contra a Igreja e a religião.

Noto duas coisas: o Partido marxista instalara-se em Malanje em princípios de Novembro de 1974: um mês depois, não havia uma criança africana na catequese da paróquia. Em Junho de 1975 (no mesmo dia em que à noite começara a batalha pela posse da cidade), tinham feito a primeira comunhão, com baptismo para a maioria, umas trinta crianças da escola da Missão Feminina: em Setembro, nenhuma delas vinha à igreja, e na rua evitavam os missionários. Foi só depois que a comunidade tomou balanço que, pouco a pouco, crianças e adolescentes foram regressando.

numa situação crítica de viragem ou rotura social, é fundamental que tenha pre-existido uma comunidade de fé e de vida

a Igreja é toda ela comunhão

De tudo isto, penso poder retirar as conclusões seguintes:

- **1ª constatação pastoral:** - numa situação crítica de viragem ou rotura social, é fundamental que tenha pre-existido uma comunidade de fé e de vida entre os irmãos e destes com os Pastores, como garantia de que a transição não desmorone a vida cristã (ou seja, em Pastoral tem prioridade a construção comunitária).

- **2ª constatação:** - porque a Igreja é toda ela comunhão, onde haja estratos humanos de nível socio-cultural diferente, não é aceitável que a situação afecte a unidade do corpo eclesial a ponto de o fracturar em dois ou mais blocos estanques entre si.

- **3ª constatação:** - ao discernir que posição tomar numa situação de quebra ou rotura social, a leitura dos acontecimentos à luz da fé terá de incluir a força da paciência que resulta da confiança em Deus Providente.

1.2– A missão rural em hibernação

Dos dois missionários que se ocupavam desde antes da independência da Missão rural, um deles, bom conhecedor da língua e presente em Malanje

[3] Incomodou-nos bastante, a nós e ao Bispo diocesano, um diácono espiritano em estágio numa Missão a uns 80 Km. de Malanje, que optara por um dos Partidos (ignorando inocentemente que ele era marxista). Criticava o que chamava de nossa «cobardia e indefinição». Um dia apareceu-nos afogueado em Malanje, dizendo que se sentia perseguido. De facto, soubemos depois que o Partido contrário o procurava. A solução foi embarcá-lo à pressa no comboio para Luanda, antes que todos sofrêssemos, mais o seu ingénuo «engajamento juvenil». Posteriormente, deixará a caminhada sacerdotal.

desde 1933, passava a maior parte do seu tempo nas aldeias, ficando com o povo (andava a pé), orientando os catequistas. À comunidade-sede, vinha para descansar, reencontrar os confrades, abastecer-se, e ainda para reuniões gerais com os catequistas. Comunhão com o povo e atenção aos catequistas, eram as duas linha de força do seu apostolado.

Receou-se uma razia religiosa, que não veio a acontecer

Instalado o Partido marxista em Malanje, o aperto maior foi justamente nas aldeias, por obra dos soldados e dos activistas do Partido: algumas capelas foram destruídas, rasgados os bilhetes de identidade cristã; os catequistas eram aliciados para se tornarem responsáveis da comissão local do Partido, primeiro afirmando que podiam cumular com cargo de catequistas e depois pressionando-os para deixar o serviço pastoral. A mensagem transmitida era que a Missão fechara, que os missionários tinham partido com os «colonos», que a religião era obscurantismo. Receou-se uma razia religiosa, que não veio a acontecer.

Foi-se depois sabendo pelos catequistas que nos visitavam que a oração e a catequese estavam sendo retomadas nalgumas aldeias

Durante meses, não se podia circular com segurança entre a cidade e as aldeias. Mesmo assim, a pouco e pouco começaram a aparecer na Missão um ou outro cristão, um ou outro catequista. Vinham ver se era verdade que a Missão fechara. Regressavam contentes, para dizer nas aldeias que os homens do Partido mentiam.

Foi-se depois sabendo pelos catequistas que nos visitavam que a oração e a catequese estavam sendo retomadas nalgumas aldeias. Em Junho de 1976, foi possível organizar na sede um retiro de três dias para os catequistas, o primeiro desde 1974. Foi-lhes explicada a nova situação, salientando que a vida de fé podia exprimir-se agora bem mais ao jeito africano. Em Julho, retomaram-se as visitas às aldeias – as mais próximas e apenas por um dia. Reconhecendo o velho jeep da Missão, as pessoas pulavam de contentes. A Ir. Manuela Mangueira, nova Superiora da Missão Feminina, explicava, no seu kimbundu aportuguesado de luandense que era, que a Igreja continuava, embora de outra maneira, e mostrava a «cara africana», em foto, do novo bispo de Malanje, ele próprio malanjino (o futuro Cardeal Nascimento).

Progressivamente, a Missão no mudo rural re-entrou em funcionamento, com a população cristã resistindo bem às tentativas de ateização que o Partido continuava levando a cabo.

- 4ª **constatação:** na desorientação que se instalou em Angola em 1975-76, é compreensível que tenha havido dificuldade em ser clarividente quanto à situação e seu enredo; mas teria sido um tremendo desastre para a Igreja se todos os missionários tivessem abandonado as comunidades cristãs.

- 5ª **constatação** (óbvia): a solidez das comunidades cristãs do meio rural africano depende bastante da formação e apoio humano prestado aos catequistas, da existência de um grupo motivado de cristãos (conselho da aldeia) à volta do mesmo, e do acompanhamento pelo missionário, com visitas frequentes, da vida da comunidade.

2. - A tentativa governamental de ateização da sociedade

O principal ideólogo do Partido marxista afirmara um dia que não tencionavam perseguir a Igreja. Mas que utilizariam o que chamou de «técnica do aquário»: não matariam o peixe, mas tiravam-lhe a água para que ele morresse por si. Entendemos que isso incluía dupla tarefa: mentalização anti-religiosa, e afastamento de jovens, crianças e adultos qualificados da influência da Igreja.

2.1 – A acção concreta do governo e do partido

Notou-se que o Partido utilizava os seguintes meios: obrigação de inscrição no Partido das crianças (os «pioneiros») e jovens, sobretudo os estudantes; ocupação dos jovens e crianças com desporto e mais actividades de fim de semana no tempo em que decorriam as actividades religiosas; proibição de prática religiosa aos militares e funcionários do Estado; comícios políticos no horário previsto para os actos de culto; crítica à Igreja como colaboradora do colonialismo, à religião como obscurantismo e «idealismo objectivo»[4], aos frequentadores da Igreja como anti-patriotas. Nas escolas e nas reuniões de militantes, era ensinado o materialismo, na dupla vertente histórica e «científica» – evidentemente, a maioria do povo não entendia muito bem o alcance dessas noções, e, quando se chegava a querer substituir Deus pela natureza (a matéria), aí os africanos, por tradição cultural, prestariam em geral um acordo apenas de boca.

Ao mesmo tempo, os sacerdotes e sobretudo as Irmãs eram tratados com deferência. Aos Bispos foi facultado passaporte diplomático, com liberdade de saída e re-entrada no país. Se o pessoal da Igreja era tratado com respeito, interessando apenas ter o povo distanciado dele, houve sinais de que o Partido tentou dividir os Pastores entre si. A alguns sacerdotes que se aproximavam da órbita do Partido, foi sugerido por este que a Igreja Católica pedisse publicamente perdão ao povo pela sua colaboração com o colonialismo. Houve Bispos que fizeram ver a esses sacerdotes que se tratava de atingir manhosamente a imagem da Igreja perante o povo, quando esses «patriotas» não pediam perdão por terem lançado Angola na guerra civil. Por confidência do Prelado em questão, sei que, em viagem desse Bispo ao estrangeiro, três vezes foi contactado por alta personalidade do Partido propondo-lhe criar uma «Igreja nacional e patriótica», separada de Roma, podendo contar com o apoio financeiro de que precisasse. Claro que o Bispo

[4] Os activistas do Partido costumavam interpelar as pessoas nestes termos: há o materialismo, que é científico, e há o idealismo. O materialismo põe a natureza e as coisas à frente do pensamento; o idealismo, à frente põe a ideia. Você tem de dizer se é materialista ou idealista. E há dois idealismos: o de Berkeley (nome que ninguém conhecia), que é o idealismo subjectivo; e o idealismo objectivo, que é a religião. A maioria das pessoas pouco entendia desta lenga-lenga filosófica. Mas postos perante o dilema de ser materialista ou idealista, naquelas circunstâncias diriam ser materialistas. Atalhava o activista: portanto você não é religioso, e faz bem. – Claro que, da parte da gente, era tudo simulado.

Uma das maiores graças que Deus concedeu à Igreja em Angola nesse tempo de aperto e manha, foi a unidade dos seus Pastores

não ia cair no embuste, e a resposta foi a criação em Angola de três Arcebispados e a possibilidade em separar função de Arcebispo e presidência da Conferência Episcopal – «chefe» da Igreja Católica, seria, não um Bispo, mas a Conferência Episcopal em bloco.

Uma das maiores graças que Deus concedeu à Igreja em Angola nesse tempo de aperto e manha, foi a unidade dos seus Pastores – os diferentes pontos de vista não foram obstáculo nem à comunhão nem a uma posição conjunta perante o Governo.

Em 1978-79, o Partido e o Governo empreenderam uma dupla campanha: «**a dinamização cultural**», visando criar a nova mentalidade «materialista, revolucionária e ateia», e a «**rectificação de quadros**», ou escolha de membros para o Partido, de entre os trabalhadores com melhor imagem pública.

A «dinamização cultural» resumia-se no fim de contas em criticar a religião, e contrapor-lhe uma visão dita «científica» do mundo. Na «rectificação» de quadros, o escolhido devia dar o seu acordo, e, nesse caso, fazer profissão de ateismo e prometer lutar contra o «obscurantismo religioso». Devo dizer que, de início, esta campanha levou alguns cristãos a renegar a fé: havia vantagens materiais em pertencer ao Partido, os dirigentes da sessão apelavam ao sentido patriótico das pessoas, e o medo, por si e pela sua família, enfraquecia a coragem do testemunho.

pouco a pouco foram aparecendo cristãos que diziam preferir perder tudo a abandonar a fé cristã.

Foi assim de início. Mas pouco a pouco foram aparecendo cristãos que diziam preferir perder tudo a abandonar a fé cristã. Houve quem chamasse «traidores» aos dirigentes da reunião, pois muitos deles tinham crescido à sombra das Missões da Igreja. Na região do Huambo, em que, após a hesitação de vários, outros afirmavam com vigor a sua fé, chegou a haver um caso em que o testemunho de um arrancou aplausos de todo o grupo. Visto o mau resultado que a campanha começou a dar, ela foi esmorecendo, e terminou passado pouco mais de um ano, pois estava funcionando em desfavor do Partido.

Deve dizer-se, por outro lado, que o aperto sofrido trouxe vantagens para a Igreja: mais clara definição de quem tinha realmente sentido de pertença cristã, aproximação mútua e mútuo apoio, forte sentido de comunhão e confiança nos Pastores.

Quanto ao Episcopado, sempre distinguiu o que era de interesse do povo e da nação, mesmo se proposto pelo Partido (e nesse caso colaboravam), o que era de interesse do Partido (que em geral não merecia apoio), e o que era contrário à fé e moral cristã (o ódio, a violência, a manipulação da verdade, a guerra, o ateísmo), que rejeitavam com vigor.

2. 2 - Sem receio do confronto

O Bispo da Igreja Metodista (a mais importante entre os Kimbundus depois da Católica) fora em 1975-76 informar-se à Alemanha Democrática so-

bre o «modus vivendi» entre e Igreja luterana local e o Partido marxista. Decidiu colaborar com o Partido, e fez campanha na Europa contra a Igreja Católica, criticando a pretensa «falta de patriotismo» dos seus Pastores; passou a Igreja Metodista a ser tratada com certa deferência pelo Governo e bom número de Pastores entraram para lugares intermédios da administração. Porém, como a maioria dos Pastores Metodistas de Malanje haviam aderido ao Partido dos Kikongos (Holden Roberto era ele mesmo Pastor protestante), o Bispo fez com que a Polícia do Estado prendesse e condenasse os Pastores que não tinham aderido ao Partido marxista (valeu às famílias a Caritas católica). Além da injustiça, essa opção levou à divisão em duas da Igreja Metodista, a qual dura ainda e parece insanável, pois acabou por ser sancionada pelo Centro de Harare, a que está ligado o Metodismo angolano. Hoje existem no norte de Angola duas Igrejas Metodistas: uma sedeada em Luanda, outra em Malanje, cada qual com seu Bispo.

a Igreja Católica em geral teve outra opção: colaboração no que era justo e útil à nação, recusa clara do ateísmo, da violência e da guerra civil, crítica ao marxismo

Os Bispos e a Igreja Católica em geral tiveram outra opção: colaboração no que era justo e útil à nação, recusa clara do ateísmo, da violência e da guerra civil, crítica ao marxismo. Mantendo-se unidos, não recearam o confronto, e uma eventual perseguição, se ela viesse.

A marcação pelo Partido de actividades à mesma hora dos actos litúrgicos era nitidamente uma acção de intimidação e confronto. Nesse contexto, procurou-se manter as directrizes seguintes:

- Não mudar o horários dos actos religiosos, a não ser ocasionalmente e por razões de peso (um comício no Huambo em dia de Páscoa de 1989 ficou sem gente, porque o povo preferiu ir à igreja);
- Lembrar às famílias que a catequese dos filhos era mais importante que as actividades do Partido;
- Responder junto dos cristãos, e se possível para a nação, às críticas que se propalavam contra a religião e a Igreja;
- Ajudar os jovens (que somente no Huambo acorriam à igreja em número razoável), mesmo se reduzidos a número pequeno, a ter informação não-ideológica sobre a origem e evolução da vida, e os «pontos quentes» da história;
- Apoiar os leigos mais em evidência na sociedade, e os catequistas, no seu testemunho cristão;
- Valorizar a acção do Movimento de Apostolado mais espalhado em Angola, e no qual a maioria dos membros eram mulheres – a Legião de Maria;
- Relançar a Pastoral vocacional, e, quando possível, abrir mais Seminários diocesanos, além do Seminário Inter-Diocesano do Huambo;
- Organizar a Caritas, de modo que pudesse, com ajuda católica internacional, socorrer as vítimas da guerra e da destruição que já assolavam o país.

O Partido já confiscara a Rádio Ecclesia em 1977, e eram inúmeras as dificuldades com que se debatia a publicação do jornal «O *Apostolado*» (por exemplo, dificuldade em conseguir papel): mantinha-se o mínimo de um

número por ano, a fim de salvaguardar o alvará. Receando que o Partido viesse a silenciar completamente a voz da Igreja, o Episcopado fez ler em todas as igrejas do país, no Natal de 1979, uma bem elaborada Pastoral, onde se apresentavam serenamente as queixas graves que os católicos tinham em relação ao Governo e ao Partido, se desmontavam as críticas contra a religião, e se apontavam os erros e pontos fracos da teoria marxista[5].

A reacção do Partido foi violenta, e houve boatos em Luanda de que se preparara a prisão de todos os Bispos. Tal não veio a acontecer, mas vieram represálias: durante uns anos, nenhum Bispo conseguiu acesso a diálogo com Autoridades centrais em Luanda; as ofertas para a Caritas vindas de fora foram, durante algum tempo, taxadas com imposto alfandegário de 100%; durante alguns anos não puderam entrar no país novos missionários.

A posição do Episcopado foi sempre firme e unânime na recusa do ateísmo, da violência de Estado, da guerra

A posição do Episcopado foi sempre firme e unânime na recusa do ateísmo, da violência de Estado, da guerra. Com o decorrer dos anos, a simpatia pela Igreja cresceu, e chegou-se a um ponto em que o próprio Partido receava o peso da Igreja Católica e a sua aceitação pelo povo.

- 6ª **constatação:** em regime de perseguição ou semi-perseguição religiosa, é fundamental a unidade de afecto e testemunho de todo o Corpo eclesial, sobretudo dos Pastores entre si.
- 7ª **constatação:** Embora o facto possa ocasionar situações de martírio ou, pelo menos, de sofrimento, uma afirmação clara dos valores da fé não é somente uma questão de fidelidade; a médio ou longo prazo, ela mostra ser mais vantajosa para a Igreja que uma atitude dúbia de negociação.
- 8ª **constatação:** é importante resolver as dificuldades doutrinais que eventualmente estejam bloqueando o crescimento na fé dos jovens, como é igualmente importante que se clarifiquem na opinião pública as semi-verdades ou objecções que são espalhadas em relação à Igreja (necessidade de um Serviço de Opinião Pública na Igreja).

o testemunho corajoso de um grupo de cristãos desperta e reforça a audácia dos demais cristãos

- 9ª **constatação:** o testemunho corajoso de um grupo de cristãos, mesmo de um só no meio do grupo, desperta e reforça a audácia dos demais cristãos.

2.3: - O peso sociológico de um testemunho de grupo

Em finais de 1975 e até 1977 (com alguns missionários em experiência de prisão e outros mortos pela guerra ou por homens do Partido)[6], receou-se uma perseguição dura contra os católicos. Nos princípios de Maio de 1977,

[5] Podem ver-se a seguir a esse texto, na Colecção dos Documentos Episcopais indicados na bibliografia, a acerada crítica do Partido aos Bispos, em reacção à Pastoral, e uma Nota explicativa da reacção dos políticos redigida pelo compilador dos Documentos.

[6] A revista *NIGRIZIA*, dos Combonianos italianos, publicou a partir de 1982 informação resumida, por vezes algo tendenciosa, sobre a situação angolana; e em Julho de 1991, uma reportagem, extensa e justa, sobre a situação política e a relação Igreja-Governo. *A DOCUMENTATION CATHOLIQUE*, a partir da mesma data, incluía quase sempre uma Nota informativa sobre a Igreja em Angola, no resumo anual que em fim de ano civil os Serviços da S.ta Sé costumam publicar.

o Presidente do Partido e do Estado desmascarou a situação, declarando oficialmente que o Partido era de linha marxista-leninista, e que os cristãos ou se faziam ateus ou deixavam o Partido (muitos não fizeram nem uma nem outra coisa). E afirmou: «vai ser uma onda de mar que arrasará tudo quanto se lhe opuser». Tal não virá a acontecer.

Que no entanto o Partido actuou com cautela em relação à Igreja Católica, notou-se pelo seu comportamento no Huambo – bastião do Partido rival, e centro da região de Angola com percentagem maior de cristãos. Tinha-se a impressão de que o Governo receava que a Igreja viesse a favorecer a Unita. Por exemplo: em 1976-77, foram confiscados todos os edifícios da Igreja, menos templos e residências. Dos Seminários do país, só dois foram poupados, justamente no Huambo: o Seminário Maior Diocesano e o Seminário Menor Espiritano.

Encarando o futuro com certo receio, por 1975-76 os católicos manifestavam pouca resistência à marxização. Em Malanje, um acontecimento de Outubro de 1976 vai marcar mudança de atitude por parte dos católicos dessa área.

Nesse mês e ano, celebrava-se o 25º aniversário da fundação da Legião de Maria (o Movimento de Apostolado mais enraizado junto dos africanos). Organizou-se por isso um Congresso Legionário em Malanje, onde o Movimento fora criado. Vindos de Luanda, Kwanza-Norte e área de Malanje, juntaram-se na Missão cerca de 800 legionários. Mais teriam vindo se a segurança física estivesse garantida. No último dia fez-se uma procissão de velas (no largo espaço, pertença da Missão, que separa esta da Missão Feminina) com a imagem de Nossa Senhora – eram proibidas as manifestações sem licença do Partido. Era já escuro, e meia cidade pôde ouvir os cânticos.

A Rádio local, criticando a assembleia dos católicos e a procissão «obscurantista», contribuiu para espalhar a notícia da «grande» concentração religiosa. Ela foi comentada pela cidade fora. Entre si, diziam os legionáros: *somos mais numerosos que os ateus, por que razão havemos de ter medo?* A frequência dominical começou a aumentar a partir daí, e assim, nas Missas de Natal, o povo já mal cabia na missa da «noite». As mulheres da Legião de Maria ousavam desafiar os políticos, faltando ostensivamente aos comícios quando eles eram marcados para o mesmo horário da Liturgia.

Afirmo sem receio de contestação que as mulheres da Legião de Maria foram a principal força que fez renascer a Missão e a paróquia de Malanje. Poderá dizer-se o mesmo, *mutatis mutandis*, em relação a toda Angola. Nesse tempo de aperto à Igreja, foram as mulheres cristãs, sobretudo as legionárias, quem deu melhor prova de fidelidade e melhor testemunho de fé cristã.

tempo de aperto à Igreja, foram as mulheres cristãs, sobretudo as legionárias, quem deu melhor prova de fidelidade e melhor testemunho de fé cristã

A ideia de que uma «afirmação de massa» por parte dos crentes é importante para a coragem do testemunho, foi confirmada em 1979 no Huambo: contra a lei que proibia manifestações religiosas públicas, fez-se a procissão do *Corpus Christi*. Se a procissão de Malanje teve lugar num espaço da Missão, agora a manifestação saiu à rua. Houve dois factos a nosso favor: o Partido olhava com certa apreensão o povo do Huambo; nesses dias as Au-

toridades maiores estavam ausentes. Pedida a autorização de saída à rua a Responsáveis intermédios, eles empurraram a decisão de uns para os outros: nenhum quis parecer em favor e nenhum quis mostrar-se contra a procissão. Decidimos nós avançar: na véspera à tarde, foi enviada a notícia e convite a todas as paróquias da cidade. No dia seguinte, após a Missa das 10 horas na catedral, mais de 10.000 pessoas desfilaram por algumas ruas da cidade, com bandeiras e o Santíssimo em procissão. Passando em frente ao edifício dos cubanos, curiosos e assomados às janelas do prédio de vários andares, o líder da procissão mandou com o alto-falante parar a marcha e rezou «pela conversão dos nossos irmãos cubanos».

Foi com enorme entusiasmo que o povo regressou a casa no termo da concentração: o «tónus» vital da sua fé e a coragem do testemunho saíram reforçados. A procissão repetiu-se em anos seguintes.

- 10ª **constatação:** Ao menos em Angola, o testemunho e o empenho das mulheres cristãs foi um dos meios que levaram ao crescimento e solidez da Igreja durante a pressão marxista – o que evidencia o valor da militância feminina na Igreja.

- 11ª **constatação:** As manifestações eclesiais de «massa» por razões de fé, de testemunho ou de «comunhão» (paroquial, diocesana) dão ao povo cristão e à sociedade sentimento personalizante de solidez e de peso social.

2.4 – A comunidade entregue a si mesma, na hipótese de expulsão dos missionários

A eventualidade de uma expulsão dos missionários e suas consequências para a vida da comunidade chegou a ser considerada em Malanje desde finais de 1976 a Maio de 1977. O ambiente só se desanuviou quando o levantamento popular de parte de um bairro de Luanda, por influência da ala mais radical do Partido, em 27 de Maio[7], trouxe no seu rescaldo o desprestígio do Partido e a diminuição de confiança nos seus chefes, aos olhos do povo comum.

Além da ala do Presidente Neto, marxista e ateu mas nacionalista, gerara-se em Luanda dentro do Partido uma corrente mais ortodoxa e pro-soviética, onde militavam marxistas idos de Portugal (Mário Martins, Sita Vales). O promotor desse Movimento dentro do Partido, um prestigioso comandante do tempo da luta armada, tomara conta do pelouro da mentalização ideológica das escolas e dos núcleos do Partido, o DIP (Departamento de Informação e Propaganda). Os textos que eram entregues aos estudantes

[7] Ficou conhecido esse levantamento como «fraccionismo» – divisão trágica dentro do Partido marxista. A feroz repressão do Governo e da Polícia política fez vítimas por todo o lado. Fala-se de 20.000 mortos em Luanda, e mais de uma centena de jovens do Partido em Malanje, que inocentemente aderiram às ideias que lhes apresentavam - além de vários outros membros do Partido.

e aos militantes tornaram-se muito agressivos em relação à religião, invocando principalmente argumentos «científicos» e outros tirados da história.

Os comícios políticos em Malanje, no início de 1977, tornaram-se ameaçadores para os cristãos, mas só quando os oradores usavam o kimbundu: prisão para quem tivesse crucifixo ou foto do Bispo em casa, julgamento popular para quem faltasse aos comícios. O que nos custava nesta situação era que alguns desses cabecilhas tinham sido membros de comunidades cristãs, alunos das escolas ou até dos Internatos das Missões. Receando o pior, a prudência aconselhava que se preparasse a comunidade para um eventual futuro de maiores dificuldades.

prisão para quem tivesse crucifixo ou foto do Bispo em casa, julgamento popular para quem faltasse aos comícios

Com a vinda da gente das aldeias para a cidade, a Missão de Malanje beneficiara da capacidade de três catequistas bem preparados, que no tempo colonial eram funcionários no meio rural – dois professores primários e um enfermeiro. Desde o início, dada a sua capacidade e excelente testemunho cristão, foram chamados a ser o braço direito dos Padres. Foi chamada para o grupo também a Presidente da Legião de Maria – uma mulher de fé profunda e indesmentível apego à Igreja: era a impulsionadora da coragem e resistência das outras mulheres da Legião. Foi perguntado ao grupo se achavam haver risco de os missionários virem a ser expulsos. Podia acontecer, pelo que se dizia nos comícios – confirmaram. Foi-lhes então comunicado que, no caso de os missionários terem de partir, eles deveriam, às claras ou em semiclandestinidade conforme as circunstâncias, encarregar-se da vida de fé e caridade da comunidade – paróquia e Missão rural. Os catequistas já tinham hábito de colaborar na homilia dominical e na preparação dos sacramentos. Estavam genericamente a par da vida e funcionamento da comunidade.

Foi explicado ao grupo que a Igreja, centrada em Cristo e no Evangelho, é expressa em termos de educação e celebração da fé, de comunhão sacramental, de caridade fraterna e testemunho, e que se pode realizar em três níveis diferentes de eclesialidade: um nível pleno, um nível médio, e um nível mínimo.

Existe o nível pleno quando todos os sacramentos e todos os elementos que constituem a Igreja (incluindo o exercício da Ordem) são possíveis: a fé pode ser anunciada, vivida, expressa e celebrada livremente, e a comunidade tem plena visibilidade social. É a situação ideal para a Igreja, a que ela tem direito em termos de liberdade religiosa.

Tem-se o nível médio quando uma parte da eclesialidade não pode ser exercida – sobretudo quando não há meios ou possibilidade de existência e acção de Pastores Ordenados. Nesse caso, a transmissão da fé e o baptismo têm de ser salvaguardados; a reunião dominical é imprescindível, e dar-se-á o testemunho de fé que for possível – quanto ao testemunho de vida, ele é sempre possível.

O nível mínimo verifica-se quando toda a liberdade religiosa é restringida ou suprimida – e neste último caso ter-se-ia a clandestinidade total. Em situação minimal, tem de se manter a transmissão da fé e o baptismo, a reunião comunitária que for possível, e a oração e a comunhão fraterna serão vividas principalmente ao nível familiar ou inter-familiar.

Prevendo o futuro da Igreja, pode ser que em Angola se mantenha sempre o nível pleno – e isso felizmente veio a acontecer. No caso de expulsão dos missionários, teria o grupo dos catequistas de manter o nível médio, com possibilidade de algo do nível pleno se os pouquíssimos sacerdotes diocesanos, com o Bispo, garantissem a Eucaristia ao menos de vez em quando. O nível mínimo, mesmo em termos acentuados, não parecia ser de recear, dado o número de cristãos e as provas já dadas de capacidade em testemunhar a fé.

Dentro deste quadro genérico, o grupo-líder entrou ainda mais na animação pastoral da paróquia e das aldeias mais chegadas (aonde iam aos domingos, após o serviço na sede, com o jeep da Missão), atentos ao desenrolar dos acontecimentos.

Mas a Providência interveio em nosso favor. O grupo radical dentro do Partido precipitou-se, provocando em 27 de Maio um levantamento popular num bairro de Luanda contra a Direcção do Partido, deixando-se arrastar à violência; foram neutralizados militarmente pelos soldados cubanos. Seguiu-se por parte do Governo uma sangrenta perseguição aos aderentes e cabecilhas do Movimento – muita gente simplesmente desapareceu, e ainda hoje as famílias procuram esses membros. Esta onda de violência afectou a imagem do Partido junto da população, diminuindo o impacto da sua mensagem, e a corrente extremista estancou-se com o desaparecimento dos seus mentores.

O projecto de entrega da liderança da Missão aos catequistas mais responsáveis não precisou de ser activado

O projecto de entrega da liderança da Missão aos catequistas mais responsáveis não precisou de ser activado. Mas as ciscunstâncias favoreceram o aumento do sentido de comunhão e o apego à fé: a comunidade cristã estava disposta a correr os riscos que fosse preciso para se manter fiel.

3. O risco de passar ao lado da cultura local

Costuma dizer-se que a extinção do cristianismo na Província romana do norte de África (terra de Tertuliano, Cipriano e Agostinho) se deveu ao erro de não se ter procurado inculturar a fé entre o povo nativo da região, a população não-romana. A desorganização da sociedade romana e romanizada, com a invasão dos bárbaros, e a fragilidade de uma fé não-inculturada junto da população autóctone (ao contrário do que sucedeu no Egipto), tornou fácil mais tarde a imposição do islamismo pela conquista muçulmana.

Que o anúncio da fé chegara ao fundo da Numídia e criara comunidades cristãs, consta dos documentos. O pai de S.to Agostinho era romano mas S.ta Mónica era berbere. Sabe-se pela história que a Igreja no norte de África, nos séculos IV a VI, era marcadamente sinodal. Os relatos das muitas reuniões sinodais havidas mencionam a presença de Bispos da Numídia e de outras regiões próximas do Saará. Extinta a presença da cultura romana, a fé cristã foi definhando perante a adversidade das circunstâncias e o isolamento.

Uma das críticas maiores a fazer à colonização portuguesa, que se quis «assimiladora», é a de pouca consideração pela cultura local – o que influenciou negativamente a missionação nalgumas regiões de Angola (numas mais que noutras), a seguir ao Acordo Missionário de 1940. Por justiça, deve

dizer-se que até essa data os missionários preocuparam-se com o conhecimento da cultura e o uso das línguas nacionais na evangelização, bem mais do que após o referido Acordo. Cito dois casos: um ilustra o desinteresse que se gerou pelo uso da língua do povo do país; outro demonstra como é ilusão pretender passar ao lado da cultura.

Quando cheguei a Malanje em 1973, não me foi proporcionado tempo para estudar a língua kimbundu com a seguinte justificação: «não perca tempo, essa língua vai morrer...». De facto, na área em referência, a juventude mal sabia a língua dos pais e hoje, nas cidades, ignora-a completamente. Mas muita gente não a perdeu, e muitos dos que usam o português entendem-no mal. Ora, é pela estrutura mental da língua, pela sabedoria popular consignada nos provérbios, contos e adivinhas, tanto como pela crença e práticas religiosas, que se descobre a alma cultural de um povo, o seu esquema de pensamento, o seu jeito de encarar a vida e o mundo. Por outro lado, como é demonstrado pela prática, só o que enraíza na cultura tem «chances» de perdurar.

só o que enraíza na cultura tem «chances» de perdurar

O Acordo Missionário, elaborado pelo Governo e por ele anexado à Concordata, considerava que as Missões Católicas estavam "ao serviço do imperialismo português (sic)", o que significa que elas deviam colaborar no esforço de uma assimilação totalmente desatenta da cultura. Um velho missionário presente em Malanje desde 1933 contou-me que o P. Mendes Cardona, Superior da Missão e Vigário Episcopal de Malanje e Lundas desde a década de 1920 até 1943, a quem os mais velhos designam ainda como «santo Padre Cardona», desabafou, quando leu o citado parágrafo do Acordo Missionário: «passou a época áurea da Missão de Angola». O futuro não lhe deu total razão, mas ele acertava na exigência de o Evangelho se enraizar na cultura, o que seria dificultado pela política de assimilação.

Que só o que se enraíza na cultura irá perdurar, é posto em evidência pelo facto seguinte, surgido imediatamente após a independência.

Uma crença generalizada dentro de toda a cultura banto, é de que, por relação entre pessoa humana e mundo dos espíritos, há indivíduos cujo espírito é capaz de sair do próprio corpo, sem morte pessoal, e penetrar durante o sono dos dois no corpo de outra pessoa, para ir «comendo» a pouco e pouco a sua «força vital», a sua alma. Vem daí a explicação popular das doenças e de uma morte antes do tempo da velhice: alguém, classificado como «feiticeiro»[8], ou vários, serão na aldeia os «comedores» de almas

[8] Creio que muita gente usa o termo «feiticeiro» de maneira imprópria, genericamente. Ora, dos homens ligados ao «transcendente» na cultura banto, haverá que distinguir o «bom Kimbanda» ou curandeiro, que usa remédios tradicionais de natureza vegetal, em cujo conhecimento foi iniciado, embora lhe junte geralmente adivinhação e recurso aos espíritos; há o «mau Kimbanda», conhecedor de venenos e da arte de fazer malefícios; e há o «nganga», o homem da relação religiosa com os antepassados e o mundo espiritual. No caso presente da Ordália do veneno, «feiticeiro» designa uma pessoa que, talvez sem o saber, tem essa capacidade de «comer» a alma alheia – não é um «profissional» de malefícios, é alguém que tem uma capacidade de maldade da qual não tem culpa, pois nasceu com ele. A gravidade que ainda tem este problema nalgumas regiões de África, apesar da cristianização, demonstra como crenças e hábitos enraizados na cultura não se mudam com discursos nem com repressão, nem da noite para o dia.

alheias. Para os identificar e eliminar, existe em toda a África banto tradicional a ordália da «prova do veneno», que no norte e centro de Angola toma o nome de «mbambu»[9]. Em contexto de ligação aos espíritos e aos antepassados, uma bebida altamente tóxica é preparada, com veneno extraído de uma casca ou raiz de árvore especial, e organiza-se uma cerimónia ritual em que os suspeitos são obrigados a tomar o líquido. Uma vez que se pensa que o «feiticeiro» tem dentro do corpo um «órgão de fazer mal», o veneno, encontrando esse órgão, fá-lo-á morrer, poupando os inocentes. É muito difícil tirar estas ideias da cabeça das pessoas, explicando as doenças de modo mais objectivo.

Essa prática foi considerada criminosa por todos os Governos coloniais e era punida. Em Angola considerava-se semi-extinta, praticada somente em aldeias recônditas e em segredo; nunca ouvi os missionários mais velhos falarem dela. Mas um ano depois da independência, ela irrompeu com violência por todo o norte e centro de Angola, e ainda hoje aí faz problema sério, sobretudo na região do Uije – e sabe-se que ela campeia igualmente pelos países da francofonia africana.

Em Malanje, dizia-se em 1976 que o Presidente da República (uma invenção) queria limpar Angola de todos «feiticeiros», e por isso toda a população teria de se sujeitar ao «mbambu». A Missão reagiu, explicando em que consistiam as doenças (o que não convenceu o povo), e avisando que um cristão não podia aceitar essa tradição, perigosa para a vida alheia e própria; de facto, muitos cristãos a evitaram. Mas outros não, inclusive empregados da Missão. Na área de Kakulama, uns 30 quilómetros a leste de Malanje, só numa semana foram mortas com o «mbambu» cerca de 400 pessoas. Foi difícil abrandar a onda, pois a explicação científica não pegava; pegou somente, e em parte, a ideia de que o cristão não deve ter medo «dos comedores de almas» (cedendo que eles existem), pois está defendido quem tem a protecção do seu baptismo e sabe que Cristo, em quem acredita, é vencedor do mal. Apesar de tudo, ainda aconteceu depois que, na chamada «aldeia da Missão», dois rapazitos da catequese mataram à pedrada, sem «mbambu», uma mulher de idade, só porque constava que ela era «feiticeira».

Tirámos duas conclusões: a repressão colonial não dera resultado; faltava descobrir o que estava culturalmente por detrás dessa prática (desvalores e algum valor), e inserir aí, por substituição e «sanação», a dinâmica do Evangelho.

a repressão colonial não dera resultado; faltava descobrir o que estava culturalmente por detrás dessa prática

Com a propaganda marxista a afirmar que o cristianismo «é coisa de brancos», e que, nessa religião, «negro é só o demónio», que a missionação serviu à ocupação da África pelos brancos, era evidente que o conhecimento da cultura, a aculturação do missionário e a inculturação da fé eram não somente uma questão de verdade e respeito pelo povo e pelo Evangelho; era também uma questão de eficiência da nossa acção.

Em consequência, passou-se na Missão a uma preocupação maior pela

[9] O livro de base sobre a Ordália do veneno na África banto resulta de um prolongado estudo da médica e antropóloga francesa Rettel-Laurentin, *Anne, Sorcellerie et Ordalies, l'épreuve du poison en Afrique noire*. Anthropos, Paris, 1974.

valoração do que é positivo no modo de entender as relações sociais e familiares, as crenças e gestos tradicionais, a vida, a morte e a doença, a relação à natureza. Começou-se pelo mais fácil: valorizar o uso da língua nacional, mesmo sabendo que a quase totalidade da população entendia o português. Retomou-se o antigo uso do Kimbundu na Liturgia, até porque havia livros para isso (orações, leituras, canto, alguma pregação). Para mais, havia católicos que frequentavam a igreja Metodista pelo facto de que, lá, todo o culto era em língua nacional. Perguntou-se ao povo: preferem o português ou o kimbundu na Liturgia? A resposta veio ao jeito africano: gostamos do arroz, mas o nosso «fúnji» (comida de farinha de mandioca) é me-lhor.

Perguntou-se ao povo: preferem o português ou o kimbundu na Liturgia? A resposta veio ao jeito africano: gostamos do arroz, mas o nosso «fúnji» (comida de farinha de mandioca) é melhor

- **12ª constatação:** uma vez que a alma de um povo só se atinge pela via da cultura, mesmo que agora os povos e as culturas se estejam aproximando como nunca dantes, a missionação sem inculturação não terá efeito perdurável perante os choques e contra-choques da história[10].

a alma de um povo só se atinge pela via da cultura

4.- Risco a nível da segurança física

A elaboração desta alínea mereceria a consulta aos missionários, Padres e Irmãs, que em Angola estiveram envolvidos especificamente em situações de choque directo entre os beligerantes. Quem viveu a experiência angolana um pouco à distância, sabe, ao menos por bom senso, que riscos devem ser evitados e que cuidados é preciso ter. Mas sabe-o muito mais quem foi tocado directamente pelo problema – a guerra dos 55 dias no Huambo, o cerco e bombardeamentos ao Kwito-Bié e a Malanje; em plano menor, quem ficou debaixo de fogo em ataques ou emboscadas, quem pisou minas, quem viu cair no banco ao lado um companheiro de viagem atingido por uma bala. Tal inquérito talvez se possa fazer um dia; para já, não está ao alcance da mão.

A guerra civil em Angola teve um «background» complexo: ela fez seguimento à desavença entre os três Partidos, a qual vinha do tempo da pre-independência, e liga-se à hipocrisia com que em Alvor se assinaram os acordos para a independência. Foi guerra de apetência pelo poder (pois ele dava acesso às riquezas do país). Houve também uma clivagem ideológica entre os Partidos – marxismo-leninismo internacional e anti-marxismo, em luta pela hegemonia na África Austral. É inegável que a adesão política dentro do país era mais tribal que ideológica: «nosso Partido», era a FNLA para os kikongos, o MPLA para os kimbundus, a UNITA para os umbundus. Para completar o quadro dos riscos, acrescente-se que em África ninguém consente que um estrangeiro, seja ele missionário, venha «dar leis» em sua casa; e que tomar posição por uma parte, mesmo que só de maneira implícita, envolve

[10] Para uma reflexão e acção pastoral neste campo da feitiçaria banto, em especial da «prova do veneno», há literatura abundante de teólogos e pastoralistas africanos, sobretudo zairenses e camaronenses. A revista *TELEMA*, de Kinshasa, tem frequentes estudos sobre o tema. Autor essencial, no qual se têm inspirado recentes teses de doutoramento sobre o assunto, é o jesuita camaronês Hebga Meinrad, cujo livro fundamental (além de outros e vários artigos) leva o título de *Sorcellerie, Chimère Dangereuse?*, Inades Éditions, Abidjan, 1979.

tomar posição por uma parte, mesmo que só de maneira implícita, envolve a imediata identificação, por parte da outra, como inimigo. Enfim, na guerra, o enraivecimento e a violência são uma espiral que sobe e por isso são difíceis de travar - e assim se entende a conhecida frase de João Paulo II de que é fácil entrar na guerra e bem mais difícil sair dela.

É de elementar bom senso que o missionário estrangeiro se deva manter neutral

É de elementar bom senso que o missionário estrangeiro se deva manter neutral, se quer ficar com o povo e dar-lhe algum conforto no terrível sofrimento que a guerra traz. É normal que interiormente tenha as suas preferências (se, por exemplo, uma das partes recorre sistematicamente à mentira, se a outra parte inclui grande maioria de cristãos, se o programa deste ou daquele favorece melhor o bem do povo). A neutralidade, por isso, pode não ser total, até porque o missionário deverá ajudar o povo a «abrir os olhos» às injustiças. Mas colocar-se manifestamente de um lado em detrimento do outro, implica perigo de vida ou de violência para o próprio, pode atrair represálias sobre a comunidade cristã ou dividi-la, e dificulta uma eventual mediação para pacificar os espíritos e suster a violência.

Em segundo lugar, o missionário terá consciência de que está sob observação por parte dos dois lados, e que facilmente será interpretado pelo mínimo gesto que faça ou palavra que diga. Neste ponto, o sacerdote ou a Irmã do país estão em situação pior, por causa da inevitável conotação tribal.

Em África, cai muito mal que um estrangeiro, e ainda mais se missionário, critique a situação ou o país em que vive, enviando relatórios ou notícias para o exterior: ofende o sentido de pudor nacional. Por outro lado, privar-se de o fazer em situações de injustiça clara e grave, pode significar pactuação pelo silêncio. Se em consciência se sente obrigado a tal, terá de avaliar as vantagens e desvantagens do seu acto em relação ao bem do povo em geral e da comunidade cristã em particular, bem como a sua segurança pessoal (não se pode brincar com regimes totalitários); e ainda a possibilidade de uma superação do conflito a breve trecho.

Expor-se conscientemente a um perigo, como teimar em visitar zonas onde a segurança é praticamente nula, corresponde à perda do «médium» virtuoso, por excesso, das virtudes da coragem e da prudência – é temeridade. O missionário terá de equilibrar bem (o que nem sempre aconteceu) a dedicação ao povo, o perigo físico da situação e a necessidade absoluta de salvaguardar a própria vida. É tradição que vem do princípio da Igreja a norma de não provocar nem procurar o seu próprio martírio. A um juízo equilibrado ajudarão o conhecimento da posição religiosa de quem ocupa a zona, o modo como a guerrilha actua (por exemplo, se ela usa, na emboscada, dar um tiro seco de aviso, sendo então absolutamente necessário parar, sob pena de seguir-se um ataque a sério), e ter em conta a informação da gente da área sobre o risco de tal ou tal viagem.

Enfim, consagrado a Deus mediante a dedicação ao povo, o missionário partilha das dificuldades e riscos da população que é o «seu povo», certo de que, com a prova, Deus concede em regra a graça para a superar (1 Cor.10. 13). Uma das grandes graças que Deus concedeu à Igreja em Angola nestes tempos de provação, além da unidade dos seus Bispos, foi que a maioria dos

missionários se manteve generosamente ao lado do povo, enquanto administrativos e políticos se refugiavam em lugares mais seguros. Na situação de tremendo risco em que alguns viveram, decerto que o facto de saberem estar cumprindo o seu dever e de se entregarem nas mãos da Providência, lhes deu suficiente paz interior para sobreviver a ambientes de catástrofe e miséria, provocados pela mão dos homens.

Uma das grandes graças que Deus concedeu à Igreja em Angola nestes tempos de provação foi que a maioria dos missionários se manteve generosamente ao lado do povo

Finalmente, uma situação como a que está em referência, exige nervos resistentes (no que a fé e o ideal ajudam) e cabeça fria. Além da injustiça e, digamos, da «estupidez» da guerra, além de destruições sem sentido, além do martírio incrível do povo e a maldade da violência, além da morte, ora por acidente ora deliberada, de alguns colegas, Irmãs e catequistas[11], foi duro também saber ou ver que soldados cubanos «fuzilavam» imagens e crucifixos, que soldados do Partido saqueavam residências e igrejas, por vezes com grave profanação do Santíssimo (aconteceu por exemplo em Kamakupa, no Bié). Foi inglória também e dolorosa a destruição propositada de arquivos da Igreja que tinham mais de um século (no Kwito-Bié por exemplo), eliminando preciosas memórias do passado.

Tentou-se elaborar em Angola, a partir do Secretariado da Conferência Episcopal, a lista, com nomes de testemunhas, de catequistas que foram mortos por causa da fé. São vários. A razão do martírio era em geral que não desistiam de levar o povo à oração, ensinar o catecismo, até simplesmente porque reuniam a comunidade com o toque do sino; ou então não alinhavam com a proposta de ateísmo que se fazia ao povo. Fala-se de um caso de Cabinda em que cães ferozes da tropa mataram dois catequistas; é praticamente certo, com testemunhas e o algoz ainda vivo (ao menos há pouco tempo) o martírio de um catequista de Cassinga, degolado pelo chefe do Comité local; e fala-se de bastantes casos, por todo o lado, de «confessores da fé». Dói o desinteresse de quem não quis ajudar a investigar os relatos do povo ou coleccionar testemunhos, desculpando-se com um possível lado político (mínimo) da questão. Resta o caso do excelente sacerdote que foi o P. Leonardo Sikufinde, do Kwanhama e Lubango, vitimado com uma Irmã quando levavam uma senhora aflita com a maternidade ao hospital do Chiulo – foi crime político, mas por razões de moral cristã. Começou-se a pensar no seu processo de beatificação e bom era que ele avançasse; garanto-o, por ter conhecido bem o P. Leonardo.

Para a resistência moral a estas situações de tremendo stress, há um valor que merece ser referido, dada a sua importância: o mútuo apoio das pessoas envolvidas e o apoio de colegas, confrades ou amigos que estão em situação mais segura. Era sempre com certa emoção que recebíamos em Luanda, ou deles tínhamos notícias directas pela rádio da Caritas, os missionários que

[11] Não há dados nem se conhecem muitos nomes; mas é praticamene certo que quem mais sofreu com a semi-perseguição religiosa em Angola foram os catequistas. Missionários mortos de propósito por gente do Partido ou (dois pelo menos) pela Polícia política, são quatro: os dois espiritanos de Kakonda mortos por instigação dos cubanos em Março de 1977; e o holandês espiritano P. Nicolau Ligthart e o jovem sacerdote do Huambo P. Kasala, em 1988 (salvo erro).

chegavam do interior, extenuados, com uma necessidade enorme de se aliviar, contando a vida; mas dispostos a regressar, mal tivessem uma ocasião de o fazer, e levar algo para o povo e a própria subsistência.

BIBLIOGRAFIA

HEBGA, Meinrad, *Sorcellerie, chimère dangereuse?*. Inades Éditions, Abidjan, 1979.

JOÃO PAULO II, *La visite pastorale en Angola* (tous ses discours), in *LA DOCUMENTATION CATHOLIQUE*, nº 2054, 2002, pp.667-685.

RETTEL-LAURENTIN Anne, *Sorcellerie et Ordalies, l'épreuve du poison en Afrique noire*, Anthropos, Paris, 1974.

SECRETARIADO PASTORAL DA CEAST, *Angola entre a guerra e a paz, documentos episcopais, 1974-1996*, CEAST 1997.

WEINER, F. W., *The decolonization conflict in Angola, 1974-76*, Institut Universitaire de Hautes Études Internationales, Genève, 1979.

NB: Há ainda a assinalar as seguintes teses de licenciatura e doutoramento de jovens sacerdotes angolanos nas Universidades Romanas.

IMBAMBA, José Manuel, *Uma nova cultura para homens novos: um projecto filosófico para Angola do ano 2000*, Pontificia Universitas Urbaniana, Romae, 1999 (sobretudo pp. 57-105).

MALANGE, André, *A ministerialidade e Missionariedade do Catequista leigo em Angola, à luz dos cânones 784-785*, Pontificia Universitas Urbaniana, Romae, 1996.

TOMÁS, Mateus Feliciano, *Problemas morais à luz da Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos, em ordem à nova evangelização de Angola*, Pontificia Universitas Lateranensis, Romae, 1996.

distrito espiritano do brasil sudeste (1975 – 2000)

Dois anos depois da sua chegada, saindo de Belém, sobem o rio Amazonas e fixam-se em Manaus, situada na confluência do Solimões e do Rio Negro, centro da floresta amazónica. Do seu trabalho, nasceram as Prelazias de Tefé e Cruzeiro do Sul e os Distritos Religiosos do Amazonas e Alto-Juruá.
Assim, além dos Distritos Religiosos do Amazonas e Alto-Juruá, formaram-se os distritos do Centro, abrangendo os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, do Sul em S. Paulo, Paraná e Santa Catarina e do Sudoeste nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro. Destes, um bom número se dirigiu para o Brasil, onde tinham os seus familiares e amigos.
No Estado do Rio de Janeiro tinham as Dioceses do Rio de Janeiro, Nova Iguaçú, Niterói, e mais tarde Itaguaí e Duque de Caxias.

Leitura de uma caminhada

O Brasil desde o tempo do Venerável Padre Libermann, havia sido objecto das suas preocupações missionárias, vendo nesta terra um vasto campo de trabalho, onde abundava a escravatura e grande miséria moral e social, que infelizmente se prolongou até aos nossos dias, sobretudo nas periferias das grandes cidades, nos Estados do Nordeste e nas regiões ribeirinhas do Pará e do Amazonas.

Já em 1886 haviam chegado a Belém do Pará os primeiros missionários do Espírito Santo a pedido do Bispo de Belém, para se encarregarem do seminário diocesano.

* Francisco Fernandes Correia, missionário espiritano, trabalhou em Angola de 1956 a 1974 e no Brasil de 1974 até 2001, tendo sido o superior do Distrito do Brasil Sudeste.

Dois anos depois da sua chegada, saindo de Belém, sobem o rio Amazonas e fixam-se em Manaus, situada na confluência do Solimões e do Rio Negro, centro da floresta amazónica. De Manaus sobem o Solimões e vão iniciar a missionação junto das populações espalhadas ao longo da infinidade de rios de que se compõe a bacia do Amazonas. Do seu trabalho, nasceram as Prelazias de Tefé e Cruzeiro do Sul e os Distritos Religiosos do Amazonas e Alto-Juruá.

Convencidos da necessidade de formar sacerdotes brasileiros

Convencidos da necessidade de formar sacerdotes brasileiros para serem enviados para o Norte, uma vez que nos Estados do Sul abundavam as vocações, estabelecem-se em Minas Gerais, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Santa Catarina, dando mais tarde origem à actual Província Brasileira.

Assim, além dos Distritos Religiosos do Amazonas e Alto-Juruá, formaram-se os distritos do Centro, abrangendo os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, do Sul em S. Paulo, Paraná e Santa Catarina e do Sudoeste nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro. Cada Distrito era composto de membros originários das Províncias da Europa (Holanda, Alemanha e Irlanda).

Causas e início do Distrito do Sudeste

Com os acontecimentos ocorridos nos territórios africanos, após o vinte e cinco de Abril de 1974, muitos missionários impossibilitados de continuarem em Angola, optaram por deixar o seu campo de trabalho nesta terra. Uns ficaram na Europa enquanto que outros se voltaram para a outra banda do Atlântico. Destes, um bom número se dirigiu para o Brasil, onde tinham os seus familiares e amigos. O clima era bastante semelhante ao de África e a cor das populações não era muito diferente da cor africana.

Aqueles que ficaram com o seu povo em Angola são dignos do nosso respeito, dando-nos um grande testemunho de fé e coragem a ponto de alguns darem a sua vida em defesa do seu ideal missionário

Aqueles que ficaram com o seu povo em Angola são dignos do nosso respeito, dando-nos um grande testemunho de fé e coragem a ponto de alguns darem a sua vida em defesa do seu ideal missionário. «Sangue de mártires é semente de cristãos».

Fechadas as portas de Angola, nos primeiros anos após a independência, alguns confrades de primeira nomeação foram também orientados para o Brasil.

Ninguém poderia imaginar o que iria acontecer, por isso não houve um plano previamente preparado para colocar todos aqueles que, de Angola ou de Portugal iam chegando ao Brasil.

Era necessário que alguém se encarregasse do acolhimento aos que iam chegando. Como já existiam no Brasil cinco Distritos pareceria muito fácil dar guarida e trabalho a todos, pois que todos eram membros da mesma Congregação. Mas isso não aconteceu, porque naquela altura ainda tinha muita importância a origem, a língua e as tradições de cada país. Além disso, o facto da saída precipitada de Angola causava uma certa estranheza.

Encarregado pela Província de Portugal e pelo Conselho Geral, o P. Francisco Correia parte para o Brasil onde chega no dia 21 de Maio de 1975,

com a obrigação de acolher os que fossem chegando para que não se desse a dispersão.

O grupo já bastante numeroso é reconhecido oficialmente, tendo sido nomeado seu representante o P. Francisco Correia que viria a ser o primeiro Superior Principal quando foi constituido o Distrito em 1979 com a designação de Distrito do Brasil Sudeste, tendo como residência oficial a casa do Parque Flora, na Diocese de Nova Iguaçú.

Após a chegada ao Rio de Janeiro, logo no dia 24 de Maio , o P. Francisco Correia vai ao Hospital de Ipanema, zona nobre da cidade, visitar a Senhora D. Alice Vidal de Oliveira, portuguesa, que viria ser a grande benfeitora. Logo se prontificou a oferecer aos padres casa e o necessário para a sua subsistência enquanto fosse necessário.

Seria uma ingratidão não salientar o apoio dado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), oferecendo a ajuda necessária, alojamento e cursos de adaptação às realidades do Brasil, segundo as linhas pastorais da América Latina.

Vários Bispos põem à disposição as suas dioceses. O difícil era escolher, uma vez que os padres não eram assim tantos. Mas era preciso decidir.

Dentro do carisma da Congregação, pareceu ao grupo dar resposta aos Bispos de Jales e de Nova Iguaçú que, em tempos se haviam dirigido à Província de Portugal pedindo padres para as suas dioceses. Jales que era uma diocese nova, não tinha clero suficiente e Nova Iguaçú, fazendo parte da Baixada Fluminense, carecia de tudo, podendo comparar-se a um tumor que era preciso tratar com urgência.

De comum acordo, resolveu-se ficar nos Estados de S. Paulo e do Rio de Janeiro, onde se situavam as Dioceses de Jales e Nova Iguaçú, sendo de salientar que nestes Estados já existiam três Distritos Espiritanos (Central, Sul e Sudoeste).

No Estado do Rio de Janeiro tinham as Dioceses do Rio de Janeiro, Nova Iguaçú, Niterói, e mais tarde Itaguaí e Duque de Caxias.

No Estado de S. Paulo eram as Dioceses de Jales, S. José de Rio Preto, Baurú e Bragança Paulista.

Casa Principal do Distrito e Obra do Parque Flora

(Ambulatório)

Desde o começo da presença dos padres portugueses no Brasil, a casa do Parque Flora, situada num dos bairros mais carentes de Nova Iguaçú, oferecida pela insigne benfeitora D. Alice Vidal de Oliveira, tornou-se a casa principal do grupo e depois do Distrito.

Em 19 de Abril de 1986, a título provisório, foi a casa emprestada, a pedido do Senhor Bispo de Nova Iguaçú, às Irmãs Clarissas Portuguesas idas da Ilha da Madeira, até que o seu convento fosse construído. A devolução e a ida para o novo convento ocorreu no dia 12 de Maio de 1989. Durante

a ocupação da casa pelas Irmãs o P. F. Correia passou a viver numa meia-água no quintal.

Na casa do Parque Flora funcionava uma associação filantrópica que D. Alice Vidal de Oliveira havia iniciado ainda no tempo do seu marido, Comendador Francisco Rodrigues de Oliveira, denominada ASAVO (Acção Social Alice Vidal de Oliveira).

Os padres se comprometeram a dar continuidade a essa obra de caridade e de promoção social, tão necessária naqueles bairros carentes da periferia de Nova Iguaçú.

O movimento de procura de médicos, de remédios e de alimentos tornou-se diário. Como o Ambulatório funcionava na mesma casa dos padres, a vida de comunidade tornava-se difícil e até incómoda. Surgiu então a ideia de construir um edifício que serviria exclusivamente de Ambulatório, em terrenos também oferecidos pela Senhora D. Alice, distante cerca de 100 metros. Constrói-se o edifício com a ajuda dos benfeitores e para lá é transferido todo o serviço de atendimento com médicos de clínica geral, de ginecologia e de odontologia.

As Irmãs do Espírito Santo que haviam sido solicitadas pelo Senhor Bispo da Diocese de Nova Iguaçú para prestar serviço na paróquia de Miguel Couto iniciada pelo P. F. Correia, colaboravam também no Ambulatório com a presença diária de uma enfermeira.

O apoio a esta obra era dado pela benfeitora e fundadora Dona Alice e por um grupo de amigos do Rio de Janeiro. Como a Irmã Enfermeira fosse transferida para Portugal, viu-se a ASAVO privada do seu valioso serviço. Falecia também a Senhora D. Alice Vidal de Oliveira no dia 26 de Fevereiro de 1985. Com a perda destas duas almas generosas, as coisas foram-se tornando cada vez mais difíceis a ponto de um grupo de leigos, pouco ou nada comprometidos com o trabalho do Ambulatório, quererem exigir a prestação de contas e tomar conta da direcção. Assim pouco a pouco a actividade assistencial foi diminuindo por falta de recursos humanos e financeiros. Hoje restam as instalações e pouco mais.

Na Diocese de Nova Iguaçú

Além da Casa Principal e do Ambulatório, várias paróquias foram confiadas aos padres: em Miguel Couto a paróquia de S. Miguel Arcanjo e Nossa Senhora de Fátima; em Olinda a paróquia da Santíssima Trindade; no Éden a paróquia de Nossa Senhora das graças; em Belford–Roxo a paróquia de Nossa Senhora da Conceição; em Queimados a paróquia de Nossa Senhora da Conceição; em Mesquita a paróquia de Nossa Senhora das Graças. Ainda durante algum tempo foi confiada ao P. António Laranjeira a direcção do Seminário da Diocese, até se transferir para Porto Rico onde iria assumir funções no Noviciado.

Não foi sem dificuldade que se iniciou a paróquia de Miguel Couto, pois nada tinha e tudo era preciso fazer, desde a compra de terreno à construção da casa paroquial e outras dependências necessárias ao bom funcionamento

de uma paróquia. O mesmo aconteceu com a paróquia de Queimados que tudo foi necessário fazer. Em Miguel Couto o primeiro «fusca», oferecido pelos benfeitores da Alemanha, foi roubado e até a sacristia da Igreja foi assaltada e entregue às chamas todo o arquivo da novel paróquia.

O trabalho realizado pelos padres portugueses na Diocese de Nova Iguaçú, tanto no aspecto espiritual como no material e social, foi tão expressivo que o Bispo, D. Adriano Hipólito, tão querido do povo quanto hostilizado pelos homens do poder, em acto público concedeu o diploma de benfeitores aos padres do Espírito Santo, como prova de estima e gratidão.

Na Diocese de Itaguaí

Desmembrada das Dioceses de Nova Iguaçú e de Volta Redonda, a Diocese de Itaguaí, foi logo desde o início da chegada dos padres portugueses ao Brasil, campo do trabalho abnegado e humilde do P. Torres Palma na paróquia de Santa Teresinha de Pirenema, depois coadjuvado pelos Padres Fonseca Lopes e Correia de Andrade. Ao P. Torres Palma se deve a preparação das estruturas para a nova diocese de Itaguaí, de quem foi Vigário Geral até à sua morte ocorrida em Lisboa no dia 13 de Abril de 1988, tendo sido levado a sepultar na sua terra natal, Barrozelas. A este homem de Deus, simples e humilde chamado para a casa do Pai aos 63 anos de idade, muito devem as missões de Angola e a diocese por quem se sacrificou desde o seu começo.

Vale lembrar a presença nesta Diocese do P. Fonseca Lopes como pároco da Sé e orientador da construção do Centro Paroquial e do P. Correia de Andrade que durante dois anos esteve na paróquia de S. José Operário de Mambucaba, residindo numa casa pré-fabricada no bairro operário da Central Nuclear de Angra dos Reis. Viu-se na necessidade de construir a casa paroquial na qual pouco tempo morou por motivo de se ter transferido para Iguaba Grande na Diocese de Niterói.

Quando uma noite o P. Fonseca Lopes estava dormindo na sua residência paroquial, eis que se lhe depara à porta do seu quarto um assaltante que havia entrado pela janela da casa de banho. Quando o Padre lhe perguntou o que estava ali a fazer, ele simplesmente respondeu: «Venho avisá-lo que o Senhor Padre não está seguro». A partir daquele dia P. Fonseca Lopes foi morar na casa onde estava P. Torres Palma.

Na Diocese do Rio de Janeiro

A acção dos padres no Rio de Janeiro limitou-se a várias capelanias de hospitais, educandários e das comunidades portuguesas.

O P. António de Oliveira Giroto, desde a sua chegada ao Rio no dia 22 de Outubro de 1975, hospedado na casa espiritana de Santa Teresa, por achar que a sua presença era incómoda, a expensas dos amigos vai morar no Hotel Tefé, perto do Hospital dos Servidores do Estado, onde exerceu o seu ministério sacerdotal de assistência aos doentes até ao fim da sua vida.

Com a presença de todos os confrades residentes no Rio de Janeiro, juntamente com alguns amigos, celebrou as suas Bodas de Prata Sacerdotais na igreja do Bonfim, no Cajú, tendo à homilia usado a palavra o seu antigo professor P. José Maria Pereira.

O seu valor e simpatia mereceu-lhe uma comenda da colónia portuguesa.

A sua acção, além do Hospital dos Servidores do Estado, exerceu-se sobretudo nas casas regionais portuguesas e na Irmandade de Santo António dos Pobres, à Rua dos Inválidos.

A notícia do seu falecimento, na tarde de 5 de Março de 1983, no Hospital dos Servidores, onde era capelão, caiu como uma bomba na colónia portuguesa. Levado para a Igreja de Santo António dos Pobres, aí foi velado até ao dia seguinte, quando houve o funeral presidido pelo Senhor Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, D. João Ávila.

Acabada a Santa Missa, seguiu o féretro para o cemitério de S. João Baptista do Botafogo, ficando a sua urna localizada ao lado da do P. José Maria Pereira, no túmulo da Família Oliveira, por vontade da insigne benfeitora Dona Alice.

O P. Eduardo da Silva Leitão, dedica-se a assistir os leprosos no Hospital Frei António da Irmandade da Candelária, ocupando também o seu tempo livre na capelania do Senhor do Bonfim, sanando esta Igreja das práticas religiosas duvidosas, trazidas pelos nordestinos de Salvador da Bahia.

Depois de vinte anos de tanta dedicação aos seus queridos leprosos e à capelania do Bonfim, era preciso celebrar as suas Bodas de Ouro Sacerdotais. Parte de férias para Portugal onde celebra as suas Bodas na terra natal, Manteigas, de que ele tanto se orgulhava. Preparando-se para regressar ao Brasil onde também desejava celebrar as suas Bodas Sacerdotais junto dos seus queridos doentes, familiares e amigos, antes de partir, foi convidado pelo Pai do Céu a celebrar as bodas do Cordeiro, no dia trinta de Agosto de 1995, na casa de Teologia do Restelo. Foi a sepultar no cemitério de São Domingos de Rana, onde jazem outros confrades, perto do Seminário da Torre d' Aguilha.

As capelanias dos Educandários masculino e feminino da Candelária foram assistidas pelos Padres José Maria Pereira, Correia de Andrade e Manuel Nunes.

O P. José Maria Pereira, vindo de Angola onde foi fundador de *O Apostolado* e da *Rádio Ecclesiae*, chegou ao Brasil em 3 de Novembro de 1975. Em 26 de Junho de 1976 toma conta das paróquias de S. Vicente de Paulo e de Iguaba Grande na Arquidiocese de Niterói. Tendo dificuldade em se adaptar por causa das condições de miséria em que encontrou essas paróquias, deixa estas paróquias no dia 1 de Março de 1978, indo prestar assistência religiosa aos internatos da Candelária, situados no Bairro S. Cristóvão no Rio de Janeiro. Neste ministério se conservou até ao seu falecimento, ocorrido

inesperadamente, motivado por enfarte do miocárdio, no dia 21 de Novembro de 1982. Os seus restos mortais foram colocados no túmulo da Família Oliveira, no Cemitério de S. João Baptista de Botafogo.

A passagem pelo Rio de Janeiro do P. José Fernandes ficou marcada pela sua acção humanitária

A passagem pelo Rio de Janeiro do P. José Fernandes ficou marcada pela sua acção humanitária na instalação de uma creche na favela Tavares de Basto, enquanto exercia a função de vigário na paróquia de Nossa Senhora da Glória do Largo do Machado.

Na Diocese de Niterói

A falta de clero e o abandono em que se encontravam algumas paróquias da Arquidiocese de Niterói levaram o muito estimado e amigo D. José Gonçalves a pedir a colaboração dos padres portugueses ora chegados de Portugal e que não tinham ainda compromissos com outras dioceses.

Aceite o convite depois de se verificar a real necessidade, para lá vão a seu tempo os Padres José Maria Pereira, Joaquim Pereira Francisco, António Rodrigues Ferreira, Fernando Henrique Ferreira Pinto, Alfredo da Purificação Pereira, António Lima, Manuel Rodrigues da Cruz, António Correia de Andrade. E depois de se ter deixado a diocese de Jales também para lá vão os Padres Luís de Oliveira Martins, Manuel Durães Barbosa e Francisco Correia.

Cinco paróquias são confiadas aos padres: Boa Esperança com a capelania das Irmãs Clarissas de Araruama, S. Vicente de Paulo, Iguaba Grande, Maricá e S. Cristóvão em Cabo Frio.

Por causa da ausência prolongada de sacerdotes as paróquias estavam carentes de todos os meios estritamente necessários para a sobrevivência dos padres e para as actividades pastorais. Residências muito pobres e mal conservadas, quando as havia, e sem meios de transporte.

Em S. Vicente de Paulo, o isolamento inicial e a guerra aos morcegos e às pulgas, iam levando o P. Lima ao desânimo, não fora um forasteiro que depois de uma longa conversa o convenceu a ficar. Necessário foi arranjar a residência paroquial e o salão paroquial apesar da oposição dos Franciscanos Conventuais. Mas tudo foi ultrapassado, graças a Deus.

Em Iguaba Grande tudo foi necessário construir, desde a Igreja e residência paroquial às capelas espalhadas pelas comunidades. A residência antiga, que mais parecia uma capoeira, foi demolida dando lugar a uma outra bem confortável e funcional.

A casa onde residiu durante alguns anos o P. Alfredo Pereira, propriedade das Irmãs Clarissas de Araruama, mais parecia uma casota de cachorro. Viu-se obrigado a adquirir com os seus próprios meios familiares uma casa para viver, além de construir na sua paróquia de Boa Esperança o salão paroquial e a casa para o padre, que nunca chegou a ser ocupada.

Acometido da doença que o levaria à morte, deixa o Brasil e vem para Portugal na esperança de recuperar a saúde e poder voltar para junto das suas tão estimadas ovelhas, manifestando o desejo de, no caso de morrer ser

sepultado junto dos seus paroquianos, na esperança de ter alguém que se lembre dele depois da sua morte. Faleceu em Lisboa no dia 7 de Julho de 1993, tendo sido levado a sepultar na sua terra natal.

Em Maricá, não havendo residência, o padre morava no sobrado da sacristia, necessitando de subir ou descer vinte degraus para se servir do quarto de banho. Não havia cozinha nem cozinheira, eram os amigos que lhe garantiam o sustento. Assim viveram os padres durante quase três anos até que chegou o P. Manuel Rodrigues da Cruz. Foi necessário construir a residência paroquial, o Centro de Pastoral e Acolhimento como também as capelas espalhadas por numerosos bairros, além de arranjar as que já existiam, graças à acção do P. Cruz, merecedor de estima da Diocese. Vigário Episcopal da Região dos Lagos, ainda que provisoriamente, foi nomeado Vigário Geral da Arquidiocese.

Por último vem a paróquia de S. Cristóvão de Cabo Frio, desmembrada da paróquia da Assunção, que era a única na cidade.

Paróquia a começar, tudo era preciso fazer. Fracas instalações; Igreja pequena, insuficiente para o grande número de fiéis; muitas comunidades espalhadas pela roça que era preciso atender.

Problemas de início não faltaram. Certo dia os Padres Luis e Francisco, armados de vassoura e enxada, pois que outra arma de defesa não tinham, conseguem empatar um assaltante que havia entrado na Igreja e profanado o Sacrário, até à chegada da polícia que teve dificuldade em o deter. Tratava-se de um pobre desgraçado egresso da cadeia.

Depois de 13 anos de intenso trabalho, a Igreja paroquial é aumentada, o Centro Paroquial e a residência são construídos, as comunidades tornam-se adultas, dando origem a duas novas paróquias e outra em vias de o ser também.

Esta região está a ser invadida por numerosas confissões religiosas, ditas cristãs, que dificultam a acção da Igreja Católica

Esta região está a ser invadida por numerosas confissões religiosas, ditas cristãs, que dificultam a acção da Igreja Católica. O número destas seitas é tão grande e fazem tanto barulho que temos a impressão que os católicos são a minoria. O sectarismo é de tal forma que chega a atrapalhar com os seus altifalantes os actos de culto dos católicos.

Numa das comunidades da periferia de Cabo Frio onde os lugares de culto católico são apenas três, das outras confissões existem cerca de 60.

Também na Região dos Lagos, o Distrito adquiriu uma casa de verão, que serve para reuniões dos confrades, encontros, retiros e descanso. Ultimamente servia também para residência permanente do superior principal.

Actualmente continuam ainda a ser servidas pelos padres espiritanos as paróquias de S. Vicente de Paulo, S. Cristóvão de Cabo Frio e de Maricá.

Na Diocese de Jales

A pedido do Bispo da Diocese de Jales, D. Luiz Eugénio Perez e por opção do grupo, logo em 1975, seguem para lá os Padres João Serra e Manuel Nunes, seguindo-se depois a seu tempo, os Padres Agostinho

Brígido, José de Sousa, Domingos Vitorino, Hermenegildo, António Farias e Luis Oliveira Martins.

O começo é sempre cheio de problemas, apesar do apoio do Senhor Bispo da Diocese que recebeu os padres com muito empenho, prometendo ajudar em tudo o que fosse necessário.

A cidade de Jales que estava a crescer a olhos vistos, urgia ser dividida em duas paróquias. Como havia muitos portugueses ou seus descendentes naquela região, resolveram dar à nova paróquia como padroeiro Santo António.

Aluga-se uma pobre casa, sem forro, com dois pequenos quartos, uma sala, uma cozinha e quarto de banho. O depósito para a água era um tambor de 200 litros colocado no cimo de um tronco de madeira. A pequena sala serviu durante anos para tudo, até para Igreja, enquanto não se construiu a nova Igreja paroquial. Sobretudo os portugueses correm em socorro dos «patrícios». Adquirido o terreno, logo se começa a construção da Igreja, seguindo-se a casa paroquial, o salão e o recinto de festas. É dada assistência às comunidades espalhadas pela roça, bem difíceis de servir, sobretudo no tempo das chuvas.

Além da paróquia de Santo António, outras foram confiadas aos padres portugueses, durante os treze anos que serviram a Diocese: Aparecida d'Oeste, S. Francisco, Marinópolis, Palmeira d'Oeste, Urânia, Três Fronteiras, Santa Fé do Sul, Rubineia, Santa Rita d'Oeste e Santana de Ponte Pensa.

Em 24 de Abril de 1982, opera-se uma mudança geral: os Padres Serra e Domingos Vitorino assumem as paróquias de Palmeira d'Oeste, Aparecida d'Oeste e Marinópolis, enquanto que o P. Manuel Nunes vem para Santo António de Jales, juntar-se ao P. José de Sousa, que havia deixado Urânia. O P. Luis O. Martins vai para Santa Fé do Sul, ajudado pelo P. Hermenegildo, que regressou a Portugal dois anos depois, em 6 de Agosto de 1986.

Com a ida dos Padres António Farias e Domingos Rocha para o Tefé, vão os Padres Serra e Vitorino para Santa Fé do Sul, encarregando-se da paróquia de Três Fronteiras deixada pelo P. Farias, em Julho de 1986.

Em Julho de 1886, o P. João Serra é nomeado para Superior Principal do Distrito e vai para o Rio de Janeiro. Esta nomeação torna impossível a permanência dos padres portugueses na Diocese de Jales. O P. Vitorino regressa a Portugal, o P. Luis O. Martins vai também para o Rio e assim terminou a actuação dos padres na Diocese de Jales, que durou treze anos e alguns meses. As obras realizadas tanto na ordem espiritual como material, ficarão para sempre a atestar a presença da Congregação do Espírito Santo naquelas terras.

Na Diocese de Bragança Paulista

Desde Julho de 1977, até à ida para Roma exercer as funções como

Procurador Geral da Congregação junto da Santa Sé, em 1989. O P. Manuel Martins exerceu o seu apostolado missionário na paróquia do Sagrado Coração de Jesus de Francisco Morato da Diocese de Bragança Paulista, cidade dormitório da capital São Paulo.

O trabalho realizado pelo P. Martins junto daquelas populações tão carentes foi verdadeiramente notável: construiu a casa paroquial, salas para catequese e reuniões e ainda capelas nos numerosos bairros. Francisco Morato cresceu tanto no aspecto populacional que à saída do P. Martins para Roma já existiam duas paróquias.

Na Diocese de S. José de Rio Preto

Nesta Diocese na paróquia de S. António de Catanduva, trabalhou durante vinte e cinco anos, onde era muito estimado, o P. Vitorino Jorge da Silva Amorim. Acometido de doença que o incapacitava de trabalhar, veio a falecer no Rio de Janeiro, no dia 29 de Abril de 1999, quando descansava junto dos seus familiares. Foi levado a sepultar em Catanduva junto dos seus paroquianos por quem sacrificou boa parte da sua vida.

Ao P. Amorim foi juntar-se na paróquia de Santa Teresinha de Catanduva, o P. Fernando Henrique Ferreira Pinto, depois da sua saída de Iguaba Grande da Diocese de Niterói. Por motivos de ordem pessoal, em 25 de Março de 1999, partiu para o Canadá, onde se encontra actualmente.

Na Diocese de Baurú

Aqui esteve, durante alguns anos, o P. Cândido Ferreira da Costa. Sentindo que ainda podia ser útil, apesar da sua idade, a favor dos doentes e idosos, enquanto as forças lhe permitiram, hospedou-se e ao mesmo tempo deu assistência religiosa, no Lar da Terceira Idade da Santa Casa de Misericórdia de Baurú.

Sentindo que as forças lhe estavam a faltar, não podendo mais cumprir a sua missão a que se havia proposto, transfere-se para a Casa Principal em Nova Iguaçú.

Internado no Hospital da Obra Portuguesa de Assistência do Rio de Janeiro, tendo-lhe sido amputada uma perna, depois de muito sofrer, aí veio a falecer no dia 29 de Março de 1985. Foi sepultado no cemitério de São João Baptista de Botafogo, junto dos Padres José Maria Pereira e P. António Giroto.

Fim do Distrito

Em 1988 o Distrito sofre uma certa alteração. Nomeado o P. João Serra Superior Principal do Distrito e tendo sido cedidos ao Distrito do Amazonas os Padres António Farias e Domingos Rocha, havia necessidade de se deixar a Diocese de Jales.

P. João Serra vem para o Rio de Janeiro e os Padres Luis Oliveira Mar-

tins e F. Correia vão para Cabo Frio iniciar uma nova paróquia com a ajuda do P. Durães Barbosa. O P. Laranjeira é requisitado para a Província de Portugal; o P. João Serra toma conta da paróquia de Mesquita deixada pelo P. Laranjeira; os Padres Vitorino, Correia de Andrade e Osório também vão para Portugal; e o P. Manuel Martins vai para Roma.

Em 1994, de novo o P. F. Correia é nomeado Superior Principal do Distrito. Com a morte de sete confrades que faziam parte do Distrito e com todas aquelas ausências, o número dos restantes ficou tão reduzido que já não se justificava a permanência do Distrito.

Que fazer?

Acabando em 2000 o mandato como superior principal o P. F. Correia, decidiu-se colocar o problema ao Conselho Geral. Depois dos contactos necessários, os confrades portugueses que restavam do Distrito aceitaram a decisão do Conselho Geral em que era extinto o Distrito, ficando afectados à Província Espiritana do Brasil, segundo as normas da Regra de Vida, e o P. F. Correia regressa definitivamente a Portugal depois de vinte e cinco anos de permanência no Brasil.

Foi este o percurso do Distrito do Brasil Sudeste em terras de Santa Cruz.

Tudo foi feito e certamente continuará a fazer-se por exigência do nosso compromisso missionário *«com a força do Espírito a favor dos mais pobres»*, para glória de Deus e da Igreja e também para honra da Congregação.

Espiritanos Portugueses no Brasil
Desde 1975 a 2000

P. Agostinho Brígido
P. Alberto da Fonseca Lopes
P. Alfredo da Purificação Pereira †
P. António Correia de Andrade
P. António Lima
P. António de Oliveira Giroto †
P. António Ribeiro Laranjeira
P. António Rodrigues Ferreira †
P. António Farias Antunes
P. Cândido Ferreira da Costa †
P. Domingos de Matos Vitorino
P. Domingos da Rocha Ferreira
P. Eduardo Guedes Osório
P. Eduardo da Silva Leitão †
P. Fernando Henrique Ferreira Pinto
P. Francisco Fernandes Correia
P. João Serra de Araújo
P. Joaquim Pereira Francisco
P. José Fernandes de Sá

P. José Lopes de Sousa
P. José Maria Pereira †
P. José Torres Palma †
P. Laurindo de Jesus Marques
P. Luís de Oliveira Martins
P. Manuel da Silva Martins
P. Manuel Durães Barbosa
P. Manuel Hermenegildo T. Correia
P. Manuel Nunes
P. Manuel Rodrigues da Cruz
P. Vitorino Jorge da Silva Amorim †

Na Amazónia:

P. Eduardo Miranda Ferreira
P. Hugo Norberto Mendes Ventura
P. José Ferreira da Cunha
P. Luís Pedro Cardoso Adeganha
P. Teodoro Mendes Tavares

Vinde, Espirito Santo, enchei a terra inteira

Com as «terras de Santa Cruz» *assinaladas pelo Cristo Senhor no Corcovado!*
À Vossa protecção nos acolhemos,
Santa Mãe do Redentor,
Não desprezeis nossas súplicas em nossas necessidades
Livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem Gloriosa e Bendita
Porque sempre Mãe na fiel docilidade ao Espírito Santo

P. Francisco Fernandes Correia

TONY NEVES *

jovens sem fronteiras 20 anos solidários na missão

No início dos anos 70, tiveram lugar as então chamadas «caminhadas heróicas», a «Juventude Missionária» e os «Cursos Ad Gentes». Foi este protagonismo dos jovens, em muitas das iniciativas da LIAM, que conduziu à fundação dos Jovens Sem Fronteiras em 1983 pelo P. Firmino Cachada, a quem o Provincial dos Espiritanos confiara a animação missionária dos jovens, a partir de Lisboa. O P. Arlindo Amaro lançou o movimento em Braga, o P. António Farias no Porto e o P. José Manuel Sabença em Clamart, periferia de Paris. Ao longo do tempo, foram surgindo grupos JSF em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola, a partir das «Pontes» coordenadas pelo P. Firmino Cachada. Em 1998, os JSF celebraram 15 anos de vida no X Encontro Nacional, realizado na Praia das Maçãs, em Sintra. Em pleno Jubileu dos 300 anos dos Espiritanos, os JSFs celebram 20 anos de Missão. O Seminário do Fraião acolheu o Nacional 99 e o Seminário da Torre d'Aguilha (Cascais) o de 2000. O norte recebeu os JSF para os Nacionais de 2001 (Paróquia de Fiães - Santa Maria da Feira) e de 2002 (Paróquia de Carvalhal – Barcelos). Em contexto de Jubileu, pelos 20 anos do Movimento, o Encontro Nacional realizou-se no Seminário da Torre d'Aguilha. Os Encontros Regionais apostam mais na formação e, ao longo dos primeiros 20 anos de vida do Movimento, tiveram um papel muito importante para as regiões de Braga, Porto e Lisboa.

Nos primeiros 20 anos da história dos JSF, os Retiros, de norte a sul, têm sido dos pratos fortes para enfrentar a caminhada do dia-a-dia.

* Tony Neves, missionário espiritano, trabalhou em Angola de 1989 a 1994, licenciado em Teologia e Comunicação Social, é o Director do jornal Acção Missionária e o Coordenador Nacional dos Jovens Sem Fronteiras. No Conselho Provincial Alargado de 2003 foi eleito 1º Assistente Provincial.

Os jovens sempre estiveram no centro das preocupações da animação missionária espiritana. Quando a Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM) nasceu, em 1937, apostou muito forte na pastoral juvenil, dando-lhe um cunho missionário. No início dos anos 70, tiveram lugar as então chamadas «caminhadas heróicas», a «Juventude Missionária» e os «Cursos Ad Gentes». Foi este protagonismo dos jovens, em muitas das iniciativas da LIAM, que conduziu à fundação dos Jovens Sem Fronteiras em 1983 pelo P. Firmino Cachada, a quem o Provincial dos Espiritanos confiara a animação missionária dos jovens, a partir de Lisboa. O P. Arlindo Amaro lançou o movimento em Braga, o P. António Farias no Porto e o P. José Manuel Sabença em Clamart, periferia de Paris. Ao longo do tempo, foram surgindo grupos JSF em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Angola, a partir das «Pontes» coordenadas pelo P. Firmino Cachada. Estes Grupos JSF fora de Portugal estão ligados aos Espiritanos que ali trabalham.

Foi este protagonismo dos jovens, em muitas das iniciativas da LIAM, que conduziu à fundação dos Jovens Sem Fronteiras

Em 1998, os JSF celebraram 15 anos de vida no X Encontro Nacional, realizado na Praia das Maçãs, em Sintra. Foi tempo de recordar o passado, olhar o presente e projectar caminhos de um futuro que está nas raízes. Em pleno Jubileu dos 300 anos dos Espiritanos, os JSF celebram 20 anos de Missão. O carisma, a espiritualidade e a história são marcos decisivos, pontos de referência obrigatórios.

Encontros Nacionais e Regionais

A Praia das Maçãs (Sintra) acolheu o **X Encontro Nacional** em 1988. Numa exposição fotográfica, intitulada *Expo 87-98 – Mares navegados de Barcelos a Sintra*, mostraram-se imagens dos Encontros de Barcelos (87), Ilha da Azambuja (88,89,91 e 95),Penha-Guimarães (90), Foz do Neiva-Viana do Castelo (92), Colégio do Sardão - V.N. Gaia (96) e Ribeira do Fárrio – Ourém (97). O Seminário do Fraião acolheu o Nacional 99 e o Seminário da Torre d'Aguilha (Cascais) o de 2000. O norte recebeu os JSF para os Nacionais de 2001 (Paróquia de Fiães - Santa Maria da Feira) e de 2002 (Paróquia de Carvalhal – Barcelos). Em contexto de Jubileu, pelos 20 anos do Movimento, o Encontro Nacional realizou-se no Seminário da Torre d'Aguilha. Com um tema e um lema alusivos ao que de mais importante a Igreja está a viver, estes Nacionais JSF são o único momento do ano em que todos, de norte a sul, se encontram para celebrar, rezar, partilhar, aprofundar conhecimentos e experiências, avaliar, programar e confraternizar.

Estes Nacionais JSF são o único momento do ano em que todos, de norte a sul, se encontram para celebrar, rezar, partilhar, aprofundar conhecimentos e experiências

Os Encontros Regionais apostam mais na formação e, ao longo dos primeiros 20 anos de vida do Movimento, tiveram um papel muito importante para as regiões de Braga, Porto e Lisboa.

Os JSF começaram a participar no Encontro de Coordenadores da Animação Missionária Espiritana (CAME) desde a sua 2ª edição, em 1997.

Retiros

O crescimento interior, a dimensão da Fé ... nunca poderão ser descurados ou atirados para um segundo lugar. Por isso, as reuniões começam-se e terminam-se a rezar, os grupos organizam vigílias e, nos tempos litúrgicos fortes, criam espaços de oração. A Missão está sempre presente na Palavra de Deus que se lê, nos testemunhos que se chamam ou recordam, nas petições que se fazem, nos compromissos que os membros do grupo têm.

A Missão está sempre presente na Palavra de Deus que se lê, nos testemunhos que se chamam ou recordam

O Retiro deve, contudo, ter lugar cativo na agenda de cada JSF, uma vez por ano. Em geral, é na Quaresma que escuta o convite de Cristo para se ir até ao deserto, até à Fonte, beber espiritualidade, carregar baterias, fazer a experiência de Deus na oração. Nos primeiros 20 anos da história dos JSF, os Retiros, de norte a sul, têm sido dos pratos fortes para enfrentar a caminhada do dia-a-dia.

O **Centro Espírito Santo e Missão (CESM)**, criado em 1997, integrou no calendário anual, todos os Retiros dos JSF (Braga, Porto e Lisboa).

Encontros de Animadores

O I Encontro Nacional de Animadores teve lugar em 1990. Nasceu da convicção de que todos (as) quantos são eleitos para coordenar os grupos paroquiais JSF precisam de uma formação especial, numa perspectiva de liderança e dinâmicas de grupos. Eles e elas, mais que os outros, necessitam de conhecer a espiritualidade e o carisma espiritano. Estes Encontros (também estendidos aos Vice-Animadores) têm jogado um papel vital no bom funcionamento dos grupos, durante o ano de pastoral. Aqui se apresentam os programas anuais, se partilham listas, actividades e preocupações. A injecção de confiança e de coragem para enfrentar as dificuldades a surgir durante o ano também tem lugar neste Encontro.

Sintonia com a Igreja local

Os grupos de JSF são paroquiais. A inserção na Igreja local é um ponto de honra, faz parte da essência e do carisma do Movimento. Por isso, todos os jovens se integram e se empenham nas suas comunidades paroquiais. O pároco é sempre o animador espiritual nº1 do Grupo. Ele deve aprovar o programa de actividades e deve acompanhar a sua realização.

A sintonia com a Igreja local está bem patente nos cargos que muitos JSF desempenham a nível da Pastoral da paróquia, do arciprestado/vigararia e da Diocese. No âmbito nacional, os JSF deram uma colaboração muito grande na execução dos **Fátima Jovem** desde 1994, que tiveram lugar em Fátima. O mesmo compromisso esteve bem patente nos «Fórum Ecuménico Jovem», realizados em Leiria (1999), Lisboa (2000), Vila Nova de Gaia (2001), Coimbra (2002) e Aveiro (2003).

Reuniões / Aposta Formativa

Trata-se de educar para os valores humanos, educar para a Fé

A formação integral (humana e cristã) é uma prioridade de todas as vertentes de uma pastoral Juvenil. Os JSF não fogem à regra. Nas reuniões semanais, a formação deve ocupar, pelo menos, dois terços do tempo. Trata-se de educar para os valores humanos, educar para a Fé e, dentro desta, para a dimensão missionária da Igreja. Têm sido orientados muitos cursos ou sessões sobre os mais variados temas, no âmbito dos valores e numa linha de Fé. Nesta mesma linha se pode situar o Seminário sobre Direitos Humanos que teve lugar na Universidade Católica (Lisboa) por ocasião do 10º Aniversário JSF. E muitos Colóquios têm sido organizados por diversos grupos, nas várias regiões do país.

Foi no Encontro Nacional de Animadores, realizado na Torre d'Aguilha, em 2002, que se lançou a 1ª parte do Caderno de Temas para as Reuniões dos Grupos JSF, da autoria de Fátima Monteiro. A 2ª parte foi lançada no Encontro Nacional de Animadores em Fátima, em 2003.

Férias Missionárias

Em 1988, um grupo de JSF foi até Caió (Guiné-Bissau) para ajudar a construir a Escola Sem Fronteiras. A esta experiência se deu o nome de **Ponte 88**. Cabo Verde foi o campo escolhido para a **Ponte 92**. S.Tomé e Príncipe acolheria a **Ponte 94**, enquanto os JSF da região Braga foram trabalhar para a Guiné-Bissau. No ano seguinte, houve, em simultâneo, duas experiências: S. Tomé e Cabo Verde **(Ponte 95)**. Os JSF da Região Braga fizeram uma nova experiência de Verão, desta feita em S. Lourenço dos Orgãos (Cabo Verde) para ajudar a construir a Padaria da Solidariedade. A **Ponte 96** foi em Malanje (Angola), a **97** foi no Huambo, a **99** em Caió-Tubebe (Guiné-Bissau). a **2000** em Netia (Moçambique), a de **2001** em S. Tomé e a de **2002** na Calheta de S. Miguel (Cabo Verde). Em plena celebração dos 20 anos, a Ponte **2003** foi «construída» em Kalandula, Malanje, em Angola.

A estas experiências missionárias «lá fora», juntaram-se muitas outras «cá dentro». As **Semanas Missionárias** e as **Semanas Comunitárias** congregaram JSFs em actividades organizadas em diversas dioceses. Foi tempo de testemunho, da partilha, de oração, de vida comunitária, em situações tão diversas como são paróquias de Bragança, Viana, Lamego, Leiria, Aveiro ou Beja. O número de JSF que participam nas Semanas Missionárias no Alentejo vai aumentando de ano para ano. Por isso, em 2002, foram organizadas quatro Semanas no mês de Agosto e três em 2003.

A partir de 2001, os JSF iniciaram a sua participação nos Campos de Trabalho de Aranda de Duero (Espanha), na casa de recuperação de toxico-dependentes e integraram-se em todas as iniciativas promovidas pela Equipa Ecuménica Jovem (Fóruns, Campo de Trabalho no Telhal, Peregrinação a Taizé).

No Ano Internacional da Juventude (1985), os JSF realizaram a **I Peregrinação Missionária, a pé, a Fátima**. A II teve lugar em 1987, a III em 1990 e a IV em 1993.

A celebração das **Jornadas Mundiais da Juventude,** com o Papa João Paulo II, levou a Santiago de Compostela, em 1989, dezenas de JSFs que foram convidados a trabalhar nas equipas de acolhimento. Foi igualmente forte a participação de JSF de todas as regiões nas Jornadas Mundiais da Juventude que tiveram lugar em Paris (1997) e em Roma (2000). A **2ª Visita que o Papa** fez a Portugal também foi muito participada pelos JSFs, sobretudo a celebração no Estádio do Restelo (Lisboa), o mesmo se diga da 3ª, a Fátima, para beatificar os Pastorinhos, a 13 de Maio de 2000.

Cultura e Missão

A Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa acolheu os quatro **Festivais da Canção Missionária (1986, 87, 88 e 91)**. São um marco histórico de que ficaram discos e cassetes para comprovar a qualidade do evento. Em colaboração com a Comissão dos Cinco Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas, os JSF empenharam-se na realização do **Festival Cultura e Missão (Junho 1990)** que teve lugar junto à Torre de Belém (Lisboa). Como balanço foi escrito: *"Mais de cinco mil jovens e adolescentes; três concertos de música; entrevistas com missionários; um programa «Despertar ao Vivo» (RR); uma marcha luminosa; passeios de convívio no Tejo; um festival de folclore e culturas de expressão portuguesa; uma Eucaristia solene junto da Torre de Belém".*

Campanhas de Solidariedade

A formação é prioritária para a caminhada de um grupo juvenil. Mas não se pode ficar por aqui, é preciso lançar mãos à obra e fazer o que estiver ao alcance para que a Missão possa ir para a frente. Os apelos que os missionários lançam de situações de fronteiras são um desafio a exigir resposta adequada. Assim, os JSF, em Lisboa, lançaram logo no início o **Fundo de Apoio à Igreja do Terceiro Mundo (FAITM)** que aderiu ao **Serviço Espiritano de Solidariedade.** Em Braga, os JSF também apoiaram diversos projectos missionários, sobretudo na Guiné-Bissau e em Cabo Verde (Padaria da Solidariedade). Para tal, os grupos organizaram festas, quermesses, rifas, feiras de artesanato.... Iniciativas como «jantar africano», «concerto sem fronteiras», «chá missionário», «bacalhau pela missão», «janeiras solidárias», «sarau cultural», «sopa missionária», «teatro pela missão» ... já fazem parte do imaginário sem fronteiras. Uma Missão criativa e solidária.

é preciso lançar mãos à obra e fazer o que estiver ao alcance para que a Missão possa ir para a frente

Uma Missão criativa e solidária.

Sol Sem Fronteiras

Como a sociedade avança e não se pode ficar para trás, era urgente fundar uma Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) para ajudar os JSF a ir mais longe no domínio da solidariedade e da cooperação com a Igreja missionária. A **Associação Sol Sem Fronteiras** (Solsef) nasceu, a 1 de Novembro de 1993, para dar aos trabalhos do Movi-

Nos princípios de Solsef sublinha-se a sua inspiração cristã e prioridade que se dá à Igreja missionária

mento (e de outras pessoas que se quisessem associar) uma cobertura jurídica apropriada. Nos princípios de Solsef sublinha-se a sua inspiração cristã e prioridade que se dá à Igreja missionária, na escolha de projectos de apoio ao desenvolvimento. Pode dizer-se que esta organização é um complemento dos JSfs, permitindo-lhes permanecer como Movimento Missionário, mas ao mesmo tempo, partilhar com a sociedade civil e, sobretudo, com outros jovens, os seus ideais de fraternidade, traduzidos na solidariedade e na cooperação.

Solsef apostam na realização de várias campanhas públicas com o objectivo de arranjar meios financeiros para apoiar diversos projectos na área da educação, da saúde e da ajuda humanitária: a Escola Sem Fronteiras de Caió (Guiné-Bissau), Ajuda de Emergência à Guiné-Bissau após a guerra de 1998, Escola Arquidiocesana do Lubango (Angola), o Centro de Apoio à Infância de Ribeira Afonso (S.Tomé e Príncipe). A Campanha Jubilar da Família Espiritana foi a construção e funcionamento de Escolinhas no norte de Moçambique e foi coordenada por Solsef. Na Guiné-Bissau, a Escola de S. José, em Bajob, foi inaugurada em 2002 e está em construção o Liceu de Calequisse.

Ponto alto da celebração do 5º aniversário de **Sol Sem Fronteiras** foi a realização de um Colóquio na Universidade Católica (Lisboa) sobre *«Solidariedade e Direitos Humanos»*. A 8 de Novembro de 2003, Sol Sem Fronteiras celebrou os 10 anos com um colóquio realizado no Colégio Marista de Lisboa.

Voluntariado Missionário

O Voluntariado Missionário Espiritano implica uma missão de, pelo menos, um ano. O Nélson Ramalhoto (JSF – Braga), foi o primeiro JSF a partir em Missão. Trabalhou dois anos no Lubango, sul de Angola. Depois dele, a Margarida Querido e a Sandra Colaço (JSF – Portela) partiram para Malanje, no planalto norte de Angola. O Victor Barros (JSF – Tires) para Caió, na Guiné Bissau, a Paula Vicente (JSF – Benfica) para Ribeira Afonso, em S. Tomé e o Miguel Ribeiro (JSF – Monte Abraão – Queluz) para Malanje. Os médicos Ivone Gonçalves e Nélson Gaspar e a analista Isabela Ribeiro estiveram dois meses em Ribeira Afonso, S. Tomé. Com os Leigos Para o Desenvolvimento, a Ana Sofia Nunes (JSF – Portela) trabalhou dois anos em Timor, a Rita Monteiro (JSF – Portela) esteve com os Verbitas em Monapo, norte de Moçambique. Actualmente, a Sílvia Ribeiro (JSF – Tires) está na Guiné com a Fundação Evangelização e Culturas e o António Silva (JSF – Tires) está na Calheta de S. Miguel, em Cabo Verde.

O Voluntariado também se faz aqui em Portugal, numa linha de opção pelos mais pobres

O Voluntariado também se faz aqui em Portugal, numa linha de opção pelos mais pobres. Assim, a título de exemplo, recordo a Visita mensal dos JSF de Tires ao estabelecimento Prisional de Tires (Cascais) e o trabalho de apoio escolar e catequético dos JSF da Portela no Bairro do Prior Velho, um dos mais pobres das periferias de Lisboa.

Nos Encontros Nacionais realizados em paróquias (Fiães da Feira e Car-

valhal de Barcelos), os participantes foram ao encontro de instituições que apostam no apoio aos excluídos da nossa sociedade ou participaram em «workshops» sobre situações de exclusão e marginalização social.

Navegando na Net

Os JSF não passam ao lado das novas tecnologias da comunicação. Depois de terem ganho direito de cidadania no jornal *Acção Missionária* e na revista *Encontro*, foram conquistando intervenções nas Rádios e Televisões, bem como na Agência Ecclesia e muitos títulos da imprensa escrita, sobretudo de inspiração cristã. A «Ponte 2001», em S. Tomé, teve direito a acompanhamento televisivo, o mesmo se diga dos Encontro Nacionais e de Animadores.

Mas uma das apostas de futuro tem a ver com a internet. Assim, pode-se saber mais sobre o carisma, as iniciativas e os projectos dos Jovens Sem Fronteiras, consultando os sites dos Espiritanos (www.espiritanos.org) e de Sol Sem Fronteiras (www. solsef.pt). O partir de 2002, foram criados dois grupos de partilha de informações na net, o (j-s-f@yahoo.groups.com) e o (jsf lisboa@yahoo.groups.com). Com estas «mailing lists», os Jovens Sem Fronteiras estão mais perto uns dos outros e mais informados, via e-mail.

A celebração dos 20 anos

A Foz do Arelho (Caldas da Rainha) deu à luz, em 1983, o primeiro grupo paroquial de Jovens Sem Fronteiras. Foi o começo de um sonho que, vinte anos depois, se tornou já realidade do Minho ao Algarve, de Angola a Cabo Verde, de França a S. Tomé e Príncipe. Foi na Foz do Arelho que as 'jovens sem fronteiras' de há 20 anos contaram aos actuais a Missão que lhes corre ainda nas veias. Foi na manhã do dia 5 de Setembro, durante a Eucaristia de Acção de Graças que encheu de festa a Igreja Paroquial. Este momento celebrativo foi apenas um de muitos que se realizaram ao longo de 2003, com relevo particular para o 'Especial JSF – – 20 anos' que decorreu de 31 de Agosto a 7 de Setembro.

Foi na Foz do Arelho que as 'jovens sem fronteiras' de há 20 anos contaram aos actuais a Missão que lhes corre ainda nas veias

O testemunho dos 'anciãos'

O dia 31 de Agosto, no Seminário da Torre d'Aguilha (Cascais) foi ponto de encontro para seis dezenas de 'antigos' Jovens Sem Fronteiras. A presença do fundador, o P. Firmino Cachada, actualmente a trabalhar em Bruxelas, foi um bom pretexto para um encontro com a história, um regresso às raízes, uma sã confraternização. A partilha feita pelo Paulo Vaz, primeiro Presidente Nacional, avaliou o caminho feito e abriu um debate sobre caminhos a abrir e a palmilhar, rasgando novos compromissos de Missão sem fronteiras.

Em Braga, o Encontro com os mais antigos foi na noite do dia 4 de Setembro, no Seminário do Fraião. O Porto escolheria o 28 de Setembro.

Missão nas fronteiras

'Estar perto dos que estão longe sem estar longe dos que estão perto' é uma frase que tem norteado os JSF. Para dar corpo a este ideal, um grupo esteve em Kalandula (Angola) e dois outros estiveram em Alvalade do Sado e Baleizão (Beja) durante o mês de Agosto.

Durante o 'Especial JSF 20 anos', Braga apostou na casa de S. João de Deus (Barcelos) e nas Paróquias de Gominhães (Guimarães) e Carvalhal (Barcelos). O Porto apostou nos idosos das Irmãzinhas dos Pobres, nas crianças da Obra do P. Gil (Lobão – Feira) e numa Vigília na Paróquia de Ramalde. Lisboa foi até Ermidas do Sado (Beja) ao encontro dos idosos e das crianças.

Na quinta-feira, dia 5, todos os caminhos foram dar à Ribeira do Fárrio (Ourém) onde teve lugar o I Encontro Nacional em contexto paroquial. Depois da celebração da Eucaristia, o grupo rumou até ao Caneiro (Ourém) onde a comunidade local os esperava. Ali almoçaram e dali foram enviados em peregrinação a pé até Fátima.

A presidência do Terço das 21h30 marcou este dia.

De Fátima, os JSF partiram para o Seminário da Torre d'Aguilha, em Cascais, passando pela Foz do Arelho.

201 JSF no Nacional 2003

Foi um record, ultrapassou-se a barreira dos 200! O Seminário da Torre d'Aguilha conseguiu 'acantonar' esta multidão que partilhou experiências, rezou, reflectiu, escutou e divertiu-se muito

Foi um record, ultrapassou-se a barreira dos 200! O Seminário da Torre d'Aguilha conseguiu 'acantonar' esta multidão que partilhou experiências, rezou, reflectiu, escutou e divertiu-se muito.

Os JSF foram confrontados com onze workshops sobre a Missão (no masculino e no feminino), a imigração, a solidariedade e o desenvolvimento, o voluntariado, a pastoral prisional, a ajuda humanitária e os direitos humanos, as animação missionária da Igreja em Portugal, o trabalho com deficientes de foro psiquiátrico. Momento alto foi a partilha da jornalista Laurinda Alves, directora da Revista XIS e comentadora na Rádio Renascença. Apelou à confiança em Deus e em si próprios. Referiu o 'mais e melhor' como objectivo de conversão, apostando nos propósitos de vida: 'poucos, pequenos e possíveis' contra os grandes pecados: 'desânimo, desalento e desespero'. Elogiou o papel das minorias, dos remadores contra a maré porque as massas são sempre acríticas.

Na manhã de domingo, o P. José Manuel Sabença, Superior Provincial dos Espiritanos, apontou alguns caminhos de futuro aos JSF. Ligado ao Movimento desde a primeira hora, o P. José Manuel apresentou 20 razões (todas com esquema de email!)... para olhar com confiança o futuro.

Festival da Canção Sem Fronteiras

O momento com mais vibração foi o I Festival da Canção Sem Fronteiras realizado no salão Paroquial de S. Domingos de Rana (Cascais). Foram nove

as canções concorrentes. A apresentação, sempre muito animada, esteve a cargo da Marta Ventura e do Carlos Duarte Bastos, da Rádio Renascença, e o júri foi presidido pelo P. Manuel Durães Barbosa, director das Obras Missionárias Pontifícias.

A Canção vencedora foi 'Servir é viver' dos JSF de Braga que também ganharam o prémio da melhor interpretação. O 2º lugar e o prémio da melhor letra foi para os JSF de Benfica com a canção 'Sol na Missão' e o 3º coube aos JSF de Tires que cantaram: 'Brilha o Sol...'. No intervalo, houve um espaço de dança que galvanizou a sala cheia, proporcionado pelos JSF que fizeram a Ponte em Angola e as Semanas Missionárias no Alentejo.

O envio em Missão

A Eucaristia de encerramento foi uma Festa da Missão. Ali se juntaram aos 200 JSF muitos dos 'antigos' que participaram no encontro do domingo, 31 de Agosto. No ofertório, cada grupo de campo entregou um símbolo de compromisso. Na acção de graças, coube aos mais velhos agradecer estes vinte anos de Missão sem fronteiras.

Na hora de partir, lia-se nos rostos a alegria de regressar às suas terras de origem onde a Missão continua como urgência. Como dizia o P. José Manuel Sabença: *' Por mil e uma razões, creio poder dizer que JSF não é nem nunca será Jovens Sem Futuro, mas sim Jovem Sempre Forte, porque animado e fortalecido pela luz de Cristo'*

Na hora de partir, lia-se nos rostos a alegria de regressar às suas terras de origem onde a Missão continua como urgência

Jovens Sem Fronteiras...uma história ainda no começo....

De 1983 até hoje, apenas se deu um pequeno passo. A história deste Movimento Missionário ainda está no começo, as primeiras páginas só agora estão a ser escritas. Os Estatutos foram aprovados pela Coordenação Nacional a 6 de Fevereiro de 2000 e pela Conferência Episcopal Portuguesa a 24 de Junho de 2003.

É um projecto de fé, de caminhada em grupo, de missão, de solidariedade... um ramo que entronca numa velha árvore de 300 anos: a Congregação do Espírito Santo, fundada em 1703. Os JSF têm consciência de que o futuro está nas raízes e, por isso, vão continuar a beber da espiritualidade espiritana.

É um projecto de fé, de caminhada em grupo, de missão, de solidariedade... um ramo que entronca numa velha árvore de 300 anos: a Congregação do Espírito Santo, fundada em 1703

Tony Neves,
Coordenador Nacional

MANUEL MARTINS *

os missionários do espírito santo em cabo verde

Os primeiros missionários Espiritanos em Cabo Verde foram D. Faustino Moreira dos Santos, Bispo, o P. José Neiva Araújo, seu secretário, o P. Lúcio dos Anjos e P. Lindorfo Quintas.
Em 24 de Outubro de 1942 chegaram a Cabo Verde os Padres Henrique Alves e Frederico Duff, ficando o P. Henrique a superior religioso do grupo espiritano. Em 24 de Janeiro de 1955, o P. Rego deixa Cabo Verde e em 30 de Julho do mesmo ano o P. Augusto Nogueira, por morte de D. Faustino, é nomeado Administrador Apostólico «Sede Vacante». Em 7 de Setembro de 1955, o P. José Pereira de Oliveira é nomeado novo superior do Distrito e chega a Cabo Verde, acompanhado do P. Jerónimo Ferreira a 18 de Novembro desse ano.
Sucederam-se os Superiores Principais: P. João Moniz; P. Manuel dos Santos Neves; P. Gil Afonso Losa, P. José Pires, P. Adélio Cunha Fonte e P. Manuel Martins Novais Ferreira.

1. Um pouco de história

Os primeiros missionários Espiritanos em Cabo Verde foram D. Faustino Moreira dos Santos (Bispo), o P. José Neiva Araújo (seu secretário), o P. Lúcio dos Anjos e P. Lindorfo Quintas. Saíram de Lisboa a 17 de Novembro de 1941 e chegaram à ilha de S. Nicolau em 30 de Novembro desse mesmo ano.

No dia 15 de Dezembro, os Padres Lúcio e Quintas chegaram à ilha de Santiago e fixaram residência, respectivamente na paróquia de S. Nicolau Tolentino e S. Salvador do Mundo, estendendo a sua acção pastoral a outras paróquias daquela ilha.

Em 17 de Dezembro de 1942, o Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Maglione, recomendou as missões de Santiago de Cabo Verde aos Missionários do Espírito Santo, nas pessoas do Superior Geral - Mons. Le Hunsec e do provincial

* Manuel Martins, missionário espiritano, superior do Distrito de Cabo Verde desde 1999.

de Portugal - P. Clemente Pereira da Silva.

Em 24 de Outubro de 1942 chegaram a Cabo Verde os Padres Henrique Alves e Frederico Duff. O P. Henrique é nomeado superior religioso do grupo espiritano em Cabo Vere e começam os preparativos para formar a primeira comunidade – residência espiritana. A primeira residência espiritana, em Cabo Verde de que há registo, data de abril de 1943, uma casa alugada na cidade da Praia e dedicada ao Sagrado Coração de Jesus.

Em 27 de Maio de 1943, D. Faustino Moreira dos Santos, vem para a cidade da Praia e aqui estabelece a sede do Bispado que, desde 1866, estivera na vila de Ribeira Brava - ilha de S. Nicolau.

A 17 de Setembro de 1946 foi oficialmente criado o Distrito Espiritano de Cabo Verde e nomeado seu superior principal, o P. Francisco Alves do Rego.

Em 24 de Janeiro de 1955, o P. Rego deixou Cabo Verde e em 30 de Julho do mesmo ano o P. Augusto Nogueira, por morte de D. Faustino, foi nomeado Administrador Apostólico «Sede Vacante». Em 7 de Setembro de 1955, o P. José Pereira de Oliveira foi nomeado novo superior do Distrito e chegou a Cabo Verde, acompanhado do P. Jerónimo Ferreira a 18 de Novembro desse mesmo ano. O superior que lhe sucedeu foi o P. José Maria de Sousa. Durante o seu mandato, comprou-se o terreno onde se encontra a actual residência espiritana da Praia. Neste terreno projectou-se edificar um Seminário – Lar para cerca de cem alunos. O projecto do Seminário não se chegou a realizar mas, apesar de tudo, abriu-se caminho para a actual Casa Espiritana, cuja última ampliação e remodelação foi realizada sob a orientação do P. José Pires, enquanto Superior Principal do Distrito.

Em 30 de Novembro de 1966, com solene *Te Deum* e sessão comemorativa, celebraram-se as Bodas de Prata da chegada dos Espiritanos a Cabo Verde e em 1991, entre bodas de ouro e outros momentos celebrativos, a inauguração da actual Residência Espiritana da Praia.

De entre os Superiores Principais de cabo Verde falta, ainda, relembrar o P. João Moniz (1970); P. Manuel dos Santos Neves (1973); P. Gil Afonso Losa (1979), P. José Pires (1982), P. Adélio Cunha Fonte (1992) e, em 1999, P. Manuel Martins Novais Ferreira. O quadro nº 1 mostra-nos a cronologia dos Superiores Principais do Distrito desde a chegada dos primeiros espiritanos até aos dias de hoje, com a tenra idade de 62 anos:

Quadro nº 1 – Superiores Principais do Distrito de Cabo Verde

Padre	Anos	Observações
Henrique Alves	1942 – 1946	Antes da Formação do Distrito
Francisco Rego	1946 – 1955	Distrito Oficial de Cabo Verde
José Pereira de Oliveira	1955 – 1964	
José Maria de Sousa	1964 – 1970	
João Eduardo Moniz	1970 – 1972	
Francisco Lopes	1972 – 1973	Como Visitador (transição)
Manuel Santos Neves	1973 – 1979	
Gil Losa	1979 – 1982	
José Pires	1982 – 1992	
Adélio Cunha Fonte	1992 – 1999	
Manuel Martins Novais Ferreira	1999 –	Actual

Da história, convém, ainda, recordar que em 22 de Abril de 1975 foi nomeado bispo de Cabo Verde D. Paulino Livramento Évora. D. Paulino foi ordenado bispo a 1 de Junho de 1975 na missão Católica do Cacuso em Angola e entrou na diocese a 22 de Junho.

O acolhimento e a recepção oferecida pela residência espiritana da Praia trouxe novo impulso à animação vocacional espiritana. A aposta vocacional espiritana é, do nosso ponto de vista, de salientar pelos frutos que já deu e continua a dar.

2. Situação Actual

Entre os dias 18 e 23 de Novembro de 2002 tiveram lugar, na casa principal da Praia, os trabalhos referentes ao Capítulo do Distrito de Cabo Verde. Os confrades que compõem o Distrito, neste momento são 17 (mais o bispo D. Paulino) e dos quais dois são nigerianos, estiveram presentes no capítulo.

O número dos Espiritanos em Cabo Verde tem mudado conforme as circunstâncias, mas a média é de 15 membros, contando, por vezes, com seminaristas estagiários:

Tabela nº 1 – Seminaristas estagiários em Cabo Verde

Nome	Ano de Estágio
Luís Cabral	1970 – 1972
Armando Ferreira	1970 – 1972
José Luís Souto Coelho	1978 – 1980
João David Souto Coelho	1980 – 1982
Alberto Jerónimo Santos	1981
Raul Viana	1998
Nuno Miguel Rodrigues	1998 – 2000
Fernando Ferros	1999 – 2001
Vítor Ferros	2000 – 2002

Foi com grande humildade e sabedoria que o P. António Farias (Conselheiro Geral) pregou o retiro e moderou o capítulo que reflectiu sobre três grandes blocos temáticos:

1. Reavivar o nosso espírito comunitário e missionário;
2. Pastoral vocacional;
3. Partilha da Espiritualidade e Missão Espiritanas com os leigos (particular destaque para as Fraternidades espiritanas).

Para lá do P. António Farias, a convite para participar no capítulo, o P. Eduardo Miranda (Provincial da Província Portuguesa) teve, entre outras, grande intervenção na abordagem da problemática vocacional (relembrando as orientações do Capítulo de 1997): permitir aos aspirantes uma experiência mais forte de vida comunitária e discernimento vocacional. Acrescentou, ainda, que a Província mandará em 2003-04 um estagiário para Cabo Verde.

Para lá de toda a força que o espírito Santo nos ofereceu, é bom salientar,

a aprovação final dos três documentos em análise no capítulo. No que diz respeito à pastoral vocacional assegurar-se-á uma equipe constituída, ao menos por dois confrades residentes na casa destinada à formação neste contexto cultural caboverdiano segundo as propostas e sugestões que se enumeram:

1. Que um espiritano caboverdiano, num futuro próximo, venha a integrar a equipa de formação;
2. Pedir ao Conselho Geral o envio para o Distrito de confrades em primeira afectação, tendo em conta a faixa etária elevada do grupo e permitir maior diversidade e possibilidade de escolha;
3. Maior abertura do Distrito à «internacionalização»;
4. Redistribuição do pessoal em serviço no Distrito.

Neste momento, os espiritanos no Distrito trabalham em doze paróquias

Neste momento, os espiritanos no Distrito trabalham em doze paróquias nas ilhas de Santiago, do Maio e de Santo Antão. Nesta última ilha desde Novembro de 2001 respondendo a um apelo do Sr. Bispo para atender duas Paróquias que de um momento para o outro ficaram sem Pároco, falecido repentinamente e ainda jovem.

Desde Junho do ano 2000 formamos um grupo internacional com a vinda de dois confrades nigerianos actualmente a trabalharem em Santo Antão e na Paróquia de S. Miguel – ilha de Santiago.

Na Paróquia de S. Miguel – Calheta existe a Escola «P. Moniz», espiritano já falecido, que fundou essa escola e pastoreou a paróquia durante cerca de vinte anos. No dia 24 de Abril de 2000 celebrámos as Bodas de Prata da sua existência.

Na paróquia de S. Lourenço – Órgãos e em estreita ligação com ela, existe a Associação das Animadoras Missionárias, um grupo de leigas que partilha a espiritualidade espiritana.

Na Residência Espiritana da Praia, que acolhe os confrades do interior para reuniões de convívio e animação pastoral e religiosa, funciona também um Seminário Espiritano para o 11º e 12º anos, prosseguindo estes seminaristas os seus estudos em Portugal. Neste momento está um a fazer estágio missionário em Moçambique, três no Noviciado e dois no primeiro ano do 1º ciclo do Curso Teológico.

os confrades são amigos e solidários, gostam de se encontrar e marcar presença em momentos significativos e mantêm um estilo de vida que é coerente com a intimidade espiritana

Há um sentimento generalizado de que os confrades são amigos e solidários, gostam de se encontrar e marcar presença em momentos significativos e mantêm um estilo de vida que é coerente com a intimidade espiritana.

Prova desta intimidade foi a participação da comunidade espiritana na ordenação presbiteral do Manuel Andrade Alves Semedo, no dia 14 de Julho de 2002, na sua paróquia de origem, em S. Domingos (há muitos anos a cargo dos cuidados pastorais do P. António Cachada).

Participaram confrades da província portuguesa que se deslocaram de propósito para a efeméride acompanhados de outros Sacerdotes e pessoas amigas (da província: Padres: Eduardo Miranda, Mário Faria, Adélio Fonte e Hugo Ventura e o diácono Victor Silva. Os Padres: António Antunes Pinto,

Cândido Pedrosa, Carlos Vilar e a leiga missionária Amélia Fontes).

Para lá da recepção, no salão nobre, de Sua Exª o Presidente da Câmara Municipal de São Domingos, o grupo participou numa hora santa missionária. O momento alto da celebração foi Domingo, dia 14 de Julho às 10.00 horas – ordenação presbiteral do Manuel Semedo, mais um espiritano caverdiano. Entre os milhares de pessoas presentes (6000), também, o Primeiro Ministro de Cabo Verde marcou a sua presença. O bispo D. Paulino presidiu com muita dignidade, serenidade e respeito pelo grande envolvimento da assembleia, em que o P. Mário Faria bem desempenhou o papel de mestre de cerimónias e a animação bem orientada pelo P. João Baptista.

Queremos agradecer a Deus e aos nossos antepassados por tudo quanto fizeram por esta Igreja Diocesana e por este Distrito Espiritano. É com grande orgulho e até vaidade que eles são, para nós, um ponto de referência, bem como, para muitos cristãos de Cabo Verde. Não podemos esquecer os primeiros que cá chegaram que, encontrando uma Igreja envelhecida por uma grande degradação moral do clero residente, se dedicaram com muito empenho e sacrifício à formação de catequistas e em pouco tempo conseguiram reerguer a Igreja de Jesus Cristo que já existe nestas terras há 470 anos.

Pe. Manuel Martins

a educação como missão espiritana

Eis que o campo da Educação se torna cada vez mais um areópago concreto da nossa missão espiritana. A Escola Padre Moniz é disso um exemplo. Já lá vai o ano de 1977 em que o Pe. Moniz soube, no tempo e na época, colocar as suas energias ao serviço deste povo através da Educação.

É de salientar que, aquando da fundação da Escola, o território da Paróquia de S. Miguel Arcanjo pertencia e estava integrado no Concelho do Tarrafal, ficando a Paróquia de S. Miguel Arcanjo a cerca de 30 Km de distância do centro da Vila do Tarrafal e a 20 Km da Assomada.

Com a aprovação deste Projecto inicial por parte do Pároco e do respectivo Bispo da Diocese, ficavam, assim, definidos os objectivos da Escola bem como as características da mesma: Escola Paroquial sob responsabilidade da Paróquia de S. Miguel Arcanjo.

A ESCOLA PADRE MONIZ – CALHETA S. MIGUEL – CABO VERDE

Introdução

Em pleno ano Jubilar Espiritano, a Missão nas suas várias vertentes se torna mais próxima e sobretudo mais visível. E é toda esta dinâmica jubiliar que nos faz tomar mais consciência da nossa Missão espiritana, hoje. Vários são os desafios e vários são os campos de acção.

Eis que o campo da Educação se torna cada vez mais um areópago concreto da nossa missão espiritana. A Escola Padre Moniz é disso um exemplo. Vai na esteira dos nossos antecessores, que há já uns anos intuíram a importância e a necessidade da Igreja estar no mundo da Educação.

* Nuno Rodrigues, missionário espiritano, a trabalhar em Cabo Verde desde 2000.

E por coincidência, a Escola Padre Moniz está também a celebrar, durante o presente ano lectivo os seus 25 anos de Fundação. Em pleno jubileu espiritano, eis que os acontecimentos falam por si e nos motivam a ressaltar as figuras espiritanas nos vários campos de acção. Já lá vai o ano de 1977 em que o Pe. João Eduardo Moniz, açoriano, desenhava e traçava um sonho que se materializou com a criação de um curso preparatório para os alunos adultos. Foi a partir daí que este missionário espiritano fazia a leitura contextualizada da missão de então. Sem dúvida que o Pe. Moniz soube, no tempo e na época, colocar as suas energias ao serviço deste povo através da Educação. O Pe. Moniz materializou um sonho que ao mesmo se fazia sentir como uma necessidade premente nesta Paróquia. Para além da sua intuição original, deixou-nos todo um legado espiritual e de dedicação sem fim. Foi um homem actual e ao mesmo tempo tão perspicaz como audaz, na obra que hoje queremos continuar a perpetuar ao serviço deste povo e desta igreja africana.

É esta mesma audácia inicial, refontalizada continuamente, que procuramos, hoje, incutir no nosso trabalho pastoral

É esta mesma audácia inicial, refontalizada continuamente, que procuramos, hoje, incutir no nosso trabalho pastoral através de uma fidelidade sempre criativa nas várias áreas da Educação. Ao nosso espírito assalta-nos sempre aquela ideia de nos movermos por uma presença espiritana que honre os nossos antecessores. E sobretudo nos interpele continuamente à fidelidade original ao nosso carisma e à nossa maneira própria de apresentarmos o Evangelho de Jesus Cristo aos jovens de hoje.

Ao longo destes 25 anos de existência, a Escola Padre Moniz teve sempre uma forte presença espiritana nas suas estruturas bem como na sua dinamização e orientação. Desde o seu fundador, Pe. João Eduardo Moniz, vários foram os espiritanos que deram a sua contribuição e dedicação nesta obra ao serviço da Educação.

A Igreja e a Educação

Sempre a Igreja ao longo da história desempenhou um papel fundamental na Educação. A Declaração *Educação Cristã*, produzida no Concílio Vaticano II, diz isso mesmo: "Pertence à Igreja o dever de educar, não só porque deve também ser reconhecida como sociedade humana e capaz de ministrar a educação, mas sobretudo porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminha da Salvação".

Nas várias formas de Educação, o documento salienta a Escola, "que, em virtude da sua missão, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar rectamente, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional e fomenta o convívio amigável entre alunos de diversa índole e condição, contribuindo assim para que entre eles se incremente a disposição para uma melhor compreensão mútua".

E dentro deste papel da Igreja na Educação reveste carácter peculiar a Escola Católica: "a presença da Igreja no campo escolar manifesta-se de modo particular por meio da Escola Católica. É próprio dela, todavia, criar um ambiente de comunidade escolar animado pelo espírito evangélico de

liberdade e de caridade, ajudar os adolescentes para que, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua personalidade desenvolvam também o respeito pela vida e pelo homem". Em suma, a Escola Católica, propõe aos seus educandos um desenvolvimento pessoal, uma intervenção social e uma participação activa e qualificada na construção do mundo e na ordenação da sociedade, segundo o projecto de Deus.

Em toda a história da Igreja em Cabo Verde nota-se uma grande preocupação da mesma na formação, educação e ensino da Juventude

Em toda a história da Igreja em Cabo Verde nota-se uma grande preocupação da mesma na formação, educação e ensino da Juventude. A realidade dos factos o comprova visto que os nossos intelectuais são bem conhecidos e não temos dúvidas em afirmar que a grande parte da sua riqueza intelectual tem a sua origem na Igreja. Basta recordar as inúmeras escolas paroquiais criadas em toda a Diocese e o papel que o Seminário Diocesano de S. Nicolau exerceu no campo da Educação.

E a Igreja da Calheta de S. Miguel Arcanjo está na linha desta venerável tradição. Exemplo disso é a Escola Padre Moniz.

A origem do actual edifício – um edifício multifuncional

As actuais instalações centrais da Escola Padre Moniz, propriedade da Paróquia de S. Miguel Arcanjo, foram construídas pelo Pe. Crettazz no ano de 1967 juntamente com a actual Residência das Irmãs, também esta pertença da Paróquia.

O actual edifício era chamado como «Lar da Sagrada Família», pelo que, na actual Sala de Costura da Escola, à entrada, ainda lá se encontra uma velha imagem da Sagrada Família. Diz o diário da Paróquia que "no dia 01 de Maio de 1967, os trabalhadores do «Lar da Sagrada Família», começado há 15 dias, assistiram à Santa Missa em honra do seu Santo Padroeiro".

Em finais do ano de 1970, as obras estavam quase concluídas. Com a chegada das Irmãs da Congregação do Espírito Santo a meados de Agosto do mesmo ano, dava-se assim ocupação às instalações da Escola e da Residência das Irmãs. O grupo das três irmãs Espiritanas, irmãs Anilda, Adélia e Carolina, desencadearam um conjunto de actividades relacionadas com a promoção humana.

É de salientar o facto de que estas instalações novas, «Lar da Sagrada Família» bem como a Residência das Irmãs, foram de imediato postas ao serviço do Estado e da população em geral. Deste modo, em fins de Junho de 1970, chega o Sr. Manuel da Natividade Monteiro, que vem ocupar o lugar de Chefe do Posto Administrativo, género de um Posto Policial, serviço esse que ficou sedeado no andar de baixo da Residência das Irmãs. Concretamente no dito «Lar da Sagrada Família», actual edifício da Escola, funcionava o Posto Médico, onde eram internadas crianças com má nutrição bem como, mais tarde, adultos que eram atacados com febres intestinais e febres tifóides que iam surgindo. Várias foram as pessoas que aí foram assistidas, até houve crianças que aí foram dadas à vida. Nessa pequena enfermaria trabalhava a irmã Anilda bem como a Senhora Úrsula, actualmente a trabalhar no Posto Sanitário da Calheta, e a Senhora Clarisse de Veneza.

A nível paroquial, funcionava lá também a promoção feminina, concretamente o curso de corte e costura orientado inicialmente pela irmã Adélia, e mais tarde pela irmã Rosário. Uma das salas servia também para armazém de alimentos a fim de serem distribuídos aos idosos, doentes e crianças da Paróquia.

Noutras salas ministrava-se o ensino primário com a orientação da irmã Carolina. Durante esses anos até 1977, havia sempre um grupo de professores que efectivava esse ensino primário, a Senhora Anastácia da Calheta, o Senhor Furtado da Ribeireta, o Senhor João de Monte Terra e o Senhor Guilherme de Ponta Verde, entre outros.

Mais uma vez é evidente o efectivo empenho da Igreja nos vários domínios da promoção e formação humanas.

Em 1972 chegam mais duas irmãs Espiritanas, as irmãs João e Rosário, com o intuito de continuar o trabalho iniciado no «Lar da Sagrada Família». Estas permaneceram na Paróquia até ao ano de 1976, quando a 12 de Setembro chegam as Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria, vindas do Senegal, onde têm a sua casa Mãe. Um grupo de três irmãs Caboverdianas, irmã Margarida, actualmente ainda na Paróquia, e as irmãs Regina e Antonieta. Nesse mesmo ano, cessou, por motivos logísticos e de funcionalidade, o Posto Administrativo até então a funcionar no rés do chão da Residência das Irmãs.

De salientar que por altura desta data, o Pe. João Eduardo Moniz já levava três anos de Pároco de S. Miguel, desde a sua nomeação a 12 de Outubro de 1973.

Origem e Fundação da Escola Padre Moniz

As raízes da Escola Padre Moniz remontam ao ano de 1977, quando o Missionário da Congregação do Espírito Santo, Pe. João Eduardo Moniz, então pároco de S. Miguel Arcanjo, e um conjunto de paroquianos, lançavam mãos à formação e educação dos jovens através de um Curso de Explicações pós-estudos primários. A impossibilidade da maior parte dos jovens se deslocarem às escolas vizinhas, devido às distâncias e carências de meios, levou o Pe. Moniz a fundar a Escola que hoje tem o seu nome. Foi assim que esta Escola veio em auxílio de tantos jovens que não podiam ir além da quarta classe. É de salientar que esta fundação da escola foi uma iniciativa paroquial e que se concluiu, desde logo, que esta era uma obra integrante da pastoral da Paróquia.

A impossibilidade da maior parte dos jovens se deslocarem às escolas vizinhas, devido às distâncias e carências de meios, levou o Pe. Moniz a fundar a Escola

No projecto inicial, e segundo as intuições do Fundador, a Escola destinava-se sobretudo para a gente que quisesse continuar os seus estudos e que por imensas razões não tinha possibilidades de o fazer.

É de salientar que, aquando da fundação da Escola, o território da Paróquia de S. Miguel Arcanjo pertencia e estava integrado no Concelho do Tarrafal, ficando a Paróquia de S. Miguel Arcanjo a cerca de 30 Km de distância do centro da Vila do Tarrafal e a 20 Km da Assomada.

Assim, num conjunto de esforços múltiplos, dava-se início a 10 de Ou-

tubro de 1977 ao Curso de Explicações para o 1º e 2º anos do ex Ciclo Preparatório.

Com a aprovação deste Projecto inicial por parte do Pároco e do respectivo Bispo da Diocese, ficavam, assim, definidos os objectivos da Escola bem como as características da mesma: Escola Paroquial sob responsabilidade da Paróquia de S. Miguel Arcanjo.

Continuidade e Crescimento

A obra nasce, e o seu fundador 12 anos depois morre. Com sentido de gratidão e reconhecimento, a Escola é baptizada com o seu próprio nome: Escola Padre Moniz. Fazia-se, assim, justiça a todo o trabalho realizado pelo seu mentor e impulsionador. É a partir daqui que esta Escola Paroquial se passa a chamar Escola Padre Moniz.

Depressa a pequena Escola se tornou um polo de educação fundamental para a população de toda a zona da Paróquia de S. Miguel Arcanjo, que se foi concentrando à volta da então Vila da Calheta. Devido à população dispersa da Paróquia, muita gente se deslocava para a Escola pois lhes ficava muito mais perto, o que evitava deslocarem-se para as Escolas dos outros concelhos que ficavam mais distantes.

Com a morte do seu fundador, morte repentina com um possível enfarte de miocárdio, no ano 1989, a Escola não deixou de prosseguir e dar continuidade ao projecto inicialmente traçado. Um problema se começava a colocar: muita gente queria frequentar a Escola e poucas eram as condições físicas para albergar tantas pessoas. Com o Pe. José Carrreira Júnior, então Pároco e com o aumento dos alunos da escola, e devido à intensa ocupação pastoral do pároco bem como à morte repentina do Pe. João Eduardo Moniz e do Pe. Crettaz (este já encamado há uns anos), este pensou no fecho da Escola pois tornava-se muito difícil acompanhar e desenvolver um correcto funcionamento da mesma. Com a presença das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, como agentes de pastoral na Paróquia, estas propuseram ao então Pároco o assumir o funcionamento da Escola a fim de não fechar esta obra há pouco tempo começada. Assim, o Pároco aceitou que as Irmãs do Sagrado Coração de Maria ficassem a acompanhar mais de perto o funcionamento da Escola a fim de se poder continuar o trabalho inicialmente começado pelo seu fundador. Com isto, o Pároco, como entidade máxima da Escola, visto que esta era pertença da Paróquia e exerce sobre esta responsabilidade jurídica, decidiu elaborar género de um contrato com as irmãs do Sagrado Coração de Maria, com conhecimento e autorização do Bispo da Diocese, ficando estas mais encarregadas do funcionamento da Escola, e o Pároco com a responsabilidade da Administração geral da mesma. Contrato esse que foi assinado por ambas as partes a 29 de Abril de 1991.

Um problema começou a colocar-se: a ausência de um estabelecimento público de ensino secundário no concelho. Isto obrigou a Escola Padre Moniz a alterar, ou melhor, a adaptar-se a uma nova conjuntura social. Assim, decidiu-se alargar os anos de frequência para os 7º, 8º e 9º anos no ano de

1996. O que obrigou a uma maior organização e planificação de todo o seu funcionamento. E com isto surgiu o grande problema de arranjar professores qualificados bem como meios financeiros para lhes pagar. Zona do interior e das mais pobres e a consequente falta de recursos financeiros, leva a Escola a cobrar uma propina mensal a fim de poder-se pagar aos professores e respectivo funcionamento da escola. Com tudo isto, e devido à grande carência e pobreza da maior parte da população, muitos não tinham condições para pagar a propina mensal. Assim, a questão financeira começou a tornar-se um grande problema para o correcto funcionamento da Escola. Com isto a Paróquia viu-se na responsabilidade de tentar solucionar a questão. Inclusivamente chegou-se ao ponto de os professores fazerem uma greve geral reclamando a falta de pagamento em atraso. Situação inédita que obrigou a uma solução rápida.

O Pároco de então, Pe. João David, juntamente com a Direcção da Escola, tentaram arranjar uma solução para este fim. O problema era claro: a Escola quis ajudar todos os alunos e, para isso, alargou a sua área de abrangência mas a grande lacuna continuava: ausência de ensino secundário público no concelho. Deste modo, foi a Escola Padre Moniz que, até hoje, supriu essa ausência. Daí dever-se responsabilizar o Ministério da Educação e Instituições locais para auxiliarem financeiramente a Escola.

Assim, tentou-se pedir, à então Comissão Instaladora do Município de S. Miguel, um apoio e um fundo anual que ajudasse a cobrir as despesas que a Escola tinha com os professores. Estavam em causa cerca de 600 alunos.

Conseguiu-se, então, um subsídio da Comissão Instaladora, mediante um pequeno contrato assinado a 26 de Setembro de 1997, vindo em auxílio desta situação que começava a ficar complicada. Foi graças a este apoio, concretamente na pessoa do seu Presidente, José Maria Coelho de Carvalho, que se conseguiu equilibrar as coisas e dar prosseguimento a esta obra de interesse social e educativo para todo o Concelho de S. Miguel, que iria ser criado oficialmente em 1999.

Contrato e Parceria com o Ministério da Educação

Com o andar dos tempos, a Escola Padre Moniz foi tomando proporções que exigiam um acompanhamento mais atento e responsável na sua administração. Com o aumento sucessivo dos alunos e com as carências e limitações financeiras, chegou-se à necessidade de estabelecer uma maior ligação e apoio solidário, a nível de paralelismo educacional, com o Ministério da Educação de Cabo Verde. A Câmara Municipal de S. Miguel não poderia continuar com o apoio anual, e a Escola também teria muitas dificuldades no seu funcionamento interno sem uma ligação mais directa com as instâncias centrais do Ministério da Educação. E este tinha a obrigação de apoiar mais a Escola privada Padre Moniz visto esta continuar a suprir a ausência de ensino secundário público neste concelho. Pediu-se, então, o paralelismo educativo, já então reconhecido, mas agora com um apoio concreto a nível financeiro através da nomeação de professores pagos doravante

doravante pelo Ministério da Educação.

Nova filosofia de Educação se apresentava à Escola Padre Moniz. Passou, então, a chamar-se Escola Secundária Padre Moniz, continuando à mesma com o seu cariz privado e paroquial mas contando, a partir daqui, com o paralelismo do Ministério da Educação através da nomeação de Professores por parte deste.

Esta medida trouxe grandes vantagens pois possibilitou uma grande ajuda no que concerne ao recrutamento e pagamento do pessoal docente e com uma forte ligação com o Ministério e com as restantes Escolas. Contudo, com o decorrer das actividades, algumas dificuldades foram surgindo nomeadamente quanto à qualidade e exigência por que sempre nos pautámos. A escolha dos professores foi o mais difícil, pelo facto de não haver pessoas com formação adequada e com um perfil que julgamos capazes de lutarem por uma educação integral.

Com esta medida foi-se perdendo uma certa qualidade de ensino e sobretudo uma certa conduta humano-cristã que para nós sempre foi essencial e prioritária na nossa acção junto dos alunos. Para tentar recuperar esta vertente, procurámos desde logo junto do Ministério da Educação a possibilidade de ser a própria Escola a apresentar os candidatos a professores a fim de assegurar a questão da qualidade e profissionalismo dos professores nas suas várias vertentes. O pior é que, muitas vezes, o Ministério da Educação não tem professores qualificados e com preparação pedagógica adequadas.

Esta medida também exigiu de nós, Escola, uma outra postura e conduta no que concerne à estruturação e organização do funcionamento da Escola. Não podíamos continuar a sermos e a pautarmo-nos por um funcionamento provisório e amador mas submetermo-nos às normas gerais do Ensino Secundário. O que nos obrigou a um maior conhecimento das questões legais e jurídicas, e a pautarmos o nosso comportamento por uma dinâmica integrante e integradora.

Tudo isto veio colocar-nos algumas exigências: apostarmos mais na formação integral do pessoal dirigente da Escola; apostarmos na formação pedagógica e jurídica do Ensino Secundário por parte da direcção da Escola; reestruturarmos a organização e dinâmica do funcionamento da Escola; criarmos mecanismos que possibilitem um correcto funcionamento e articulação das várias áreas em toda a comunidade; incrementar uma corresponsabilidade alargada na acção escolar em toda a comunidade; desenvolvermos um plano de concertação escolar com as várias instituições do concelho.

Nova visão da Educação e do Ensino Secundário

Com as sucessivas reformas do Ensino, as Escolas tiveram que se ir readaptando nas suas estruturas e nas suas maneiras de implementar e desenvolver essas mesmas reformas.

A Escola Secundária Padre Moniz, de cariz privado e de espírito cristão, foi-se também adaptando a estes novos desafios. Umas vezes fáceis outras

vezes difíceis, contudo nunca deixando para trás o seu projecto inicial projectado e começado pelo seu saudoso fundador.

No ano de 1999, a Escola conheceu um aumento significativo de alunos, frequentando cerca de 800 alunos desde o 7º ano até ao 10º ano, que se decidiu abrir no ano anterior. Este aumento significativo de alunos exigiu também um aumento de professores bem como um funcionamento mais próximo e exigente.

Tentando responder às novas exigências do Ensino Secundário, procurou-se constituir uma Equipa Directiva mais organizada e sobretudo mais estruturada com o objectivo de se poder acompanhar com mais proximidade, as várias áreas de funcionamento da Escola. Mas como o Director estava ao mesmo tempo em formação académica na cidade da Praia a fim de poder desempenhar melhor o seu cargo, vimo-nos na necessidade de arranjar mais uma pessoa. Com a nova restruturação da Direcção, esta ficou dividida em três sectores: Director Geral, Director Pedagógico, Director Administrativo e Secretário.

Para um melhor e mais eficaz acompanhamento de toda a gestão escolar, e respondendo às directrizes do Ministério, elaborou-se o Regulamento Interno da Escola, onde se encontram regulamentados todos os princípios e regras de funcionamento dos vários sectores da escola. Depois da sua elaboração foi dado a conhecer a toda a comunidade escolar com o objectivo de ser promulgado e a partir daí começar a funcionar no ano 2000.

No ano de 1999, com o aumento sucessivo dos alunos e com as fracas e exíguas condições de espaço da Paróquia, a Escola viu-se obrigada a pedir auxílio à Câmara Municipal e à Delegação Escolar a fim de nos solicitarem mais algumas salas. Muito generosamente, a Câmara Municipal disponibilizou-nos o pavilhão do polivalente com 5 salas de aulas.

Havendo um pequeno terreno junto à Escola, resolveu-se, em 1999, construir aí uma Cantina que possibilitasse aos professores e alunos que vinham de longe, tomar as suas refeições e sobretudo que ajudasse a concentrar os alunos à volta do espaço escolar. Também se fizeram umas casas de banho que já se faziam sentir hà muito tempo. Não tendo nós meios financeiros para a construção, o Pe. Nuno Miguel pediu apoio à Câmara Municipal, dando esta o material de construção, e ao INERF bem como ao seu responsável máximo, o Sr. Ministro da Agricultura que financiou o restante. Isto foi possível também graças aos familiares e amigos do Pe. Nuno Miguel que enviaram de Portugal um contentor com todos os materiais de acabamento. Assim, pudemos inaugurar a cantina e as casas de banho no mês de Outubro de 2000, com a Benção solene do Pároco, Pe. António Luís Marques de Sousa e com a presença do Presidente da Câmara e do Ministro da Agricultura bem como da Direcção da Escola e alunos.

Também, já há muito tempo, se fazia sentir a falta de uma Biblioteca Escolar. Não existem manuais e os poucos que existem os alunos não têm possibilidades de os comprar. Então, conseguimos montar uma pequena Biblioteca com a ajuda de várias campanhas de livros que se fizeram em Portugal por ocasião da ordenação sacerdotal do Pe. Nuno Miguel, membro da

da Direcção da Escola. Muitos grupos de jovens de várias Paróquias, várias Escolas, várias Livrarias e Instituições Portuguesas contribuíram, em muito para que tenhamos uma Biblioteca onde os alunos podem ir consultar e levar os livros para casa.

Conseguimos também montar uma pequena Livraria onde os alunos podem adquirir o seu material escolar a preços mais em conta.

Conclusão

João Paulo II, na sua Exortação apostólica *Ecclesia in Africa*, diz-nos que a educação formal e informal não é algo de marginal, mas faz parte integrante da nossa missão evangelizadora.

a educação formal e informal não é algo de marginal, mas faz parte integrante da nossa missão evangelizadora

E é assente nesta acção evangelizadora que o último Capítulo Geral dos Espiritanos fez questão de mencionar o papel da Educação na nossa Missão. Salientou que, pela educação, nos é permitido um contacto privilegiado com o mundo dos jovens, facilitando assim a comunicação do Evangelho, particularmente pelo testemunho de vida do educador (cf. nº 213-216).

A aposta na Escola Padre Moniz é, sem dúvida, uma aposta clara nos jovens, nomeadamente uma ponte viva com a Paróquia e daí a possibilidade de uma maior e mais sólida formação integral a todos os níveis.

Pe. Nuno Miguel da Silva Rodrigues

Cabo Verde

caminhar ... segura pela mão de deus

O amor é o carisma da vida missionária: feita de desprendimento, de despojamento da própria pessoa. "Eu semeei, Apolo regou", o Senhor põe a virtude e alguém colherá!...
Ser capaz de viver com o mínimo, como e com os pobres, sem exigências e sempre com alegria, vivendo a festa da vida na Esperança dum amanhã melhor;
Ser capaz de acertar o passo com Jesus e acertar o passo com as pessoas a quem Ele nos enviou e envia;
Ser capaz de se preocupar mais com as dores e necessidades dos outros do que com as próprias dores, sofrimentos e dificuldades;
Olhar com serenidade os acontecimentos da vida e do mundo em que vivemos com olhar criativo e construtivo;
Aceitar a nomeação para Angola, em plena guerra, partindo com uma mochila às costas e umas sapatilhas nos pés...

O título da minha partilha[1] sugere-me que comece por transcrever o relato, de Eugénie Caps, do momento em que ela aceitou ser a fundadora de uma nova Congregação Missionária.! As Irmãs Missionárias do Espírito Santo.

"Era o dia 7 de Maio de 1915. Tinha recebido Jesus-Hóstia. Jesus tinha-me dito que a Obra seria bem sucedida (...). Agora Ele diz-me que não

* Irmã Maria Madalena Barbosa Vieira, espiritana portuguesa. Missionária em Angola durante 22 anos (1981 a 2003) e em Cabo Verde durante 4 anos (1966 a 1970). Regressou recentemente a Portugal onde também já tinha trabalhado sobretudo na Animação Missionária entre 1970 e 1980. Em Angola e Cabo Verde dedicou-se muito à área da Catequese e da Educação e em Angola foi Superiora Principal das Espiritanas durante 6 anos.

poderei sair da Igreja sem lhe prometer que aceito a minha missão. Foi uma luta! Eu não queria! Contudo, não era capaz de fazer o mínimo movimento para deixar a Igreja. Vi então a mão de Nosso Senhor estender-se sobre mim e Jesus a dizer-me que consentisse em fazer o que Ele me pedia. Apressei-me em colocar a minha mão na d Ele e aceitei fazer a sua SSma Vontade. (...) Ele disse-me: «A Obra será bem sucedida, desejo-a de todo o coração»"[2].

Caminhar ... seguros pelas mão de Deus é experiência maravilhosa!!!

É extraordinário e maravilhoso sentirmos a mão do Senhor nas nossas mãos

É extraordinário e maravilhoso sentirmos a mão do Senhor nas nossas mãos a segurar-nos, a conduzir-nos, a livrar-nos dos perigos, a puxar-nos constantemente para a LIBERDADE, para a ALEGRIA e para o AMOR!

É extraordinário e maravilhoso sentirmos a Sua Mão a abrir-nos o pensamento e o coração às dimensões e necessidades dos outros, às necessidades do mundo, sem procurar contrapartidas! Também Eugénie estava convencida do que Jesus desejava: "Jesus esperava por mim, lá longe" (AMV p. 29).

É extraordinário e maravilhoso sentir a Sua Mão a conduzir e a movimentar os nossos pés e também a reanimar a nossa fé, por vezes mortiça e enferma, fé que afinal está no cerne da nossa própria experiência pessoal, fé recebida no Baptismo, Fé acarinhada e ajudada a manter-se viva graças a tantas Graças de Deus e a tantos testemunhos de tantos irmãos que connosco se cruzam na vida!

Escrever sobre UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL – VIDA, não é tarefa fácil, porque isso nos leva a interiorizarmo-nos, a fazermos uma viagem a nível do pensamento, bem longa no tempo, a revermos, e talvez mesmo, a reciclarmos os nossos valores existenciais, a consciencializarmos e a assumirmos os nossos erros e fragilidades, a comandarmos de forma inteligente a catadupa de pensamentos que nos ocorrem, a pararmos muitas vezes para "DAR GRAÇAS" e "FAZER PROPÓSITOS" de "MAIS E MELHOR" resposta, no quotidiano da vida!

Gostaria de escrever uma coisa bonita, escrita com elegância e coerência, que depois quem a lesse e eu própria, sentíssemos mais alegria de viver, nos sentíssemos mais livres, mais felizes e mais comprometidos na construção dum AMANHÃ NOVO!

Embora com certa timidez, vamos arriscar a partilha

Acreditar ...

«VAI – CAMINHA ... A MÃO DE DEUS TE SEGURA!»

Esta frase que me foi dita por alguém há cerca de 45 anos, teve, tem e

[1] Eugénie Caps, *A minha vocação*. Manuscrito, p. 25. (AMV)

terá um grande impacto a todos os níveis da minha vida! Ela fez-me tomar consciência de quanto a minha pequenez, pobreza e fragilidade, mesmo física, sempre foi conduzida pela Mão do Senhor, do quanto Ele me ama desde que me deu a vida, abençoando o amor dos meus pais! "Desde o seio materno, Eu te conheço" (Jer. 1,5).

Ele me ama desde que me deu a vida, abençoando o amor dos meus pais!

De facto, a partir dessa tomada de consciência, nas situações de alegria ou de tristeza, de preocupação, incerteza ou temor, interrogando-me sobre esta realidade, invisível aos olhos físicos, mas real e profunda a nível vivencial e de fé, fazendo-me seriamente a pergunta: "SE DEUS SEMPRE TE SEGUROU" pela mão com tanto carinho e amor até hoje, porque te não segurará agora e de agora em diante? – Questionando-me desta forma, a vida apresenta-se-me doutra maneira:

- A hesitação dá lugar à confiança e à certeza ... Tudo posso naquele que me conforta" (Fil 4,13).
- O medo dá lugar à coragem ... "Eu venci o mundo" (Jo 17,33).
- A incapacidade dá lugar à ousadia e à capacidade de risco ... Sei em quem pus a minha confiança" (2 Tim 1,12).

Este mesmo questionamento foi e é motivo forte de Acção de Graças, ele me obriga a consciencializar tantos e tantos momentos em que, sem ver o «ROSTO FÍSICO» do Senhor, O tenho sentido bem presente, com a Sua Mão bem apertada na minha, tantas vezes a «PUXAR-ME» pelo e para o CAMINHO CERTO, caminho que desconheço, caminho que me atemoriza, caminho a que às vezes ofereço resistência, mas ... que é o SEU CAMINHO, aquele que Ele, porque me ama, quer que eu trilhe, porque é o único que conduz à Felicidade e dá a verdadeira alegria!... "Eu sou o caminho..." (Jo 14,6).

Sim, Caminho de Felicidade e Alegria, caminho que não se baseia em sucessos pessoais, mas em sentir constantemente a Sua presença, sentir que Ele quer operar maravilhas servindo-se de mim!

Se o ontem da minha vida foi um constante milagre do Seu Amor por mim, se tudo o que HOJE sou está enraizado no que ONTEM fui, se o ONTEM e o HOJE constroem e são pilares do AMANHÃ, ajuda-me a louvar-Te com o salmista:

"Bendiz, ó minha alma o Senhor, e toda a minha vida interior, o seu Santo nome; bendiz, ó minha alma o Senhor, e não esqueças todos os seus benefícios" (Sl. 102, 1ss).

Reconheço que a nossa vida só é Vida se for vivida numa referência fundamental a Deus: "De Ti recebi o TUDO que quero seja Teu para sempre!"

"De Ti recebi o TUDO que quero seja Teu para sempre!"

Confiar ...

Fazer memória de algumas das muitíssimas presenças Tuas na minha vida é sinal de gratidão e partilha que compromete e coloca um MAIS ... em termos de futuro!

Lembrar com gratidão o passado obriga-me a sintonizar a vida de cada dia com o Senhor que me conduz: a família que me deste e os seus bons exemplos; o bom ambiente em que cresci e os diálogos construtivos com amigas e amigos verdadeiros;

o ser ensinada a ver e a gostar das belezas da natureza, da bondade das pessoas, a apreciar os passeios, as festas, as distracções sãs; os tantos projectos elaborados e com a Tua ajuda concretizados; a saúde frágil, mas suficiente e os tantos cuidados que recebi; enfim, a Vocação Missionária e a coragem de dizer SIM a esse chamamento.

a Vocação Missionária e a coragem de dizer

- O ser capaz de aceitar que nada sei ou pouco sei, o querer ser Tua aprendiz, o ser capaz de me questionar, de pôr em questão os meus paradigmas;
- O ser capaz de encarar problemas sérios com calma e tranquilidade, transcendendo a emoção e até às vezes a agressividade;
- O ser capaz de apreciar e gostar da vida, apesar de decepções, desgostos e contratempos;
- O ser capaz de recomeçar a toda a hora, morrer para dar vida, deixar que a quenose faça parte da minha vida. "Trata-se de um aniquilamento que, todavia, está imbuído de amor e exprime o amor"[1].

O amor é o carisma da vida missionária

O amor é o carisma da vida missionária: feita de desprendimento, de despojamento da própria pessoa. A vida que é realmente votada à Missão não pode passar ao lado deste «programa de vida» - «vida de amor» - «vida de envio».

Agir ...

O missionário é também aquele que, por vocação, vive na atenção às necessidades dos outros:

- Ser capaz de nunca cruzar os braços, aceitar semear sempre, mesmo que sejam sementes pequeninas, semear gratuitamente sem esperar fazer a colheita... "Eu semeei, Apolo regou", o Senhor põe a virtude e alguém colherá!...
- Ser capaz de viver com o mínimo, como e com os pobres, sem exigências e sempre com alegria, vivendo a festa da vida na Esperança dum amanhã melhor;
- Ser capaz de acertar passo com Jesus e acertar passo com as pessoas a quem Ele nos enviou e envia;
- Ser capaz de se preocupar mais com as dores e necessidades dos outros do que com as próprias dores, sofrimentos e dificuldades;
- Olhar com serenidade os acontecimentos da vida e do mundo em que vivemos com olhar criativo e construtivo;

[1] *Redemptoris Missio* (RM), 88.

- Aceitar a nomeação para Angola, em plena guerra, partindo com uma mochila às costas e umas sapatilhas nos pés... e no coração "as Missões, objecto dos meus pensamentos e do meu ser" (AMV p. 43);
- E em Angola: "Ó Senhor como a Tua mão me segurou, protegeu e conduziu ainda mais! Como Te senti bem perto, bem comigo! Obrigada, Senhor, mil vezes obrigada!!!" "Precisamente porque enviado, o missionário experimenta a presença reconfortante de Cristo, que o acompanha em todos os momentos da sua vida ... e espera-o no coração de cada homem" (RM 88);
- Tantas e tantas viagens de avião – aviões pequenos e grandes – ombreando tantas vezes só com militares bem armados, e blindados a servirem de bancos!...
- Quantas viagens de carro, sem saber o que estaria à nossa espera na curva seguinte...
- E o «rastejar» para chegar a casa ou ter de ficar pelo caminho.

E os quilómetros feitos, as caminhadas andadas – aqui e lá – atrás de contentores, esses monstros de 20 ou 40 pés, que aqui levam tempo a preparar e dão muita preocupação e canseira, mas que lá, são gota de água no oceano. Experimentei por que Libermann diz: " Não se admitem almas fracas nesta Congregação totalmente apostólica. São necessárias apenas almas fervorosas e generosas que se dêem inteiramente e que estejam prontas a tudo empreender e a tudo sofrer pela glória do nosso Mestre"[4] (ND, I, 662 e NVE, 73):

- A falta de comida, medicamentos, roupa, colchões, material escolar e TUDO quanto faz falta na vida?
- O ruído dos "Migs" que nos machucava os ouvidos e nos angustiava o coração por não sabermos onde iriam deixar cair a sua carga mortífera?
- A impotência de resposta perante as imensas necessidades que, de forma gritante cada dia, se nos apresentavam em situações dramáticas de tantas crianças, de tantas famílias, «sem eira nem beira», que solicitavam ajuda ...
- Quantas noites sem dormir, quanta oração pedindo discernimento para «arriscar respostas», ajuda para realizar projectos sonhados, Paz para se poder trabalhar!...

quanta oração pedindo discernimento para «arriscar respostas»

Senhor, Tu sempre me iluminaste, me seguraste bem forte e conduziste pela mão!!! Compreendi por que "os dons da fortaleza e do discernimento são considerados traços essenciais da espiritualidade missionária" (RM 87).

E porque não reconhecer ainda a presença e a Mão do Senhor em muitas outras circunstâncias, umas alegres, outras preocupantes, mas TODAS fazendo parte do «CAMINHA – VAI, deixa que o Senhor te conduza pela Mão»?

[4] *Notes et Documents* (ND) e A *NossaVida Espiritana* (NVE), *Constituição das Irmãs Missionárias do Espírito Santo.*

- O paludismo «campo coberto» que com frequência e agressividade nos coloca a «bater à porta do céu"» e que, depois, nos faz regressar à terra, a preparar bagagem mais pesadinha de boas obras para lá podermos entrar!!! VAI – CAMINHA mais um pouco!
- Muitas aspirações, condições económico-sociais deficientes, estudos a superar, ano zero a arriscar! – Vai – CAMINHA!...
- Falar de alegrias, frutos já colhidos e saboreados; oh! Eles são tantos!... Bendito seja Deus que põe virtude e faz crescer e florescer os mais pequeninos e pobres esforços que se fazem!
- Crianças de ontem, sentadas em adobos, com pranchetas, não importa de que material, a servir de mesa, com folhas de bananeira a servir de papel e pauzinhos ou canas a servir de lápis; hoje são bons catequistas, casais formados e comprometidos, professores, ministros, políticos, religiosas, padres e outros!!!
- Milhares de crianças escolarizadas!!!
- Milhares de crianças, jovens e adultos registados e com o seu documento de identificação!!!
- Tanta semente lançada, tanta Mensagem enviada que só Deus sabe onde, quando e de que maneira florirá!...
- "O missionário é impelido pelo zelo das almas, inspirado na própria caridade de Cristo, feita de atenção, ternura, compaixão, acolhimento, disponibilidade e empenhamento pelos problemas do povo" (RM 89).

Conclusão

A partilha de algumas preocupações e alegrias que têm tecido a trama da minha vida, são algumas contas do rosário que rezo com frequência para louvar o Senhor da Vida, pela Mão poderosa e carinhosa com que me tem conduzido!

É bem verdade que "a ascese própria da nossa vida missionária segundo o espírito de Libermann e a nossa tradição consiste sobretudo nas privações, nas dificuldades, nos sacrifícios inerentes à nossa vida e «acolhidos com um espírito sereno, livre, aberto e pacífico, na mansidão e na alegria humilde (R.P. 2ª parte IX, 15)» que o apego a Jesus nos dá" (NVE 35).

É de facto no DAR que se recebe , é no aceitar, deixar que o Senhor faça em nós, que o coração exulta de Felicidade indizível! Por TUDO, seja o Senhor sempre louvado!

O passado até agora percorrido, projecto-o no HOJE e para o AMANHÃ, como atrás já referi. Sei, tenho a certeza, que a MÃO do Senhor continua e continuará a segurar-me e a conduzir-me: VAI - CAMINHA! Ainda não sei muito bem para onde?! Ele sabe, tenho a certeza e, por isso, faço n Ele um acto de Fé e de entrega sem limites!

Eu sei que Ele me conduzirá sempre. Esta certeza dá-me Paz e Alegria. Esta Paz e Alegria me habitarão até à definitiva visão d'Ele - num face a

face perene. Posso confirmar o que é dito na *Missão do Redentor*. A característica de qualquer vida missionária autêntica é a alegria interior que vem da fé. Num mundo angustiado e oprimido por tantos problemas, que tende ao pessimismo, o arauto da «Boa Nova» deve ser um homem que encontrou, em Cristo, a verdadeira esperança" (RM 91).

A característica de qualquer vida missionária autêntica é a alegria interior que vem da fé

Parafraseando Eugénie, termino com uma frase sua: "Eu canto, Senhor o vosso poder e reconheço que sois o autor de todas as coisas"[5].

E com Libermann, colocando a frase no feminino: "Eu sou a mulher mais feliz do mundo!"[6] (L.S. p. 7).

Irª Madalena Vieira

[5] Eugénie, *Notas Íntimas* de 2-11-1924.
[6] Cf., *Lettres Spirituelles* (L. S.), II, 300.

testemunhar a missão de cristo entre os pobres

Missionário é o homem que partilha e que nada espera em troca. É um homem que abre a sua casa, o seu coração e acolhe os pobres e partilha com eles aquilo que tem.
Passou um dia e uma noite sentado. Não quis entrar e ficou na nossa «esplanada». O jantar era massa (esparguete) com frango e uma sopa. No fim despediu-se e agradeceu. Estava com fome e queria partir para a grande viagem, mas não tinha forças. O dia e a noite que passou sentado e quase ninguém lhe ligava, queria dizer: quero continuar o meu caminho de peregrino, mas não tenho forças para avançar.

- Estágio missionário em Cabo Verde -

"Faz-te ao Largo" (Lc. 4,5)

Faz-te ao largo, foi o convite que Jesus fez aos seus discípulos. É um convite que Jesus continua a fazer hoje a todos nós e a mim também. E eu parti. Parti e para trás deixei um Pai e uma Mãe já de certa idade. Já podem imaginar o quanto isto me custou, mas de certo modo quis colocar na prática o que Jesus diz no Evangelho: «aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, (...) campos por causa do meu nome receberá cem vezes mais». Com esta certeza e alegria no coração avancei. Fui fazer o meu estágio numa altura muito importante da minha vida. Tinha acabado o meu curso e agora...? Libermann escrevia a alguém na missão: «Aproveitai (...) o momento de Deus». Muitos momentos de Deus e muitas horas de Deus, creio eu, já eu tinha desperdiçado. Não queria que este momento e esta hora fosse mais um e por isso arrisquei e fiz-me ao largo.

«Aproveitai (...) o momento de Deus»

* Vítor Ferros, Jovem Professo espiritano, a completar o curso de teologia no Porto. Fez uma experiência missionária de um ano em Cabo Verde.

O rumo escolhido foi Cabo Verde, mais concretamente, Calheta de S. Miguel, que fica no interior da ilha de Santiago. Foi aqui mesmo que fiz o meu estágio durante cerca de dois anos.

A comunidade onde fiquei a residir, em pouco tempo sofreu grandes mudanças. Mais ou menos, por altura do Natal é que a comunidade ficou estabilizada com os membros definitivos. O P. Sousa era o superior e o Pároco, P. Nuno, P. Isidoro (nigeriano) e eu estagiário.

Para situar um pouco vou descrever muito sucintamente este arquipélago composto de dez ilhas. O arquipélago divide-se em Barlavento e Sotavento. E pelos nomes são as seguintes:

Barlavento: Santo Antão; S. Vicente; S. Nicolau, Sal, Boavista e Santa Luzia (esta não é habitada);

Sotavento: Maio; Santiago; Fogo; Brava.

Durante os dois anos do meu estágio trabalhei no Sotavento, na ilha de Santiago. Esta ilha é relativamente pobre e com muitas tradições culturais. Nesta mesma ilha fica situada a capital que tem por nome Praia. A distância entre a Paróquia onde eu vivi e a capital é de cerca de 50 Km. O concelho de S. Miguel fica situado no interior da ilha e é um dos concelhos mais pobres da ilha. A população ronda os 10.000 habitantes.

Primeiras Impressões

A minha primeira impressão é que era tudo tão estranho e tudo tão novo. Recordo naquela tarde quente de 27 de Setembro de 2000 (bom, em Cabo Verde são todos os dias quentes), em que fiz a minha primeira viagem para o meu local de estágio. Ao entrar no carro que me levaria ao destino, puxo, como é hábito, do cinto de segurança e logo fico marcado com uma grande risca castanha ao peito na minha bonita e estreante T-shirt branca. Respondem-me que ali o cinto não se usa desde que o carro foi comprado há mais de 10 anos. Beleza, fiquei com uma medalha ao peito logo no primeiro dia. O estágio prometia...

As paisagens eram uma beleza, qual quadro de Picasso na mais bela exposição... A cada Igreja que aparecia eu perguntava ao meu motorista Fernando, se era aquela a Paróquia, ao que ele me respondia: Não, mas é já ali. Para aquilo que era «já ali» levou mais de uma hora de viagem. Mas chegámos vivos e inteiros à minha nova casa.

voltar a ser criança, como diz Jesus, e aprender este mundo novo e maravilhoso da missão

Olhei e mais que olhei e nada me pareceu como eu imaginava a «minha missão». Um missionário com batina branca, barba branca, muito capim e casas de palha. Nada disso, era uma Paróquia simples e pobre, mas bem arranjada. Disse para mim mesmo, Victor andas a ver filmes a mais, deixa isso e começa o novo a, e, i, o, u da missão. Foi mesmo voltar a ser criança, como diz Jesus, e aprender este mundo novo e maravilhoso da missão, qual criancinha da 1º classe a romper os fundilhos das calças e aprender o a, e, i, o, u para começar a ler.

Aprendizagem do Crioulo

Logo que pude lancei-me ao trabalho da aprendizagem do crioulo. Repto lançado pelo meu superior e que cumpri «quase a preceito». Recebido o horário das minhas aulas e sabido dos meus trabalhos pastorais combinei com a Mana Filó para me dar umas lições. Chamo-lhe mana Filó, pois é uma Irmã do Sagrado Coração de Maria que trabalhava comigo na escola. O seu verdadeiro nome é Irmã Filomena. O engraçado é que efectivamente só houve uma única aula. Imagino o que devem estar a pensar, que eu não gostei da professora. Não foi o caso. O caso é que a actividade começou a aumentar e não houve tempo para ir a mais aulas. A Mana Filó levou tão a sério, que ao fim de um mês disse-me que tinha chumbado por faltas. Ao que eu respondi, que foi por faltas, mas não por não saber. E quanto ao crioulo, tentei aprender com as crianças e alunos. Creio que também foram óptimos professores para mim.

O meu trabalho... as aulas

A minha grande ocupação semanal eram as aulas. Fui dar aulas para a escola da Paróquia. O nome da escola é - Escola Secundária Padre Moniz. Padre Moniz, foi um sacerdote missionário espiritano dos Açores que fundou esta escola para pobres mais pobres da Paróquia. É a única escola do concelho, não tendo liceu público. Este concelho é dos mais pobres e por isso as carências eram bem visíveis, quer ao nível das infra-estruturas, quer ao nível de pessoas com formação para leccionar. Hoje assumiu outras proporções, de pequena escola paroquial, passou para uma escola oficial que hoje ultrapassa os 1000 alunos. Hoje o nome da escola é reconhecido em Cabo Verde como uma Escola de valores e de exigência.

A escola é de âmbito paroquial, mas com paralelismo científico e pedagógico ao nível de equivalência com todas as outras escolas ditas públicas. Resumindo, é uma escola privada gerida pela Igreja.

Durante dois anos fui professor nesta escola. As aulas que leccionava dão pelo nome de **F**ormação **P**essoal e **S**ocial (**FPS**). Esta disciplina consistia basicamente na formação humana.

A minha experiência em dar aulas era nenhuma e foi ali onde eu dei os primeiros passos. Tinha a matéria académica na ponta da língua, mas faltava-me a prática, o «traquejo».

Dar aulas foi para mim um tempo de bastante enriquecimento. Sempre tinha estado no outro lado da carteira como aluno e ver-me ali como professor foi uma sensação e uma experiência nova. As longas noites a corrigir testes, muitas vezes à luz das velas. Os mesmos erros dos alunos que muitas vezes esgotam a paciência do professor e que nunca percebi muito bem porquê enquanto aluno, mas que ali percebi muito bem.

Com muita franqueza vos digo que não estava ali por causa do dinheiro, nem de qualquer outra coisa. Digo isto porque podia estar a dar aulas numa escola em Portugal, com menos trabalho, melhores condições e perto da

minha família. Mas vi, e agora ainda vejo melhor, que trabalhar numa escola mais pobre, com mais carências a todos os níveis é onde Deus quer que eu esteja. E eu estive e fui muito feliz.

Escrevia alguém que poderia esquecer a data do aniversário do amigo ou amiga, esquecer uma encomenda de um cliente, ou outra coisa qualquer, mas nunca poderia esquecer tudo aquilo que viveu. Concordo plenamente. E diria mais. Dizem que não há amor como o primeiro. Este meu estágio foi o meu primeiro amor pela missão, que não poderei esquecer facilmente, nem eu o quero esquecer.

A Pastoral

A minha vida, ou melhor, o que eu fazia não se limitou só às aulas na escola. Ao fim de semana dava uma pequena ajuda nos trabalhos da Paróquia. Desde as vocações, acólitos, escuteiros até à juventude eu tentava acompanhá-los mensalmente. Assim, com um grupinho de adolescentes – raparigas e rapazes – eu reflectia com eles, rezava com eles para despertar neles, primeiro o amor pela Igreja, e a seguir o que eles ou elas queriam ser na vida. Todos juntos discerníamos sobre as várias vocações que o Evangelho nos oferece e no fim da cada reunião tentava fazer que todos nós as tomássemos como exemplo para a nossa vida. O clero local masculino é ainda em reduzido número e nunca é demais consciencializar e sensibilizar os adolescentes desde pequenos para este facto. Apesar de algum trabalho feito, vejo que o empenho colocado não condiz com os frutos, mas como Libermann dizia: "As árvores cujo crescimento é lento, tornam-se grandes e poderosas e duram séculos. Se vos acontecer que tenhais um sucesso fácil e rápido numa missão, tremei por esta missão. Pelo contrário, quando a missão pede tempo e oferece dificuldades, augurai-lhe bem".

O Senhor da messe sabe muito bem do que é que nós precisamos para o bom êxito da missão

No meio de tanto trabalho, queremos logo ver os frutos, e quando o não vemos, como que ficamos meios desalentados, mas tudo isto me fez reflectir e consciencializar que não podemos contar só com as nossas forças. O Senhor da messe sabe muito bem do que é que nós precisamos para o bom êxito da missão, nós é que pura e simplesmente o esquecemos e pensamos que vamos salvar o mundo. Puro engano. Faz-me lembrar a «hortinha missionária» que conseguimos fazer numa pequena horta da Paróquia. Antes de regressar a Portugal deixámos plantados vários tipos de verduras. Plantámos, mas não colhemos. Com a missão de Cristo passa-se exactamente a mesma coisa. A missão é de Cristo, não a nossa. Não trabalhamos para o nosso reino, mas para Jesus e o seu Reino.

"Aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, (...) campos por causa do meu nome receberá cem vezes mais" (Mt. 10, 37).

Não imaginam, mas sempre que passava por esta passagem do Evangelho eu me questionava. Como é que isto era possível? Deixar, para receber mais depois. É verdade, pude experimentar tudo isto que Jesus nos diz no Evangelho no meu estágio ao longo de dois anos. Não parti com a pretensão de

querer receber mais, mas parti, porque apesar de custar um pouco acreditar, eu confiava e confio em Jesus. Jesus me dá essa força para eu confiar, "não vos preocupeis, (...). Procurai o Reino de Deus e a sua Justiça, e em tudo o mais se vos dará por acréscimo".

Deixei Pai, Mãe, Irmãos. Recebi outros pais, outras mães e outros irmãos. Recebi cem vezes mais.

Nho Tiniz e Mana Filó

Pude experimentar o rosto de Deus no povo onde eu estive

Tomo nota das palavras e das passagens que marcaram o meu estágio. Dou graças a Jesus por tudo o que descobri, recebi, pondo-me à escuta da sua Palavra. Um ano depois ao fazer silêncio de tudo o que vivi, releio os apelos, releio as minhas respostas e tenho uma sensação agradável que tudo isso me ajudou a abrir caminhos novos no meu coração.

Nunca mais me esqueço das várias pessoas que foram verdadeiros pais e mães para mim. Marcaram-me profundamente. Pude experimentar o rosto de Deus no povo onde eu estive. Descobri a sua marca nessas mesmas pessoas que me exprimiram a sua ternura e carinho.

Nhô Tiniz, homem grande (creio que ultrapassa a altura de 2 metros) e um grande homem. Grande homem, grande cristão, grande pai. Todas as vezes que me encontrava, não faltavam as suas palmadinhas nas costas. «Senhor Victor, mamã ku papá tchoma pa li manente? Mamã ku papá stá drêtu? Mim ta pide a Nhor Dés pa es. Mim ta raza pa es. E bó? Modi ki bu stá? Bu ten ki cume más um cusinha». Isto é quase português, mas vou traduzir: «Senhor Victor, o Pai e a Mãe telefonam-te de vez em quando? Estão bem? Peço a Deus por eles. Rezo a Deus por eles. E tu? Tens que comer mais um pouco».

A sua preocupação era notável. Carinho de Pai, e sobretudo de um grande amigo. Eram estas as palavras que com grande ternura e carinho me dizia quase todas as manhãs no fim da Eucaristia. Estas palavras «doces e suculentas» eram muitas vezes para mim o melhor do meu pequeno almoço.

Mana Filó, como eu lhe chamava de vez em quando e que ela me retribuía com um grande sorriso, era e é um nome que me é muito querido e que nunca poderei esquecer. Mana Filó é uma irmã muito discreta, mas muito atenta a tudo. De tão atenta que era nada lhe escapava, apesar do muito trabalho que tinha. Pela roupa que eu vestia dizia-me exactamente como eu estava nesse dia. Eu ficava espantado. O que é certo é que acertava. Para tudo tinha uma solução, ou não fossem os «remédios di terra» uma cura milagrosa. De todas as vezes que eu ou outra pessoa andava mais em baixo de saúde lá vinha com o «seu remédio di terra» que nunca soube de que ervas é que eram, mas que sempre confiei. Em todos os seus gestos colocava o seu coração de mãe. A Filó sabia que eu era um pouco «fatioteiro», que em português quer mais ou menos dizer «guloso», mas até nisso se esmerava e estava atenta e pelo escondido me enchia o armário com coisas boas como «camoca» (milho torrado e depois moído) e outras coisas boas.

rostos anónimos da missão que foram para mim estímulo e conforto para continuar a trabalhar para Jesus

Por todos estes gestos e por tantos outros que me marcaram dou graças a Deus pelas pessoas com quem eu vivi e de quem recebi mais do que o que eu dei. Agora compreendo muito melhor a passagem do Evangelho. E como estes casos poderia contar muitos outros. Bendito seja Deus por todos estes rostos anónimos da missão que foram para mim estímulo e conforto para continuar a trabalhar para Jesus.

Missionário, é o homem que partilha e que nada espera em troca

Partilhar o Pão e a Fome

Esta música que já todos nós conhecemos diz-me muito: "E à mesa de Deus reúnem os povos, partilhando o pão e a fome de todos".

Missionário, é o homem que partilha e que nada espera em troca. É um homem que abre a sua casa, o seu coração e acolhe os pobres e partilha com eles aquilo que tem. Hoje, passado um ano do meu estágio, eu ainda tenho bem presente as bonitas «passagens de Deus» pela nossa casa e de que no momento parece que não nos damos conta.

Pedro, era um velhinho pobre igual a tantos outros. Tinha um «nominho» muito original, «Ana Sepique». Creio que é assim que se escreve, mas também não é o mais importante. «Nominho» é o nome com que a pessoa é conhecida. Pedro era o seu nome de baptismo. A sua barba já não via a lâmina há algum tempo. Quase sempre tinha um copo de grogue a mais. Mas quando estava sóbrio era um homem que vivia a Eucaristia com os seus gestos muito peculiares. Quando na Eucaristia o padre precisava que os fiéis deixassem a porta e se chegassem à frente e não vinham, logo ele se prontificava a trazê-los. O que é certo é que ele conseguia o que nem às vezes o padre conseguia. Pernoitava por ali, e muitas vezes nas noites mais frescas lhe cedíamos um cobertor para se aquecer. Logo pela manhã o entregava muito bem dobradinho e se ajoelhava em frente de um nicho à entrada da casa e aí rezava.

Um dia, começou a ficar um pouco doente. Passou um dia e uma noite sentado. Tinha o rosto muito sério, o que fazia ver pelo rosto que estava a sofrer. Nessa noite quisemos partilhar a refeição com ele. Não quis entrar e ficou na nossa «esplanada». Estava a chover e não se via nada, pois já tinha escurecido. Era uma chuva muito miudinha, que entre nós designamos como «chuva molha tolos». O jantar era massa (esparguete) com frango e uma sopa. Ao vê-lo e ouvi-lo comer com tanta satisfação ficámos todos contentes. No fim despediu-se e agradeceu. Se a memória não me falha, Pedro nessa noite faleceu. Ainda hoje eu sinto essa chuva miudinha a cair e o Pedro a comer. Estava com fome e queria partir para a grande viagem, mas não tinha forças. O dia e a noite que passou sentado e quase ninguém lhe ligava, queria dizer: quero continuar o meu caminho de peregrino, mas não tenho forças para avançar. Quem me quer ajudar?

Neste rosto já cansado pela idade era Deus que estava ali a passar

Neste rosto já cansado pela idade era Deus que estava ali a passar. Deus queria fazer uma visita e fez, mas nem sempre nos damos conta porque esperamos sempre uma pessoa bem vestida, barba feita a cheirar a after shave da última moda. Pelo contrário, Deus aparece nestes pobres rejeitados pelos homens, nestes rostos, qual samaritanos que à primeira vista não nos

merecem simpatia, nem compaixão.

Missionário, homem de Deus, homem dos pobres, que abre o seu coração de Pai para repartir do que tem com quem não tem. Basta uma palavra amiga, de conforto e esperança. Quem acolhe um destes pequeninos é a Deus que se recebe. Grande verdade do Evangelho de que hoje tenho mais consciência e mais sensibilidade. Obrigado, Pedro, por me mostrares tudo isso.

"o homem moderno não está interessado tanto em professores, mas em testemunhas, e se eles ouvem os professores, é por causa do seu testemunho"

Em jeito de conclusão, diria o seguinte: fui professor e muitas outras coisas e empenhei-me nas funções de que me encarregaram, mas, no dizer de Paulo VI "o homem moderno não está interessado tanto em professores, mas em testemunhas, e se eles ouvem os professores, é por causa do seu testemunho".

Fiz-me ao largo e muito humildemente tentei testemunhar a missão de Cristo entre os pobres.

Victor Ferros

Paulo Vaz *

jsf sopro do espírito na igreja

Os JSF foram, desde o início, uma comunidade de grupos, a mais básica e pedagógica de todas as comunidades, onde os cargos correspondiam efectivamente a serviços e onde cada responsabilidade equivalia não a uma honra, mas a uma entrega. Foi dentro dessa lógica de partilha, entrega, comunhão e compromisso que aceitei ser animador de um grupo e, mais tarde, presidente do movimento. Os homens que formam a Igreja e nela participam andam por vezes demasiado embrenhados em raciocínios sociológicos e em lógicas de recursos (humanos e talvez não só...). E fizemos isto com a entrega do nosso tempo, da nossa energia, dos nossos talentos e, enfim, de uma parte das nossas vidas. Cristo morreu e ressuscitou. Porque o Espírito vivifica. Opera em nós e através de nós.

É com alegria que procuro gravar em texto, quatro pontos essenciais do meu sincero e sentido testemunho de pertencer a esta grande família missionária que me acolheu enquanto jovem sem fronteiras.

1. Os Jovens Sem Fronteiras (JSF) transformaram a minha vida. Não por me terem elevado à dignidade de presidente, mas precisamente pelo contrário: por me terem devolvido a simplicidade. Com efeito, se é por ter sido o primeiro presidente do movimento que fui convidado a escrever este artigo, a verdade é que o que realmente me faz sentir grato, em toda a história da minha ligação aos JSF, é o facto de ter pertencido a um dos grupos de base, que ajudei a relançar e que ainda hoje se mantém activo. É que os JSF foram, desde o início, uma comunidade de grupos, a mais básica e pedagó-

descobri nos JSF uma forma talvez mais pura de viver a fé

* Paulo Vaz, casado, dois filhos, professor do Colégio Marista em Lisboa, foi o primeiro Presidente Nacional dos Jovens Sem Fronteiras.

gica de todas as comunidades, onde os cargos correspondiam efectivamente a serviços e onde cada responsabilidade equivalia não a uma honra, mas a uma entrega. E eu, já participante em muitos grupos de Igreja, habituado a desempenhar todo o tipo de funções e suposto conhecedor de muitas doutrinas e vivências, descobri nos JSF uma forma talvez mais pura de viver a fé: uma oração de mãos dadas, mais do que de mãos postas; uma doutrina de doação, mais do que de prescrições; uma estrutura de comunhão, mais do que de hierarquia. E uma caminhada de implicação, programada a partir de objectivos claros. Foi dentro dessa lógica de partilha, entrega, comunhão e compromisso que aceitei ser animador de um grupo e, mais tarde, presidente do movimento. Porque essas tarefas não me afirmavam superior, antes me comprometiam a ser igual.

os JSF foram um (mais um!) sinal de que a Igreja é uma comunidade banhada pelo Espírito Santo

2. Os JSF foram o sopro do Espírito na nossa Igreja. Dito de outra maneira: acho que os JSF foram um (mais um!) sinal de que a Igreja, mais do que uma simples estrutura humana, é uma comunidade banhada pelo Espírito Santo, única verdade que a assiste e vivifica. Os homens que formam a Igreja e nela participam andam por vezes demasiado embrenhados em raciocínios sociológicos e em lógicas de recursos (humanos e talvez não só...) e esquecem a singela origem de tudo isto: Jesus Cristo, animado pelo Espírito, chamava, ensinava e enviava. Ou seja: congregava os discípulos à sua volta, oferecia-se como exemplo e mandava aos discípulos que se fizessem eco do que tinham visto e ouvido. Foi a simplicidade desta experiência que se viveu nas actividades do nosso movimento desde o início. Nós juntámo-nos em torno de Jesus Cristo como modelo e do Evangelho como programa de vida, concretizado no ideal missionário, e deixámo-nos encher até transbordarmos. E fizemos isto com a entrega do nosso tempo, da nossa energia, dos nossos talentos e, enfim, de uma parte das nossas vidas. Mais uma vez a exemplo de Cristo: afinal de contas, ele entregou a sua vida inteira. Morreu e ressuscitou. É verdade: ressuscitou! E fica-nos o sinal de que, nesta nossa ténue imitação de entrega em que morremos um pouquinho para nós, também nos sentimos mais vivos e comunicamos vida. Porque o Espírito vivifica. Opera em nós e através de nós.

Creio poder dizer que os JSF contribuíram para devolver a missão à paróquia

3. Os JSF foram uma profecia e um sinal de contradição nas paróquias que tiveram a coragem e a graça de acolher a formação de um grupo. Foram uma profecia porque, ao agirem como grupos de animação missionária no seio das comunidades paroquiais, alertaram os jovens dos grupos e as próprias comunidades para uma realidade que eles praticamente ignoravam ou da qual, pelo menos, andavam alheados. Creio poder dizer que os JSF contribuíram para devolver a missão à paróquia, no sentido em que, através da reflexão e compromisso dos jovens dos grupos, provocaram uma consciencialização de que as comunidades paroquiais participam da missão evangelizadora da Igreja e devem assumir-se como retaguarda da Igreja missionária, abrindo os ouvidos para escutar o clamor do povo, qualquer que seja a distância e arregaçando as mangas para a solidariedade, onde e

quando for preciso praticá-la. E foram um sinal de contradição porque esta consciencialização levou ao reconhecimento de que as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) eram, elas próprias, espaço de missão. Creio poder também dizer que os JSF contribuíram para devolver a paróquia à missão. Com efeito, a fim de se tornarem verdadeiras comunidades evangelizadoras, as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) teriam de aceitar ser evangelizadas, de acordo com a mística e a dinâmica de uma Igreja missionária ao ritmo do terceiro milénio.

4. Finalmente: não é por saudosismo ou pessimismo que escrevo quase tudo no passado. É talvez por modéstia ou, se quisermos, por noção das proporções. Sei o que vivi nos JSF e sei quando o vivi. Lembro-me dos rostos que me sorriam quando olhava para o lado e recordo o calor das mãos que apertava nas minhas, ao longo do caminho. Seria desonesto se não mencionasse aqui o nome do padre Firmino que, mais do que um coordenador, foi para mim um líder; mais do que um líder, foi uma referência. Guardo a memória das entregas que realizei e das renúncias que fiz, do mesmo modo que sinto a amargura daquelas que não consegui assumir e convivo com o espaço vazio de tudo o que não fui capaz de fazer. Mas tudo isso é olhar para trás, porque sei que a minha vida disparou noutra direcção e só a espaços, episodicamente, se cruza com o movimento que me deixou esta língua de fogo a arder cá dentro. Não é isso, afinal de contas, o que importa? Deixar-se inflamar pelo Espírito e atear este fogo no mundo?...

gente que olha para a frente com uma nova frescura do mesmo sonho

Os Jovens Sem Fronteiras renovaram-se, porque a Palavra Eterna é como um vinho sempre novo que sempre busca odres novos. O movimento é agora composto por gente nova que celebra vinte anos de uma caminhada que se compromete a assumir como sua também. É gente para quem eu pouco mais sou do que uma referência histórica e é por isso que escrevo no passado. Mas é gente que olha para a frente com uma nova frescura do mesmo sonho e, por isso, deixo à actual presidente a coragem, a graça e o compromisso de falar no presente.

Paulo Vaz

biblioteca espiritana

O dinamismo de renovação do ser espiritano e de partilha do seu carisma missionário esteve patente em muitas celebrações que foram realizadas pelos Missionários do Espírito Santo ao longo do ano espiritano cessante. Para além das celebrações festivas a que se associaram grande número de pessoas, houve também um leque insigne de membros da Igreja que expressaram publicamente o seu apreço pela obra realizada ao longo dos 300 anos e que deixaram, pelas suas palavras, um apelo e um testemunho de inegável interesse para a história. Missão Espiritana aprecia esses contributos registando-os como "documentos" nesta secção Biblioteca Espiritana.

Documento 1

Mensagem de João Paulo II
A atenção aos pobres e o anúncio do evangelho

Ao Padre PIERRE SCHOUVER, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, no terceiro centenário de fundação.

1. Desejo transmitir-lhe as minhas ardentes saudações, enquanto se encontra reunido em Roma, juntamente com os membros do Conselho Geral da Congregação do Espírito Santo, para preparar as festividades que, durante este ano e o próximo, marcarão a vida da vossa Família religiosa. Alegro-me pelo espírito com que desejais viver estes aniversários e revigorar o vosso carisma e o vosso compromisso no campo da missão.

2. No próximo ano celebrareis o terceiro centenário da Congregação, fundada em 27 de Maio de 1703, por um jovem diácono de vinte e quatro anos, Claude-François Poullart des Places. No início tratava-se de um seminário dedicado ao Espírito Santo, que tinha a Virgem Maria como ponto de referência, aberto aos estudantes pobres que o vosso Fundador destinava para o serviço às paróquias mais esquecidas do Reino de França. A jovem

Congregação encontrou imediatamente uma dimensão missionária, com o envio do primeiro sacerdote para a região de Quebeque e, depressa, outros partiram para a Cochinchina, o Senegal e a Guiana. Cerca de um século e meio mais tarde, em 1848, o Padre Francisco Maria Libermann, nascido numa família judaica da Alsácia e filho de um rabino, convertendo-se à fé cristã com a idade de vinte e quatro anos tornou-se o segundo Fundador da Congregação unindo-a à Congregação do Sagrado Coração de Maria, por ele mesmo fundada em 1841, e orientando-a de maneira prioritária para o serviço missionário no continente africano. Ainda no corrente ano, vós celebrastes o segundo centenário do seu nascimento e o centenário da sua morte.

3. Enquanto dou graças a Deus pela importante obra que a vossa Congregação realiza há três séculos, sobretudo no campo da evangelização em África, nas Antilhas e na América do Sul, convido-vos a permanecer fiéis à dúplice herança dos vossos Fundadores: a atenção aos pobres, a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas, e ao serviço missionário, ou seja, o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não acolheram a mensagem do Evangelho. Esta dupla fidelidade, reconfirmada pelo vosso último Conselho Geral alargado, realizado em Pitsburgo, levou-vos com frequência a começar a vossa obra missionária a partir da fundação de uma escola, em ordem a instruir os jovens e permitir-lhes que acedam ao conhecimento, mas também, e sobretudo, que recebam uma educação autêntica, que dê a cada um o sentido da dignidade, dos direitos e deveres que lhes são próprios. Neste mesmo espírito como deixar de recordar a Obra dos Órfãos Aprendizes de Auteuil (1923) confiada à vossa Congregação? Depois do vigoroso impulso dado pelo Beato Padre Brottier, e agora sob a vossa protecção, ela continua a viver o vosso carisma missionário junto dos jovens que passam por grandes dificuldades em virtude da pobreza, da desagregação da célula familiar, do mau êxito escolar e da marginalização social. Permanecei atentos aos apelos do Espírito, para chegar aos pobres de hoje e anunciar a Boa Notícia que lhes é destinada: trata-se do próprio sinal do advento dos tempos messiânicos, como Jesus anunciou na si-nagoga de Nazaré (Lc. .4,18).

4. No exemplo dos vossos fundadores, reconhecestes na espiritualidade da consagração ao Espírito Santo uma escola de liberdade evangélica e de disponibilidade para a missão. "(Com efeito), é sempre o Espírito que actua, quer quando dá vida à Igreja, impelindo-a a anunciar Cristo, quer quando semeia e desenvolve os seus dons em todos os homens e povos, conduzindo a Igreja à descoberta, promoção e acolhimento destes dons, através do diálogo... *Ele é o protagonista da Missão!*" (Redemptoris Missio, 29-30). Depois de ter des-cido sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, para fazer deles os primeiros missionários do Evangelho, o Espírito continua a animar a Igreja e a enviá-la para que anuncie a Boa Nova nos quatro cantos do Mundo. Permanecei apegados a esta devoção ao Espírito Santo, que caracteriza a vossa Família religiosa.

O Espírito que une a Igreja e que em toda a parte a reúne para fazer dela o povo da nova Aliança, chamou-vos para a vida comunitária. Que possais ser atentos à vivência desta experiência na vossa vida quotidiana! Com efeito, a vida comum e fraternal é uma ajuda preciosa ao longo do caminho, às vezes difícil, dos conselhos evangélicos e do compromisso missionário. Além disso, para nós, contemporâneos, constitui um testemunho do amor de Cristo: "Este é o mandamento que recebemos d' Ele: quem ama a Deus, ame também o seu irmão" (1Jo. 4, 21).

5. Não faltam dificuldades ao longo do caminho da evangelização. De modo especial nalguns países, vós sofreis em virtude da falta de vocações, que debilita o vosso dinamismo. Contudo, esta provação não é especialmente vossa: hoje em dia, ela diz respeito a muitas dioceses e Famílias religiosas. Todavia, esta crise toca-vos de maneira particular, porque sempre atribuístes um lugar importante às vocações, no contexto da vossa própria pastoral missionária, criando seminários menores nas Igrejas jovens que vos eram confiadas. Esta atenção especial levou-vos também a receber a responsabilidade do Seminário Pontifício francês de Roma. Trabalhai em ordem a ajudar os seminaristas a preparar-se para o seu ministério, mediante uma formação humana, intelectual, espiritual e pastoral que lhes permita inserir-se na vida eclesial das suas próprias dioceses. Tudo isto pressupõe um conhecimento específico das Igrejas locais e um diálogo constante com os seus Pastores. Consequentemente, a diminuição do número de seminaristas e das vocações missionárias não deve atenuar a qualidade do discernimento e nem sequer as exigências, sobretudo as espirituais e morais, necessárias para o ministério presbiteral. Com efeito, o anúncio do Evangelho aos homens e às mulheres do nosso tempo exige testemunhas fiéis, animadas pelo espírito de santidade, que sejam sinais para os seus irmãos mediante a força da sua palavra e, acima de tudo, a autenticidade da sua vida.

6. Caros Irmãos em Cristo, não esqueço o verdadeiro nome da vossa Ordem: "Congregação do Espírito Santo, sob a protecção do Coração Imaculado de Maria". Peço à Virgem, Mãe do Senhor, e Rainha dos Missionários, a sua benévola intercessão para vós e inclusivamente para os numerosos membros da vossa Congregação, espalhados pelo mundo inteiro ao serviço do Evangelho. Que a Virgem bendita seja sempre um exemplo e um modelo espiritual para vós! Oxalá o seu "sim" ao Senhor constitua a regra da vossa vida! A todos concedo, do íntimo do coração, a Bênção apostólica.

Vaticano, 20 de Maio de 2002

João Paulo II

Documento 2

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

FAZER-SE AO LARGO, COM A FORÇA DO ESPÍRITO

Os 300 anos dos Missionários do Espírito Santo

1. Os Missionários do Espírito Santo celebram os 300 anos da sua história. Para assinalar este marco jubilar, o último Capítulo Geral desta Congregação decidiu celebrar um "Ano Espiritano" entre o dia de 2 de Fevereiro de 2002 - dia do aniversário da morte do seu segundo Fundador, P. Francisco Maria Libermann - e o Pentecostes de 2003.

Esta comemoração, no dizer do seu Superior Geral, o P. Pierre Schouver, em carta dirigida aos membros da Congregação, tem como objectivo "voltar à inspiração das nossas origens, para a actualizar, respondendo de maneira criativa aos desafios do nosso tempo... Não se trata de "viajar" pelos arquivos da Congregação. Se olhamos o passado, é como uma preparação para uma longa travessia, para nos fazermos ao largo, com a força do Espírito".

A Igreja em Portugal e a própria sociedade portuguesa, que ao longo de mais de cem anos vem beneficiando da riqueza da sua acção, não podem ficar alheias à celebração desta efeméride. Com a presente Nota Pastoral, os Bispos portugueses associam-se ao júbilo e à acção de graças dos Missionários Espiritanos, agradecendo o seu serviço à Igreja, salientando a actualidade do seu carisma e estimulando-os a continuarem a consagrar a sua vida ao anúncio do Evangelho e à promoção humana dos mais desfavorecidos.

2. A Congregação do Espírito Santo foi fundada no dia de Pentecostes de 1703 por um jovem de Rennes (França), Cláudio Francisco Poullart des Places, que trocou a toga de advogado pela carreira eclesiástica, em vista de ser ordenado sacerdote. O Fundador começou por abrir um seminário consagrado ao Espírito Santo e destinado à formação de estudantes pobres, candidatos ao sacerdócio. Este seminário, em obediência às orientações do Concílio de Trento, pretendia formar clero para as paróquias mais abandonadas da França e para os postos mais humildes para os quais era difícil encontrar obreiros. Depois, voltou-se para a primeira evangelização em terras longínquas, à medida que esta se revelara a grande prioridade missionária no tempo colonial.

Cerca de um século e meio mais tarde, o jovem Francisco Maria Libermann, nascido numa família judaica da Alsácia (França) e convertido ao cristianismo com 24 anos de idade, fundou em 1841 a Congregação do Coração de Maria - conhecida por "Obra dos Negros" - que viria a unir à do Espírito Santo em 1848. Tornou-se, deste modo, o segundo Fundador desta Congregação que orientou definitivamente para a primeira evange-

lização, especialmente no continente africano.

3. O Papa João Paulo II, na mensagem que dirigiu ao Superior Geral dos Espiritanos, a propósito deste centenário, congratulando-se com a obra que a Congregação vem realizando há três séculos, sobretudo no campo da evangelização na África, nas Antilhas e na América do Sul, convida os Espiritanos a "permanecerem fiéis à herança recebida dos seus fundadores, a saber: a atenção aos pobres e a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas e o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não conhecem a mensagem do Evangelho".

Esta dupla finalidade carismática continua a ser uma urgência para o nosso tempo, pois, como diz João Paulo II na Carta Encíclica Redemptoris Missio, "o número daqueles que não conhecem a Cristo e não fazem parte da Igreja, está em contínuo aumento" (n. 3). Segundo a herança que receberam dos seus Fundadores, os Espiritanos são especialmente consagrados ao Espírito Santo. A sua espiritualidade exprime-se, antes de mais, "no viver em plena docilidade ao Espírito e em deixar-se plasmar interiormente por Ele para se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo" (RM 82).

É esta disponibilidade apostólica, de que Libermann tanto falava e de que o Coração de Maria é o modelo mais perfeito, que os mantém sempre nas fronteiras da missão, lá onde as necessidades da Igreja são mais urgentes.

4. No percurso da missão espiritana, ao longo destes 300 anos de história, importa destacar algumas intuições que marcaram a missão moderna e estão na base da visão missionária do Concílio Vaticano II.

- O homem como caminho da missão (cf. João Paulo II, Carta Encíclica Redemptor Hominis, 12). O Venerável Padre Libermann, na sua visão missionária, está particularmente atento ao crescimento da pessoa em todas as suas vertentes e ao apoio familiar e sociológico de que a fé precisa para crescer e se consolidar. As grandes linhas de força do seu projecto missionário serão a escola, a formação profissional e agrícola e o amparo familiar. A missão espiritana será um laboratório onde se formará o homem novo, protago-nista da sua própria história.

- A missão como encontro de culturas. Libermann recomendava aos seus missionários que se "despojassem da Europa, dos seus costumes, do seu espírito, que se fizessem negros com os negros, para os formar não à maneira da Europa, mas segundo a sua própria identidade cultural" (Carta à comunidade de Dakar e do Gabão, de 19/11/1847). Este diálogo cultural manifestar-se-á sobretudo através do estudo da linguística local, da antropologia e da etnologia, da botânica e da história natural, em que os missionários foram verdadeiramente pioneiros.

- A fundação de igrejas locais. O projecto missionário que Libermann apresentou à Santa Sé, em 1846, propunha-se fundar uma igreja local, com um clero e um laicado autóctones, capazes de caminhar por si mesmos. A implantação de uma igreja local implicava a promoção de um conjunto de valores que lhe servissem de suporte permanente: a aprendizagem da língua, a formação de um clero autóctone, a criação de escolas e ofici-nas, a preparação de líderes e leigos qualificados, a promoção dos valores das cul-

turas locais. Os Espiritanos foram, efectivamente, pioneiros na fundação de seminários diocesanos em terras de missão e no empenho de inculturação do Evangelho, do ecumenismo e diálogo inter-religioso.

5. Os Espiritanos vieram para Portugal em 1867 com o intuito de evangelizar Angola. De facto, neste país, a sua acção missionária contribuiu de modo decisivo para a consoli-dação da Igreja local, nomeadadamente pela formação do clero, e para a promoção humana e social do povo angolano no âmbito da educação e da saúde.

A partir de 1937, com a fundação da Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM), foram dos agentes mais activos no despertar do espírito missionário do povo português, sobretudo entre os leigos que, integrados em movimentos e grupos - com destaque para o Movimento Missionário de Professores, os Jovens sem Fronteiras, o Voluntariado Missionário, o Serviço Espiritano de Solidariedade - partilham a espiritualidade e a missão desta Congregação tricentenária. A sua história ficou marcada por figuras que se tornaram pontos de referência para a missão da Igreja, como D. Moisés Alves de Pinho (Arcebispo de Luanda), D. Daniel Gomes Junqueira (Bispo de Nova Lisboa/Huambo), o P. Joaquim Alves Correia (corajoso defensor dos direitos humanos) e D. Agostinho Lopes de Moura (um dos fundadores da LIAM e Bispo de Portalegre e Castelo Branco), sem esquecermos o grande missionário e cientista de renome mundial, P. Carlos Estermann.

Ultimamente, os Espiritanos portugueses têm diversificado a sua presença por outros países como Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Brasil, Paraguai, México, Guiné-Conacri, Taiwan, bem como entre as comunidades portuguesas na diáspora. Em Portugal - país em que se vai realizar, em 2004, o próximo Capítulo Geral da Congregação - a sua presença tem sido particularmente activa na animação missionária, na imprensa, na assistência pastoral aos emigrantes africanos, no âmbito da Justiça e da Paz, na promoção e partilha da renovação da espiritualidade missionária no nosso país.

6. Os Bispos de Portugal, ao darem graças a Deus por estes 300 anos de dedicação e generosidade, exortam os missionários do Espírito Santo a que, numa fidelidade criativa às intuições dos seus Fundadores, permaneçam atentos aos apelos do Espírito que os chama e envia aos pobres do nosso tempo (Lc 4, 18) e sejam escola de uma espiritualidade de comunhão, segundo o carisma missionário que lhes é específico, correspondendo, deste modo, "ao grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo" (João Paulo II, Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, 43).

O Episcopado faz votos para que esta Congregação, num dinamismo de fidelidade criativa, dê mais visibilidade à missionariedade da Igreja (cf. João Paulo II, NMI 40-41). O Espírito Santo, que no dia do Pentecostes desceu sobre os Apóstolos, derrame sobre cada um dos membros desta benemérita Congregação, a abundância dos seus dons, para de novo se fazerem ao largo.

Fátima, 8 de Maio de 2003.

Documento 3

Carta Circular da Diocese de Cabo Verde

Os Missionários do Espírito Santo - os Espiritanos - estão em tempo jubilar: celebram este ano os 300 anos da sua história. Efectivamente, foi na festa do Pentecostes de 1703, precisamente em 27 de Maio de 1703, que um jovem sacerdote de Rennes, em França, de seu nome Cláudio Francisco Poullart des Places, se lançou à obra. Era advogado, mas trocou a toga pela carreira eclesiástica. Começaria por abrir um Seminário dedicado ao Espírito Santo para a formação de seminaristas pobres. Os sacerdotes ali formados seriam destinados às paróquias mais abandonadas da França e aos postos mais humildes para os quais dificilmente se encontrava obreiros. Mais tarde esses sacerdotes tomariam também o rumo das terras longínquas das colónias francesas.

Cerca de um século e meio mais tarde, um outro jovem de origem judia da Alsácia, França, convertido ao catolicismo, fundaria em 1841 a Congregação do Coração de Maria que, em 1848, se viria a unir à Congregação do Espírito Santo. Francisco Maria Paulo Libermarin - foi esse o nome que o novo Fundador tomou após a conversão - orientaria definitivamente os seus missionários para a primeira evangelização especialmente para o continente africano. Era tão profunda a sua dedicação e o seu amor aos africanos que sua obra ficou também conhecida por "Obra dos Negros".

Nestes 300 anos de Missão os Missionários do Espírito Santo evidenciaram alguns aspectos mais importantes e muito actuais da acção missionária: Assim, numa primeira constatação verifica-se que o homem está no centro das preocupações missionárias dos Fundadores. Com esta intuição Libermann antecipou o próprio Concílio Vaticano II. Já nessa altura eles viram que, de facto, o homem era o caminho da Igreja, o caminho da Missão. Por isso colocou todo o seu empenho em que os seus missionários procedessem sem perda de tempo à formação e promoção integral do homem africano através da escola, da formação profissional e agrícola, do amparo à família.

Uma segunda vertente da preocupação e intuição missionária dos Fundadores era a inserção, o 'mergulho', que os missionários deviam fazer nas culturas dos povos com que se iriam encontrar. Libermann insistia fortemente com seus missionários para se 'fazerem pretos com os pretos'. Essa recomendação de despojamento deveria levá-los ao perfeito conhecimento e familiaridade com as línguas dos povos para onde eram enviados, a sua história e costumes para assim melhor poderem conhecer como processar a evangelização, a realização da Missão.

Vertente importantíssima da acção missionária não só recomendada, mas tida como prioridade da Missão pelos Fundadores para os seus missionários foi ainda a fundação das igrejas locais. Isso implicava a formação de um clero local e de um laicado responsável e consciente. Esta a razão porque os Missionários do Espírito Santo foram exímios pioneiros na fundação de seminários diocesanos em terras de missão e na formação de líderes.

Presentemente os Missionários do Espírito Santo estão em todos os continentes, destacando-se o continente africano.

Em Cabo Verde os Missionários do Espírito Santo estão desde 1941 com o Bispo D. Faustino Moreira dos Santos, vindo de Angola. A esse valoroso e incansável missionário se juntariam outros obreiros animados também de muita dedicação e zelo apostólico, que se aplicaram e se aplicam abnegadamente à Missão nas ilhas de Santiago, Maio, Boa Vista e muito recentemente também em Santo Antão. De entre os que já passaram, é de justiça mencionar outros missionários como os Padres Augusto Nogueira, Francisco Rego, Luís Allaz, João Moniz, Cyr Crettaz e tantos outros que com estes levaram ombro a ombro a Missão para a frente nestas ilhas ao tempo tão abandonadas também em termos de evangelização.

O Bispo e a Diocese de Cabo Verde, associando-se às celebrações deste tricentenário, manifestam o seu especial agradecimento à Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria pelo trabalho realizado neste mais de meio século de Missão nestas ilhas, e fazem suas as palavras do Papa na mensagem que dirigiu ao Superior Geral dos Missionários do Espírito Santo a propósito deste jubiloso centenário. João Paulo II, ao mesmo tempo que se congratula com a obra que a Congregação vem realizando há 300 anos no campo da evangelização nos cinco continentes, mais particularmente na África, nas Antilhas e na América Latina, convida os Espiritanos a *«permanecerem fiéis à herança recebida dos seus fundadores, a saber: a atenção aos pobres e a todas as pessoas socialmente necessitadas ou desfavorecidas e o anúncio da Boa Nova de Cristo a todos os homens, de modo particular àqueles que ainda não conhecem a mensagem do Evangelho»*. E a maneira de conservarem essa herança di-lo ele na sua carta Encíclica Redemptoris Missio, e consistirá *«no viver em plena docilidade ao Espírito e em deixar-se plasmar interiormente por Ele para se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo»* (RM82).

Parabéns, pois, aos Missionários do Espírito Santo, e que as celebrações de encerramento que terão lugar no próximo dia de Pentecostes, a 08 de Maio, na Paróquia de S. Lourenço dos Órgãos, sejam bafejadas com renovados sopros do Espírito de Jesus para a Missão.

Praia, 27 de Maio de 2003

Paulino Livramento Évora

Documento 4

Jubileu Espiritano em Angola

Entre as muitas manifestações e celebrações que ocorreram um pouco por toda Angola, durante o Jubileu espiritano, queremos salientar três referências públicas e eclesiais, cujo significado nos parece relevante para a história:

1. Pronunciamento da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST) na Nota Pastoral de 12 de Março de 2002: *«Publicamente nos congratulamos e associamos à celebração do Jubileu dos Missionários do Espírito Santo, a quem tanto deve a evangelização de Angola».*

2. Homenagem da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé na Celebração Eucarística de 23 de Março de 2003, na igreja de Fátima, em Luanda. Sob a presidência de D. Zacarias Kamwenho, participaram todos os bispos de Angola e S. Tomé e Príncipe, membros do Governo, deputados, diplomatas e centenas de fiéis. Na homilia, D. Zacarias Kamwenho, Presidente da Conferência Episcopal, agradeceu o trabalho desenvolvido pelas centenas de missionários que ao longo de 137 anos de presença em Angola anunciaram a Palavra de Deus.

3. Encerramento do Ano Jubilar na Eucaristia presidida por D. Damião Franklin, Arcebispo de Luanda, no dia de Pentecostes de 2003, na paróquia confiada aos espiritanos, no Prenda, em Luanda. O evento coincidiu com a ordenação de um sacerdote espiritano, P. Domingos Tchamoleha, natural da província da Huíla. Estiveram presentes também os bispos do Sumbe e do Lwena, respectivamente D. Benedito Roberto e D. Gabriel Mbilingi, que são espiritanos, e o bispo emérito do Kwito, D. Pedro Luís.

D. Damião agradeceu o trabalho realizado pelos missionários do Espírito Santo em Angola. Referindo-se ao mês de Junho, consagrado às vocações, lembrou que Luanda tem 4,5 milhões de habitantes, enquanto o número de Sacerdotes a trabalhar na diocese é de apenas 140. Por isso fez um apelo às famílias católicas para que incentivem e apoiem as vocações no seu seio.

O Superior Provincial dos Espiritanos, P. Barnabé Sakulenga, lembrou o percurso dos espiritanos durante estes três séculos. Referiu, a propósito, que nos primeiros 100 anos de existência, a média de vida dos missionários era de 30 anos, devido às doenças que os vitimavam nas terras de missão. Em Angola assistiu-se a um quadro semelhante, como se constata visitando os cemitérios da Missão da Huíla ou o de Lândana, em Cabinda. Lembrou também os compromissos espiritanos ao longo dos mais de 100 anos em Angola, com destaque para a formação de clero local, educação, defesa dos direitos humanos, estudos de linguística e etnologia e, nos anos mais recentes, apoio às vítimas da guerra.

Em Angola, os 115 espiritanos estão actualmente presentes nas dioceses

de Cabinda (Lândana), Mbanza Congo (Soyo), Ndalatando (Paróquia da Sé e Golungo Alto), Malanje (Catedral e Kalandula), Benguela (paróquias do Pópulo e de S. João do Lobito), Huambo (Missões do Cuando e do Bailundo), Bié (Missões do Chinguar e da Chanhora), Lubango (Paróquia de Nossa Senhora das Dores, Missões da Huíla, do Munhino, do Sêndi e de Caconda), Saurimo (Paróquia de Santo António), Dundo (Paróquias do Dundo e do Lukapa), Ondjiva (Missão do Chiúlo) e Luanda (Paróquia do Prenda e Casa Provincial). As casas de Formação estão em Malanje (Propedêutico), Munhino, na Huíla), (Noviciado) e Huambo (Filosofia e Teologia).

No exterior, há missionários espiritanos angolanos na República Centro Africana, Moçambique, Guiné-Bissau, República do Congo, Portugal, Espanha e Brasil.

Documento 5

CONCLUSÃO DO JUBILEU ESPIRITANO EM PORTUGAL

Registamos também nesta secção da nossa revista, pelo interesse histórico de que se revestem, as palavras proferidas pelo Provincial, P. Eduardo Miranda, nos dois momentos conclusivos da celebração dos 300 anos de fundação da Congregação: a sessão solene em Braga, no dia 6 de Junho e a celebração de encerramento na Torre d´Aguilha, no domingo de Pentecostes, dia 8 de Junho.

"Cláudio Poullart des Places, na festa do Pentecostes de 1703, sendo apenas um aspirante ao estado eclesiástico, começou a fundação da Comunidade e do Seminário consagrado ao Espírito Santo, sob a invocação da bem-aventurada Virgem Maria, concebida sem pecado"[1]. Esta é a certidão de nascimento da Congregação do Espírito Santo, como se encontra nos registos mais antigos dos nossos arquivos. Depois da celebração da festa do Pentecostes, na igreja de St. Etienne des Grês, em Paris, Cláudio e, com ele, 12 estudantes pobres, consagraram-se na capela de Nossa Senhora para levar o Evangelho aos pobres e foram viver para a casa que tinham alugado na rua des Cordiers.

Aquele pequeno grupo de estudantes pobres é hoje uma família com 3.000 membros espalhados por 60 países nos cinco continentes.

Estamos aqui reunidos não para mostrar o valor que temos como uma Congregação digna de respeito mas para louvar o Senhor e dar-lhe graças por um movimento missionário que nestes 300 anos tem sido amado por Deus e impelido pelo seu Espírito.

É a primeira vez que nos é possível celebrar um dos nossos centenários. Em 1803, porque a Congregação tinha sido dissolvida em 1792, pela onda da Revolução Francesa, os seus bens foram confiscados e os estudantes dispersos. Os membros da Congregação tiveram que fugir: uns para a Suíça, outros para a Itália, e outros ainda para Inglaterra e Estados Unidos. Não foi possível, portanto, celebrar o primeiro centenário.

Cem anos mais tarde, em 1903, exactamente como em 1803, uma outra grave crise ameaçava o coração da Congregação. A perseguição mandatada pelo primeiro-ministro francês, Emile Combes, um anti-clerical renhido, declarou ilegais 44 institutos religiosos, incluindo no número a Congregação do Espírito Santo. 12 casas espiritanas foram fechadas, mas a sagacidade do Superior Geral de então, Mons. Le Roy, conseguiu salvar a Congregação. A celebração desse centenário resumiu-se a uma circular do Superior Geral e uma novena de oração a preparar o Pentecostes.

[1] Michel, Claude-François Poullart des Places. Paris, 1962, p. 139. O documento data de 1734, mas cita um registo antigo, actualmente perdido.

Hoje, pela graça de Deus, pudemos viver este centenário com a celebração de um Ano Espiritano, com diversas iniciativas, a que se associaram não só o Santo Padre como toda a Conferência Episcopal Portuguesa. O Santo Padre, depois de ter enviado à Congregação uma mensagem especial, acaba de receber todo o Conselho Geral dos Espiritanos. Os bispos de Portugal, além de terem participado, nas suas dioceses, nas diferentes celebrações do centenário, tiveram a gentileza de escrever uma Nota Pastoral de estímulo e de congratulação, intitulada *«fazer-se ao largo, com a Força do Espírito»*.

Recordar estes 300 anos é reavivar a memória de cerca de 15 000 missionários que deram a sua vida pela causa da Evangelização.

Celebrar 300 anos é percorrer as grandes etapas de uma longa peregrinação: a missão no Extremo Oriente, quando a Congregação ensaiava os primeiros passos para as missões distantes; a missão da Acádia (quando na América do Norte o grito missionário era o mais urgente daquele tempo); a missão da Guiana e da América do Sul (onde está o povo de todas as opressões); a missão das Duas Guinés, (missão do interior desse continente mistério que os exploradores acabavam de desvendar), onde a nova África despontava; a missão da Europa em busca da sua própria identidade cristã e, ultimamente, a missão da Ásia, o continente de todas as culturas, de todas as religiões, de todas as pobrezas e expectativas.

Celebrar 300 anos é recordar todas as situações de missão que definiram a nossa maneira de ser e nos ensinaram a ler o Evangelho: o encontro com as mais diversas culturas, a fundação de igrejas locais, a luta pelos direitos dos povos e pela sua dignidade, a opção pelos excluídos e mais abandonados, a aposta na juventude e na formação da pessoa.

Celebrar 300 anos é também fazer memória dos massacres, dos naufrágios, das mortes prematuras, dos sonhos desfeitos. Nos primeiros cem anos da sua história a média de vida dos Missionários Espiritanos foi de 30 anos; só o naufrágio do Afrique, em 1920, sepultou no mar 15 missionários com o bispo Mons. Jalabert. Em Angola só de 1961 para cá, foram mortos 7 espiritanos, 40 missões foram ocupadas e 20 fechadas.

Recordar esta história é apelo a purificar a nossa memória pelos erros cometidos e ouvir a voz dos santos e profetas que nos precederam: o P. Pierre Maillard, o defensor dos índios da Acádia; o P. Lanoué, o apóstolo lendário da Guiana; o P. Le Guennec e os refugiados sem terra; o Beato Tiago Laval e os escravos da Maurícia; Mons. Shanaham e os igbos da Nigéria; o Beato Daniel Brottier e os órfãos de Auteuil; o P. Joaquim Alves Correia e o serviço corajoso do Evangelho e da Democracia.

A constante que acompanhou a Missão Espiritana ao longo da sua história foi a opção pelas periferias ou como dizem as nossas fontes «os mais pobres e abandonados». O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos: os estudantes pobres que não tinham meios para se formarem no sacerdócio, no tempo das origens; os índios das Américas; os escravos da África; os negros do tempo colonial; as crianças da rua; a for-

mação do clero indígena; os emigrantes, os deslocados de guerra e os refugiados dos tempos actuais. A escravatura, a colonização, o liberalismo nascente, o imperialismo cultural do Ocidente foram desafios com que a Missão Espiritana teve de se confrontar.

A formação das igrejas locais e do clero indígena foi uma fronteira em que os Espiritanos investiram o melhor das suas forças. Foram eles que encheram de seminários diocesanos a África inteira. Até 1910 todos os padres nativos do continente africano, provinham dos Seminários Espiritanos, excepção feita a dois sacerdotes do Natal. Nos 150 anos depois da chegada dos Espiritanos à África, quase todos os bispos africanos tinham sido formados pelos Espiritanos.

Durante estes 300 anos os Espiritanos viveram momentos particularmente difíceis. As convulsões políticas e sociais em que a Europa se envolveu, entre as quais sobressai a Revolução Francesa, as guerras liberais e a supressão das ordens e congregações religiosas, as guerras coloniais, as duas grandes guerras mundiais, as revoluções nacionais ... com tudo isso teve que lidar a Missão Espiritana. A Congregação foi suprimida duas vezes, foi ameaçada de extinção várias vezes, foi extinta em Portugal em 1910, silenciada na Polónia e na Alemanha durante a segunda guerra mundial.

Os Espiritanos foram ainda pioneiros na promoção e diálogo cultural, sobretudo no estudo da linguística local, na antropologia, na etnologia, na botânica e na geografia descritiva. Só de literatura africana escreveram os espiritanos mais de 500 obras em 70 línguas. As obras científicas dos Espiritanos em Angola, de que é justo destacar o etnólogo de renome internacional, o P.Carlos Estermann, foram estudadas e recolhidas pelos museus Botânicos e de História Natural das universidades de Coimbra, Lisboa, Paris, Londres, Berlim, Montpelier. A *"Monumenta Missionaria Africana"*, obra de altíssimo valor para o estudo da África dos séculos XVI e XVII, da autoria do historiador espiritano P. António Brásio, ficará finalmente completa com a publicação do VII volume, o que foi possível devido a uma parceria Espiritanos, Centro de Estudos Africanos da Universidade de Coimbra e o Comité Português do projecto UNESCO (*A Rota do Escravo*) sediado na Faculdade de Letras de Lisboa.

Os Espiritanos vieram para Portugal em 1867 com o intuito de formar missionários para evangelizar Angola. Foi em Portugal que se formaram gerações sucessivas de missionários, padres e irmãos auxiliares, que foram os grandes cabouqueiros da Igreja em Angola. De facto, foi sobretudo neste país que a sua acção missionária contribuiu de modo decisivo para a consolidação da igreja local, nomeadamente pela formação do seu clero e para a promoção humana e social do povo angolano no âmbito da educação e da saúde.

Em Portugal, sobretudo a partir de 1937, ano em que se fundou a Liga Intensificadora da Acção Missionária, o seu contributo directo na Igreja portuguesa tem-se desenvolvido sobretudo na animação espiritual e mis-

sionária das nossas igrejas, na formação missionária da juventude e no acolhimento e assistência aos emigrantes. Ultimamente a formação de leigos para a missão e a promoção do voluntariado missionário, bem como a animação de grupos missionários de jovens nas paróquias, tem-nos merecido uma atenção especial. Porém, este trabalho não teria sido possível se não fosse uma nova visão de Missão que nos faz realizar a Missão de forma partilhada com as igrejas locais onde estamos inseridos e com os Institutos Religiosos Masculinos e Femininos, particularmente os que têm a sua especificidade *Ad Gentes*. É por causa desta corresponsabilidade que vemos e agradecemos a presença, hoje e aqui, de alguns párocos, vários/às provinciais, assim como dos/das que fazem parte da Família Missionária Espiritana: nossos jovens em formação, amigos, colaboradores, benfeitores e leigos congregados na LIAM, JSF, MOMIP e ASES.

Quisemos centrar as cerimónias da conclusão do Jubileu em Lisboa e Braga. Lisboa, foi sempre um ponto de referência obrigatória para a Missão Espiritana. Como porto de partida dos missionários, quase desde o princípio sentimos necessidade de aqui criar uma Procuradoria das Missões que servisse de apoio aos missionários que partiam, de acolhimento aos que chegavam e de acompanhamento do seu trabalho junto das autoridades governativas ou sanitárias. Outras casas de formação como Sintra (parte da actual cadeia de Linhó), para Escola Profissional de Formação de Irmãos Auxiliares; Carnide e Torre da Aguilha como seminários de Teologia nasceram precisamente por se situarem na zona de influência da capital.

[A presença do Senhor Presidente da Câmara de Cascais e da representação do Senhor Presidente da Câmara de Lisboa, que muito agradecemos, muito nos honram e nos inspiram a revisitar muitos rostos que recordamos por inesquecíveis gestos de generosidade e carinho pela obra missionária. A partir das casas da Estrela, em Lisboa e da Torre da Aguilha, em Cascais, conhecemos amigos que nunca mais esqueceremos, dedicações que fazem parte do nosso património espiritual e afectivo: autoridades eclesiásticas, entidades governativas, médicos, conselheiros, juristas, empresários, benfeitores anónimos muitos amigos, que são parte integrante destes 300 anos da nossa história. Nada do que foi feito, teria sido possível sem a sua, sem a vossa colaboração].

Braga é-nos particularmente grata porque foi ela que nos abriu as portas e que sempre nos amparou nas horas mais difíceis. O Colégio do Espírito Santo foi um marco na promoção de muitas gerações de estudantes. Algumas das mais insignes figuras não só dessa cidade mas de todo o país, nele receberam a sua formação de base. Depois de 1920, o seminário do Fraião ficou a ser o berço que uniu indelevelmente cada um dos Espiritanos - praticamente todos por ali passaram. É a Braga, a essa cidade que devemos o primeiro movimento da Congregação do Espírito Santo em Portugal e a sua histórica presença.

A celebração deste tricentenário não foi «viajar» pelos Arquivos da Congregação. A fidelidade criativa aos nossos Fundadores e à nossa história, não é um regresso ao passado. Melhor seria falarmos de um «regresso ao futuro». O Espírito do Senhor abre-nos sempre à novidade de Deus. Neste Ano Espiritano quisemos também reflectir sobre os caminhos com que o futuro nos desafia. A missão define-se hoje menos por um movimento geográfico e mais por novos objectivos: o espírito de Assis, (diálogo inter-religioso), novos espaços da Justiça e da Paz, diálogo cultural feito de intervenção respeitosa, mundo da mobilidade e mudança, abertura à Ásia, enfim o reconhecimento das «sementes do Verbo» já presente nas culturas ... As comunidades internacionais e interculturais dão um novo rosto à Congregação. A Europa acolhe Espiritanos do Sul e os Espiritanos Europeus lançam projectos (apoio a emigrantes, toxicodependentes, sem-abrigo ...) que significam que há hoje verdadeiramente uma Missão Espiritana a realizar na Europa.

No meio destes desafios de hoje há um que é partilhado por todos os Institutos Religiosos que têm no seu carisma inscrita a dimensão missionária e, por pessoas e grupos envolvidos na dimensão missionária. No momento em que estamos na eminência de ver aprovada e assinada a Concordata revista, e em que compreensivelmente o Acordo Missionário verá o seu fim, perguntamo-nos como ficará salvaguardado e potenciado o património missionário da nossa Igreja Portuguesa e dos Institutos ou instituições que se dedicam à missionação, particularmente nos países lusófonos. Será que ao fim de séculos de tão rica história missionária, a continuidade do labor missionário, para além da sempre exigida motivação evangélica, só será viabilizada pela via da cooperação estatizante ou haverá um reconhecimento efectivo da especificidade da acção da Igreja e dos Institutos Religiosos e Missionários?

No nosso peregrinar encaramos os desafios como fazendo parte do dinamismo do nosso «regresso ao futuro». Eles habitam-nos e trazemo-los para os rezarmos também.

Um dos nossos historiadores, Henry Koren, recentemente falecido na América, refere que um historiador jesuíta, em 1986, escreve que "entre os Institutos religiosos, poucos tiveram uma história tão extraordinária como os Espiritanos". Mas, continua ele, "ela é extraordinária não tanto por ser uma parte autêntica da história profana, mas porque mostra bem aquilo que o Espírito pode realizar através de homens de boa vontade, apesar da sua fragilidade e incompetência, apesar dos obstáculos e contrariedades levantadas pelo refluxo da história" [2].

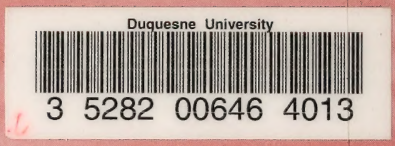
Obrigado a todos, aos que estão e a todos aqueles que por motivos de última hora não podem aqui estar, mas estão em espírito – não vou apresentar nomes para não correr o risco de me esquecer de alguém – por terdes respondido ao nosso convite para virdes dar graças connosco por estes

[2] H. Koren, Essai sur le charisme spiritain au fil de l'histoire, in Mémoire Spiritaine - études et documents nº 4, Paris, p. 172

300 anos de Missão. Rezai connosco e por nós, como o fazem os bispos portugueses no final da Nota Pastoral sobre este tricentenário: "o Espírito Santo, que no dia do Pentecostes desceu sobre os Apóstolos, derrame sobre cada um dos membros desta benemérita Congregação, a abundância dos seus dons, para de novo se fazerem ao largo".

P. Eduardo Miranda Ferreira
Superior Provincial

3 5282 00646 4013


Duquesne University
3 5282 00646 4013

GÉRARD VIEIRA
300 Anos de Vida Espiritana

ADÉLIO TORRES NEIVA
A Congregação do Espírito Santo em Braga

MANUEL GONÇALVES
Angola - Missão em Situações de Risco

TONY NEVES
JSF - 20 Anos Solidários na Missão

MANUEL MARTINS
Os Missionários do Espírito Santo em Cabo Verde

NUNO MIGUEL DA SILVA RODRIGUES
A Educação como Missão Espiritana: A Escola Padre Moniz - Cabo Verde

FRANCISCO FERNANDES CORREIA
Distrito Espiritano do Brasil Sudeste (1975-2000)

MADALENA BARBOSA VIEIRA
Caminhar ... Segura pela Mão de Deus

VÍTOR FERROS
Testemunhar a Missão de Cristo entre os Pobres

PAULO VAZ
JSF - Sopro do Espírito na Igreja

JOÃO PAULO II
CONF. EPISCOPAL PORTUGUESA
BISPO DE CABO VERDE
CEAST
EDUARDO MIRANDA